

Times & Hummingway

TER E NÃO TER



Do mesmo autor:

Adeus às armas

A quinta-coluna

As ilhas da corrente

Contos (obra completa)

Contos – Vol. 1

Contos – Vol. 2

Contos – Vol. 3

Do outro lado do rio, entre as árvores

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de morrer

Ernest Hemingway, repórter: Tempo de viver

Morte ao entardecer

O jardim do Éden

O sol também se levanta

O velho e o mar

O verão perigoso

Paris é uma festa

Por quem os sinos dobram

Ter e não ter

Verdade ao amanhecer



4ª edição

Tradução
Ênio Silveira

BB
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2015

Título original: *To Have and Have Not*

Capa: Angelo Allevato Bottino

Imagem de capa: Ed Reschke/Getty Images

Editoração eletrônica da versão impressa: Imagem Virtual Editoração Ltda.

Preparação de texto: Veio Libri

Texto segundo o novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2015
Produzido no Brasil
Produced in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

H429t Hemingway, Ernest, 1899-1961
Ter e não te [recurso eletrônico] / Ernest Hemingway; tradução Ênio Silveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.
recurso digital

Tradução de: *To have and have not*
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-286-2004-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Silveira, Ênio. II. Título.

15-19798 CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:
EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA .
Rua Argentina, 171 — 2º andar — São Cristóvão
20921-380 — Rio de Janeiro — RJ
Tel.: (0xx21) 2585-2070 Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Sumário

Apresentação

O herói do pesadelo americano

PRIMEIRA PARTE

Harry Morgan

Primavera

SEGUNDA PARTE

Harry Morgan

Outono

TERCEIRA PARTE

Harry Morgan

Inverno

Apresentação



O herói do pesadelo americano

Certa feita, Hemingway extravasou para a sua amiga e correspondente, Lillian Ross, toda a sua frustração na busca do que ele considerava *a perfeição literária*: “O diabo é que tenho esse filho da puta do Tolstói bloqueando o meu caminho e, quando consigo passar por ele, dou de cara com Shakespeare. Acontece que Shakespeare apareceu primeiro e escreveu tudo o que eu gostaria de ter escrito; então, não posso fazê-lo porque ele já o fez. O que se pode fazer quando já escreveram o que a gente queria escrever?”

De fato, não se pode imaginar um Henrique V que na véspera da batalha de Azincourt, em sua exortação triunfal, em vez de oferecer a seus soldados a morte como a maior de todas as honrarias, por estarem enfrentando um inimigo imensamente superior em número, dirija a eles palavras como: *Um homem só tem de seu os próprios cojones, sem eles está hodido* — como pregaria o protagonista de Hemingway em *Ter e não ter*, Harry Morgan. Nem talvez se encontre suficiente dimensão épica, pelo menos não a ponto de balizar um *Guerra e paz*, acreditando-se, como Hemingway, que “estamos condenados a perder e, portanto, devemos perder segundo nossos próprios termos. É o que nos resta”.

Por isso, nem Shakespeare nem Tolstói jamais comporiam um personagem como Harry Morgan.

Nele, nem se incorporam a dimensão mítica dos heróis trágicos shakespearianos nem o dilaceramento de uma era, que perpassa os principais personagens de Tolstói. E Harry Morgan não é um personagem desses em que, ao tentarmos penetrar em seu íntimo, damos com um labirinto cujas paredes são espelhos contrapostos, jogando ao infinito, e portanto esfacelando, qualquer possibilidade de interpretação.

A motivação de Harry Morgan é *pôr comida na mesa de sua família* e a convicção de que *não devia haver leis impedindo um homem de fazer isso*. E não lhe causa conflitos, nem manifestos nem submersos, tentar cumprir tal meta agindo quer de acordo com os valores oficiais, quer com o contrabando de bebidas, cometendo assassinatos e transportando passageiros clandestinos a bordo de seu barco. Eis aqui alguém que não se propõe a construir um império nem redimir a história, mas que ganha sua imponência fazendo o que *lhe resta* fazer, lutando, sem ilusões nem grandes esperanças, retardando a queda, e na margem cada vez mais estreita em que o deixam sobreviver.

E, mais uma vez, o intrigante é Harry Morgan, apesar de atuar num âmbito aparentemente tão reduzido e de não, em absoluto, pretender representar a humanidade, ter tamanho impacto trágico, e mesmo épico, no leitor. De fato, segundo os sites especializados em Hemingway, na internet, *Ter e não ter* é uma das cinco novelas mais lidas e mais populares do autor. Enfim, o que mais chama a atenção é que Hemingway tenha conseguido construir um personagem da estatura de Harry Morgan, encontrando para isso um caminho próprio e tão peculiar.

Muito da *ingenuidade americana* foi dilapidada na Depressão, que, iniciando-se em 29, redefiniu o caráter dos Estados Unidos ao longo dos anos 30. Enquanto em Nova York grandes investidores da bolsa de valores atiravam-se das janelas dos orgulhosos arranha-céus, construídos como emblemas da riqueza americana, e estatelavam-se nas calçadas, numa metáfora macabra da curva que marcava nos gráficos a desvalorização de suas ações no mercado, o país inteiro precisava abandonar crenças que, talvez, lhes houvessem propiciado sua identidade desde a chegada dos peregrinos à Nova Inglaterra e a partir do legado de virtude deixado por eles. Até então, mesmo que somente por quem fosse branco, protestante e anglo-saxão, a América era vista como o paraíso — oportunidade, prosperidade, liberdade — que Deus abençoara, e isso por ser habitado por um povo que o fizera por merecer. Um povo bom. Boas pessoas. A Depressão destruiu essa doce autoimagem, provou que *negócios são negócios e que se danem os mais fracos*.

Harry Morgan vive e luta nesse novo ambiente. No entanto, ao contrário dos heróis clássicos, não questiona os desígnios que lhe são superiores, nem age visando alterá-los ou sequer afrontá-los. Ao contrário, ainda, dos heróis clássicos, não conhece a glória, anterior à derrocada, nem chega a presumir-se acima do poder maior ou imune a ele. E Hemingway abate seu protagonista de um modo exemplarmente trágico, apesar de sua limitação e da perfeita consciência que tem desta, empurrando-o para um impasse em que mesmo seu programa mínimo de sobrevivência mostra-se inviável. Harry Morgan é um herói trágico que subverte as leis (literárias) da tragicidade. Nem há nada nele que se pareça com o que o sonho americano poderia identificar como nobreza, ou retidão de propósitos, muito menos de conduta, nada que pudesse fazer de Harry Morgan um paladino disposto a se martirizar pela preservação dos ideais de sempre, apesar dos tempos difíceis. E, no entanto, ele é martirizado, mas pela contraface brutal do sonho americano, que já não tem, então, como sublinha o livro, artifícios para ocultar que virara um pesadelo.

Também em seu contexto pessoal, o escritor vivia uma fase de turbulências. Ao escrever *Ter e não ter*, publicado em 37, Hemingway deixara Paris já por quase dez anos e se mudara para Key West, que ele definiu, ao conhecer, como “o melhor lugar em que já estive”, *ideal para dedicar as noites a bebedeiras de absinto* e a “brincadeiras com facas”. Estava casado com sua segunda esposa, Pauline Pfeiffer, desde 1928, e mantendo um caso com Martha Gelhorn, com quem se casaria em 1940, um dia depois de obter o divórcio de Pauline, que, aliás, fora as desavenças conjugais, tinha com Hemingway sérios conflitos ideológicos. Por sua devoção católica, ela era uma simpatizante do regime franquista, na Espanha, e Hemingway, partidário dos republicanos anarquistas e comunistas, anticlericais, que apoiavam o governo democraticamente eleito. A participação de Hemingway na Guerra Civil Espanhola, portanto, trouxe a tona também uma guerra doméstica para o casal.

E trata-se aqui de uma novela, no mínimo, inquieta, também diante da obra de Hemingway. Quem está acostumado com o foco narrativo econômico e concentrado, habitual em Hemingway, perseguindo um único personagem em torno de quem ou a partir de quem (de seu ponto de vista) tudo acontece, vai estranhar a entrada em cena de outros ambientes e de personagens que não se articulam à história central — e mesmo de alguns breves flashes com perfis de personagens e de conflitos totalmente alheios a esta. No entanto, alternando *outras histórias* no primeiro plano, embora fugindo assim da técnica tradicional da narrativa das novelas, Hemingway acentua o suspense sobre o desfecho da trama principal. *Ter e não ter*, como explicou Hemingway, é uma das muitas novelas que ele desenvolveu a partir de um conto ou mesmo de mais de um. A costura dessas *histórias* numa narrativa única é surpreendente, toda ela circunstancial — os dramas secundários são independentes entre si e em relação à trama principal, a não ser pelo fato de serem simultâneos e ocorrerem na mesma Key West de Harry Morgan; e não são levados a suas conclusões, mas apenas dotados de vigor suficiente para que se tornem notáveis por si, sendo então deixados de lado. A rigor, tal despojamento técnico, como se encontra aqui, não deveria *funcionar*.

E, no entanto, mais uma vez, a leitura se mantém acesa, ligada irresistivelmente a este livro que, em tudo, parece desafiar o que *deveria ser* — como aliás o próprio protagonista, Harry Morgan.

PRIMEIRA PARTE



Harry Morgan
(Primavera)



Vocês sabem como é Havana nas primeiras horas da manhã, com os bêbados ainda dormindo encostados às paredes dos prédios, antes mesmo de chegarem as carroças de gelo para abastecer os bares? Bem, viemos do cais e atravessamos a praça até o Pérola de São Francisco para tomar um café. Havia apenas um mendigo acordado na praça, bebendo água no chafariz. Assim que entramos e nos sentamos a uma das mesas, vimos três homens que pareciam esperar por nós.

Mal nos acomodamos, um deles se aproximou.

— E então? — disse ele.

— Nada feito — respondi. — Até gostaria de fazer a coisa, como um favor. Mas, como disse ontem à noite, não posso.

— Diga o seu preço.

— Não se trata disso. Não posso. E fim.

Os dois outros haviam se aproximado também e ficaram de pé, observando, com ar tristonho. Eram todos rapazes de muito boa aparência, e eu de fato teria gostado de lhes prestar aquele favor.

— Mil por cabeça — ofereceu o cara que falava bem inglês.

— Não me force a responder de mau jeito — disse eu. — Estou dizendo que não.

— Mais tarde, quando as coisas tiverem mudado, verá que foi um bom negócio para você.

— Sei disso. Tenho simpatia por vocês. Mas não posso aceitar.

— Por que não?

— Ganho a vida com o barco. Se perder o barco, estou acabado.

— Com esse dinheiro, pode comprar outro.

— Não, se for parar na cadeia.

Deviam estar pensando que eu acabaria cedendo se insistissem, porque um deles continuou:

— Vai ter três mil dólares na mão, e isso pode contar a seu favor, mais tarde. Esta situação vai mudar, você sabe...

— Ouçam — disse eu —, não me importa quem seja o presidente por aqui, mas não levo para os Estados Unidos coisa alguma que possa falar.

— Está dizendo que iríamos falar? — perguntou o que ainda não tinha dito nada. Estava zangado.

— Eu disse qualquer coisa que possa falar.

— Está achando que somos *lenguas largas*?

— Não.

— Sabe o que são *lenguas largas*?

— Sei. Gente com língua comprida.

— Sabe o que fazemos com gente assim?

— Não fique brabo comigo. Foram vocês que me procuraram. Eu não ofereci nada.

— Cala a boca, Pancho — disse o que estivera conduzindo a conversa, até então, para o sujeito zangado.

— Ele disse que poderíamos falar — respondeu Pancho.

— Não, escutem, só falei que não transporto nada que fale. Muamba não fala. Garraões não falam. Mas há outras coisas que também não falam. Pessoas falam.

— E chineses clandestinos, falam? — provocou Pancho, num tom agressivo.

— Falam, mas eu não posso compreender o que dizem — repliquei.

— Então, quer dizer que não aceita mesmo?

— É como lhes disse ontem à noite. Nada feito!

— E não vai falar sobre isto? — indagou Pancho.

Aquela única coisa que não compreendera direito levava-o a ficar me provocando. Acho que estava desapontado também. Nem sequer lhe respondi.

— Você não é um *lengua larga*, é? — perguntou, ainda em tom antipático.

— Acho que não.

— O que é isso? Uma ameaça?

— Escute aqui — respondi. — Não seja tão mal-humorado assim logo de manhã. Tenho certeza de que já cortou o pescoço de um bocado de gente. Mas eu ainda nem tomei meu café.

— É mesmo? Acha que andei cortando pescoços por aí?

— Sei lá — disse eu. — E não me interessa. Não consigo tratar de negócios sem ficar zangado?

— Tem razão, estou um bocado zangado — retrucou. — E o que eu queria era matar você.

— Ora, vá pro inferno — disse eu. — Você fala demais!

— Vamos, Pancho — disse o primeiro homem. E voltando-se para mim acrescentou: — Sinto muito. Gostaria que nos levasse.

— Eu também sinto. Mas não posso.

Os três dirigiram-se para a porta e eu fiquei observando-os. Eram jovens de boa aparência e vestiam boas roupas; nenhum deles tinha chapéu e pareciam gente de muito dinheiro. Falavam de um bocado de dinheiro e pronunciavam um inglês do tipo que os cubanos com dinheiro costumam usar.

Dois deles pareciam irmãos, e o outro, Pancho, era um rapaz um pouco mais alto, mas com a mesma aparência. Você sabe como é, esbelto, boas roupas e cabelos brilhosos. Não acredito que fosse tão ruim como parecia pelo seu jeito de falar.

Quando viraram da porta para a direita, vi um carro fechado atravessar a praça em direção a eles. Primeiro, a vidraça se espatifou, e a bala acertou a fileira de garrafas na parede da vitrina, à direita. Ouvi a arma continuar disparando, pou, pou, pou, e as garrafas se quebrando ao longo da parede.

Saltei para trás do balcão do lado esquerdo e, olhando por cima, pude ver que o carro estava parado, com dois caras acorcorados junto a ele. Um desses caras tinha uma metralhadora Thompson e o outro tinha uma escopeta. O que tinha a metralhadora era negro. O outro vestia um guarda-pó branco de motorista.

Um dos rapazes estava caído no passeio, com o rosto voltado para o chão, bem à frente da grande vitrina que fora quebrada. Os outros estavam abrigados atrás de uma das carroças de gelo da Cervejaria Tropical, paradas diante do bar Cunard, ali ao lado. Um dos cavalos da carroça de gelo estava tombado sobre os arreios, escoiceando, e o outro, aterrorizado, agitava a cabeça.

Um dos rapazes disparou do canto de trás do carro e a bala ricocheteou no passeio. O negro com a metralhadora Thompson baixou o tronco até quase o chão e disparou uma rajada por baixo contra a carroça. Um deles foi atingido porque caiu de costas sobre o passeio, com a cabeça por cima do meio-fio. Ficou tombado ali, protegendo a cabeça com as mãos, e o motorista disparou a escopeta contra ele, enquanto o negro recarregava sua arma. Mas foi um tiro a esmo. Pude enxergar as marcas de balas por toda a calçada, como pingos de prata.

O outro rapaz puxou o que fora atingido, pelas pernas, para trás da carroça, e eu vi o negro abaixando seu rosto até o chão para disparar nova rajada. Em seguida, percebi o tal de Pancho dar a volta no extremo da carroça e caminhar sob a proteção do cavalo que ainda estava em pé. Ele afastou-se do animal, seu rosto tão branco como uma folha de papel, e disparou contra o motorista com a grande Luger que tinha; segurava-a com ambas as mãos para mantê-la firme. Avançando em direção a ele, disparou duas vezes, e as balas passaram acima da cabeça do negro, e uma terceira, baixo demais.

O que consegui foi acertar num pneumático do automóvel, porque vi uma nuvem de poeira ser soprada de repente sobre a rua, quando saiu o ar. A três metros de distância, o negro alvejou-o na barriga com o que devia ser o último tiro da metralhadora, porque eu o vi jogando fora a arma enquanto o pobre Pancho sentava-se rijo e depois caía para a frente. Estava tentando levantar-se, ainda segurando a Luger, mas nem sequer pôde erguer a cabeça. O negro apanhou a escopeta que deixara encostada junto da roda do carro, perto do motorista, e com um disparo explodiu a cabeça de Pancho. Que sujeito, aquele negro!

Tomei um rápido gole da primeira garrafa que encontrei aberta e nem sei dizer o que bebi. Aquilo tudo me fizera sentir muito mal. Rastejei por trás do bar, até a cozinha, nos fundos, e em seguida fui para fora. Saí rapidamente da praça e nem sequer lancei uma olhada em direção à multidão que estava se juntando diante do café. Atravessei o portão, entrei no cais e subi a bordo.

O cliente que nos havia contratado estava a bordo, esperando. Contei-lhe o que tinha acontecido.

— Onde está o Eddy? — perguntou Johnson, o sujeito que nos contratara.

— Não o vi mais depois que começou o tiroteio.

— Acha que ele foi ferido?

— Duvido! Os únicos tiros que penetraram no café atingiram a vitrina. Isso foi quando o carro estava chegando por trás deles e atiraram no primeiro camarada, exatamente diante da vitrina. Vieram num ângulo como este...

— Parece que você sabe todos os detalhes — comentou ele.

— Eu assisti a tudo — repliquei. Ergui então os olhos e avistei Eddy chegando ao longo do cais, parecendo ainda mais alto e desleixado que de hábito. Caminhava como se suas pernas estivessem deslocadas.

— Lá está ele.

Eddy parecia bastante mal. Nunca tinha boa aparência de manhã cedo, mas hoje parecia pior do que nunca.

— Onde estava? — perguntei.

— De cara enfiada no chão.

— Viu tudo? — perguntou Johnson.

— Nem me fale sobre isso, senhor Johnson — pediu Eddy. — Só de pensar já me embrulha o estômago.

— É melhor você tomar um trago — disse Johnson. Voltando-se para mim, perguntou: — Bem, vamos dar a partida, certo?

— O senhor é quem manda.

— Como vai ser o dia hoje?

— Mais ou menos como ontem. Talvez um pouco melhor.

— Vamos embora, então.

— Está bem, logo que cheguem as iscas.

Fazia três semanas que estávamos levando aquele pássaro para pescar na corrente do Golfo e ainda não tínhamos visto a cor do dinheiro dele, exceto cem dólares que me adiantou para pagar a taxa consular, obter licença, comprar alguns mantimentos e pôr combustível no barco antes da travessia. Eu fornecia todos os apetrechos de pesca e ele nos tinha contratado a trinta e cinco dólares por dia. Dormia no hotel e vinha a bordo toda manhã. Eddy me arranjava o contrato, por isso tinha de levá-lo junto, pagando a ele quatro dólares por dia.

— Preciso pôr combustível — disse a Johnson.

— Está bem.

— É que preciso de algum dinheiro.

— Quanto?

— São vinte e oito centavos o galão. Melhor pôr uns quarenta galões pelo menos. São onze dólares e vinte, no total.

Johnson tirou quinze dólares do bolso.

— Quer gastar o resto em cerveja e gelo? — perguntei.

— Está bem, mas vá descontando do que eu lhe devo.

Eu estava pensando que três semanas era muito tempo para deixar as coisas correrem, mas, se ele pagasse tudo, que diferença isso podia fazer? Nosso trato previa acertos a cada semana. No entanto, eu já havia deixado as coisas correrem com outros durante um mês e recebera meu dinheiro no final. A culpa era toda minha, mas o fato é que no começo eu achara bom ver as coisas correrem mais soltas. Foi somente nos últimos dias que comecei a ficar preocupado, mas não queria dizer nada, com medo de aborrecer o freguês. Ora, se ele fosse direito, quanto mais tempo se passasse, melhor.

— Não quer uma garrafa de cerveja? — perguntou-me abrindo a caixa.

— Não, obrigado.

Exatamente nesse momento o negro que havíamos mandado buscar as iscas vinha descendo o cais e eu disse ao Eddy que se preparasse para zarpar.

O negro veio a bordo com as iscas, zarpamos e começamos a navegar para fora da baía, enquanto ele ia fixando um par de cavalinhas nos anzóis. Ele atravessava com os anzóis as bocas dos peixes e os fazia sair pelas guelras, cortando o lado dos peixes, depois enfiando os anzóis no lado contrário e novamente fazendo-os sair, conservando a boca do peixe fechada sobre a linha principal e amarrando bem os anzóis, de maneira que não pudessem escapar e a isca fosse puxada suavemente, sem girar.

Era um negro sem mistura, esperto e um tanto carrancudo, com contas azuis de uma guia de vodu ao redor do pescoço, por baixo da camisa, e um velho chapéu de palha na cabeça. O que gostava de fazer a bordo era dormir e ler jornais, mas poucos sabiam armar uma isca tão bem quanto ele. Nem tão rápido.

— Não sabe fazer uma isca como essa, capitão? — perguntou-me Johnson.

— Sei, sim, senhor!

— Então por que traz esse negro para fazê-la?

— Quando encontrarmos os peixes grandes verá por quê — respondi-lhe.

— Como assim?

— O negro pode iscar mais depressa do que eu.

— E o Eddy não pode fazer isso?

— Não, senhor.

— Parece-me uma despesa desnecessária.

Johnson estava pagando-lhe um dólar por dia e o negro ia à casa de rumba todas as noites. Vi que ele já estava adormecendo.

— Preciso dele — garanti.

A essa altura, já havíamos ultrapassado o lugar onde as sumacas descarregavam diante de Cabanas e os esquifes ancorados pescavam palometas no fundo rochoso ao lado de El Morro. Conduzi o barco para fora, onde a corrente do Golfo traçava uma linha escura. Eddy colocou na água dois grandes charizais e o negro já tinha iscas em três varas.

A corrente não estava muito profunda e, quando nos aproximamos de sua orla, pudemos vê-la tornando-se quase vermelha, formando redemoinhos aqui e ali. Havia uma ligeira brisa do leste e nosso barco assustou numerosos peixes-voadores, daqueles grandes, com asas negras, que, quando levantam voo, parecem com os que estão na fotografia de Lindbergh cruzando o Atlântico.

Esses peixes-voadores grandes são o melhor indício que poderíamos encontrar. Até onde se podia ver, estendia-se aquele sargaço amarelo pálido, em pequenos blocos, o que significava que a corrente principal se movia regularmente, e havia pássaros revoando à nossa frente sobre um cardume de filhotes de atum. Era possível vê-los saltando, nenhum deles pesando mais do que um quilo.

— Pode lançar o anzol assim que quiser — avisei a Johnson.

Johnson afivelou o cinturão de segurança e os arneses dos ombros, lançando então a grande vara com o resistente molinete Hardy com seiscentas jardas de fio trinta e seis. Olhei para trás e sua isca estava girando bem, deslizando pouco abaixo da superfície. Os dois charizais mergulhavam e saltavam. Estávamos navegando com a velocidade conveniente e embiquei para a corrente.

— Conserve o cabo da vara no soquete da cadeira — recomendei a Johnson. — Assim a vara não vai ficar tão pesada nas suas mãos. Não deixe a linha afundar muito e conserve a trava solta, para poder dar corda quando ele morder. Se ela estiver presa, o bicho vai arrastar você para a água.

Todo dia tinha de repetir os mesmos conselhos, mas isso não me incomodava muito. De cada cinquenta pessoas que a gente leva, apenas uma sabe pescar direito. E os que sabem pescar fazem besteira pelo menos na metade do tempo e ficam querendo usar uma linha que não é forte o bastante para resistir a um peixe de bom tamanho.

— Que tal o tempo? — perguntou-me.

— Não podia ser melhor — respondi, pois estava realmente fazendo um belo dia.

Passei a roda do leme ao negro, dizendo para ele conduzir o barco ao longo da borda da corrente, sempre para leste, e voltei para onde Johnson estava sentado, observando suas iscas saltarem sobre as ondas.

— Quer que lance outra vara? — perguntei.

— Acho que não — respondeu. — Quero fregar meu peixe, lutar com ele e embarcá-lo sozinho.

— Certo — disse eu. — Mas não quer que o Eddy lance uma vara e a entregue ao senhor, se algum peixe morder, para que possa fiseá-lo?

— Não — insistiu. — Prefiro que haja apenas uma vara de cada vez.

— Muito bem.

O negro ainda estava levando o barco para fora. Olhei na direção dele e percebi que ele avistara um cardume de peixesvoadores saltando bem à nossa frente, corrente acima. Olhando para trás, pude ver Havana, resplandecente sob o sol da manhã. Um navio estava saindo da baía e passando ao lado do morro.

— Acho que hoje vai ser o seu dia, senhor Johnson — disse-lhe eu.

— Já não é sem tempo — respondeu. — Há quantos dias estamos pescando?

— Faz três semanas hoje.

— É muito tempo para nada.

— São uns peixes engraçados — disse eu. — Aparecem quando bem entendem! Mas, quando chegam, vem um bocado deles. E estão sempre chegando. Se não vierem agora, não vêm mais. O tempo é o ideal, a lua também. A corrente está boa e vamos ter uma boa brisa.

— Não havia alguns daqueles pequenos, quando viemos na primeira vez?

— Havia — respondi. — É como lhe disse. Quando os pequenos dão o fora, é sinal de que os grandes estão chegando.

— Vocês, capitães de barcos de pesca, têm sempre esse papo furado. Ou está muito cedo, ou tarde demais, ou então o vento não está ajudando, ou é a lua errada. Mas o dinheiro da gente, que é bom, vocês cobram da mesma forma.

— Bem — repliquei —, o diabo dessa coisa é que geralmente é mesmo muito cedo, ou então tarde demais, e na maior parte do tempo o vento está contra nós. Daí, quando se consegue um dia perfeito, a gente está ancorado, sem um cliente.

— Mas, afinal, hoje é ou não é um bom dia para pescar?

— Bem, para mim, já foi um dia agitado até demais. Mas estou apostando que o senhor não vai ter nada do que se queixar.

— Espero que sim — disse ele.

Ajeitamos tudo para pescar de corrico. Eddy foi para a proa e deitou-se. Fiquei em pé, observando, esperando avistar uma nadadeira. A todo momento, o negro adormecia, mas eu o estava vigiando também. Aposto que suas noites eram bem animadas.

— Não se importa de pegar uma garrafa de cerveja para mim, capitão? — perguntou-me Johnson.

— Pois não, senhor — respondi, enfiando a mão no gelo para pegar para ele uma bem gelada.

— Não quer tomar uma? — perguntou-me.

— Não, senhor — respondi. — Só à noite.

Abri a garrafa e a estava passando a Johnson, quando vi um grande peixe castanho, com uma espada mais comprida do que um braço, pôr a cabeça e as costas fora d’água, avançando para a cavalinha. Parecia ter a espessura de uma tora de madeira.

— Afrouxe a linha! — gritei.

— Ele não a mordeu ainda — respondeu Johnson.

— Agente firme, então.

O bicho subira rapidamente do fundo e errara o bote. Eu sabia que voltaria para agarrar a isca.

— Prepare-se para afrouxar a linha no momento em que ele morder.

Então, eu o vi vindo por baixo d’água. Dava para enxergar suas barbatanas, largas como asas de cor púrpura e as listras avermelhadas no corpo castanho. Ele subiu como um submarino e sua enorme nadadeira dorsal emergiu, começando a cortar a água como um periscópio. Avançou diretamente por trás da isca e sua espada também emergiu, oscilando, completamente fora d’água.

— Deixe a isca entrar toda na boca dele — disse eu. Johnson destravou o carretel do molinete, que começou a zunir, e o velho marlim voltou-se e mergulhou. Pude ver todo o seu corpo brilhando como prata resplandecente quando se virou de costas e rumou rapidamente em direção à praia. — Prenda um pouco a trava — disse eu. — Mas não muito.

Johnson apertou a trava.

— Não muito — repeti.

Vi a linha inclinar-se e acrescentei:

— Abaixo um pouco a vara e dê um tranco firme nele. Precisa dar um tranco! Já, já ele vai pular fora d’água.

Johnson apertou de uma vez a trava e agarrou a vara com força, puxando-a para trás.

— Dê um puxão, agora! — disse eu. — Uma meia dúzia de puxões para o anzol ficar bem preso.

Ele deu um puxão e tanto, e repetiu o golpe algumas vezes, ferindo o peixe. Então a vara vergou-se e o molinete começou a zunir. O enorme peixe apareceu, espetacularmente, num longo pulo, brilhando como prata ao sol e caindo sobre a água como um cavalo que tivesse sido lançado de um penhasco.

— Solte a trava — disse eu.

— Fugiu! — exclamou Johnson.

— Fugiu, uma ova! — respondi. — Solte depressa a catraca.

Pude distinguir a curva da linha e, na vez seguinte que o marlim saltou, estava ao lado da popa, dessa vez rumando para mar alto. Depois disso saltou, e saltou novamente, caindo de lado numa explosão de espuma. Pude ver que estava fígado do lado da boca. As listras escarlates mostravam-se vivas em seu corpo. Era um belo peixe prateado, tão grosso quanto uma tora de madeira.

— Desta vez fugiu mesmo — disse Johnson. — A linha estava frouxa.

— Gire o molinete — recomendei. — Ele está bem fígado. — Voltando-me para o negro, gritei: — Faça o barco avançar a toda!

Dito e feito! Uma, duas vezes, o monstro saltou emergindo rijo como um poste, projetando todo o seu comprimento em nossa direção, e lançando água para o alto cada vez que caía sobre o mar. A linha esticou-se de novo e percebi que o marlim se dirigia para terra, preparando uma meia-volta.

— É agora que ele vai disparar — disse eu. — Se estiver bem fígado, a gente o persegue com o barco. Fique com a trava solta. Temos linha de sobra.

O marlim rumou para noroeste, como fazem todos os grandes peixes. Meu irmão, como corcoveava! Começou a dar aqueles grandes saltos, fazendo voltas no ar, e cada vez que caía sobre a água era como uma lancha voando sobre o mar. Nós o seguimos, perseguindo-o de perto depois de eu ter feito a volta. Fiquei no leme e continuava gritando para o Johnson conservar sua trava solta e dar linha depressa.

De repente, vi sua vara dar um tranco seco e a linha ficar frouxa. Só quem conhecesse bem a coisa perceberia que a linha estava solta, já que a sua barriga mergulhada na água pesava um bocado. Mas eu sabia muito bem o que tinha acontecido.

— O senhor o perdeu — avisei a Johnson.

O peixe ainda estava saltando e continuou a saltar até que sumiu de vista. Era de fato um belo peixe.

— Ainda posso senti-lo puxando — disse Johnson.

— É só o peso da linha.

— Mal posso enrolar a linha. Talvez ele esteja morto.

— Morto? — exclamei. — Peixe morto não pula.

Dava para vê-lo a um quilômetro de distância do barco, ainda lançando jatos de água.

Examinei a catraca. Johnson a havia travado de vez.

Não dava para puxar linha nenhuma, e só podia mesmo se partir.

— Não disse para manter a trava solta?

Mas ele continuava a puxar a linha.

— E daí?

— Daí, eu quis detê-lo.

— Escute — disse a ele. — Se a gente não dá linha quando ele começa a corcovear daquele jeito, o que acontece é que a linha arrebenta. Não há linha que o segure. Quando um bicho desses puxa, o que se tem a fazer é dar-lhe linha. E a gente tem de manter a trava solta. Nem os pescadores profissionais conseguem manter esses peixes presos numa situação dessas, e mesmo usando uma linha de arpão. O que a gente tem de fazer é usar o barco para perseguir o bicho, para ele não puxar a linha toda, quando tentam nadar em disparada. Depois que ele se cansa, então a gente pode apertar a trava e tentar puxar a linha de volta.

— Quer dizer que, se a linha não tivesse se partido, eu o teria apanhado?

— É, você teve uma boa chance.

— E ele não ia aguentar muito tempo mais, ia?

— Esses bichos são cheios de truques! Somente depois de ter dado aquela arrancada é que a luta ia começar.

— Bem, vamos sair para outra — disse Johnson.

— Vamos, mas primeiro o senhor vai ter de enrolar aquela linha — respondi.

Havíamos fígado o peixe e o havíamos perdido sem acordar o Eddy. Agora o velho Eddy vinha voltando para a popa.

— Que foi que aconteceu? — perguntou.

Tempos atrás, Eddy era um ótimo homem para se ter a bordo, quando ainda não era um bêbado. Agora não servia mais para nada. Fiquei olhando para ele, parado ali, um sujeito alto e de faces encovadas, com a boca frouxa e remelas esbranquiçadas no canto dos olhos. Seu cabelo parecia todo desbotado ao sol. Sabia que ele tinha acordado morto de vontade de tomar um gole.

— É melhor você beber uma garrafa de cerveja — disse eu.

Eddy apanhou uma garrafa e bebeu-a.

— Bem, senhor Johnson — disse ele. — Acho melhor terminar minha soneca. Muito obrigado pela cerveja, senhor.

Era mesmo o velho Eddy!... O raio do peixe não importava nem um pouco para ele.

Bem, fígamos outro, mais ou menos ao meio-dia, e ele conseguiu fugir também. Pudemos ver o anzol voar a dez metros de altura quando o peixe o lançou fora.

— O que eu fiz de errado desta vez? — perguntou Johnson.

— Nada. Ele apenas se livrou do anzol.

— Senhor Johnson — disse Eddy, que acordara para tomar outra garrafa de cerveja. — Senhor Johnson, o senhor apenas não teve sorte. Quem sabe tem sorte com mulheres? Que tal sairmos juntos esta noite?

Em seguida, voltou a deitar-se de novo.

Lá pelas quatro da tarde, quando estávamos voltando para terra, contra a corrente, e deslizávamos suavemente sobre a água, com o sol às nossas costas, o maior marlim negro que já vi mordeu a isca de Johnson. Tínhamos lançado uma isca artificial, uma espécie de lula feita de penas, e com ela apanhamos quatro daqueles atuns pequenos. O negro pôs um deles no anzol de Johnson como isca. Girava muito pesadamente, mas dava grandes batidas na esteira do barco.

Johnson tirou o cabresto do molinete para poder colocar a vara em transversal sobre os joelhos, já que seus braços estavam cansados de mantê-la todo o tempo em posição. Como suas mãos se cansaram também de segurar a catraca da bobina, dado o peso maior da isca que estávamos usando, ele soltou a trava quando eu não estava olhando. Não vi que ele havia feito isso. Não gostei nada de vê-lo segurando a vara daquele jeito, mas odiava estar repreendendo-o a todo instante. Além disso, com a trava solta, a linha se afastava da popa, de maneira que não havia perigo algum. Mas era um modo desleixado de pescar.

Eu estava no leme e dirigia o barco pela borda da corrente, do lado oposto ao da antiga fábrica de cimento. Lá, perto da praia, era muito profundo e havia uma espécie de redemoinho, onde sempre se conseguia pegar montes de isca. Então, vi a água se levantando com um estrondo, como se tivessem lançado uma bomba de profundidade, e então avistei a espada, os olhos, um maxilar aberto e a enorme cabeça vermelho-escura de um marlim negro. Toda a nadadeira dorsal estava fora d'água, parecendo tão alta quanto um navio completamente equipado, e toda aafiada cauda também surgiu quando o peixe investiu contra o atum. Sua espada era tão grande quanto um bastão de beisebol e fazia uma curva para cima. Quando abocanhou a isca, abriu um vasto buraco no oceano. Era um sólido peixe vermelho-escuro e tinha cada olho tão grande quanto uma tigela de sopa. Era enorme. Aposto que pesava uns quinhentos quilos.

Gritei para Johnson dar linha, mas, antes de ter pronunciado uma palavra sequer, eu o vi saltar da cadeira para o ar, como se estivesse sendo levantado por um guindaste. Ele conseguiu segurar a vara por um segundo, mas em seguida ela se curvou como um arco e o cabo apanhou-o na barriga. Todos os apetrechos foram puxados para fora do barco.

Mais uma vez, ele havia travado a catraca e, quando o peixe mordeu o anzol, ergueu-o da cadeira. Johnson não fora capaz de segurá-lo. Estava com o cabo por baixo de uma perna e a vara atravessada no colo. Se estivesse com as correias presas, o peixe o teria arrastado também.

Desliguei o motor e voltei para a popa. Johnson estava sentado, pressionando a barriga no ponto em que o cabo da vara o ferira.

— Acho que já chega por hoje — disse eu.

— O que era? — perguntou.

— Um marlim negro — respondi.

— Como uma coisa destas foi acontecer?

— Que tal dar um palpite? — repliquei. — O molinete custava duzentos e cinquenta dólares. Está custando mais agora. A vara custava quarenta e cinco. Havia pouco menos de seiscentos metros de fio trinta e seis.

Exatamente nesse momento, Eddy bateu-lhe nas costas, dizendo:

— Senhor Johnson, o senhor não tem sorte mesmo. Sabe que nunca vi uma coisa dessas na minha vida?

— Cale a boca, bêbado — disse eu.

— Vou lhe contar, senhor Johnson — insistiu Eddy —, foi a coisa mais estranha que já vi.

— Mas o que é que eu ia fazer, se ficasse preso a um peixe desses? — indagou Johnson.

— Pois é um desses que o senhor queria enfrentar sozinho — retruquei e me sentia bastante zangado.

— São grandes demais — continuou Johnson. — Ora, só ia me dar uma trabalhadeira infernal.

— Escute aqui — eu o preveni —, um peixe desses é capaz de matar uma pessoa.

— Mas há quem os apanhe...

— Gente que sabe pescar apanha, sim. Mas fique sabendo que é uma luta e tanto, sempre é.

— Vi o retrato de uma moça que apanhou um.

— Claro — retruquei. — Usando uma isca que é feito uma armadilha. O peixe engole, daí puxam o estômago dele fora, e quando ele sobe já está morto. É diferente de lutar com um deles quando se usa um anzol para fisgá-lo pela boca.

— Bem — desdenhou Johnson —, eles são grandes demais. Se não for para a gente se divertir, por que perder tempo com isso?

— Exatamente, senhor Johnson — comentou Eddy. — Se não for para se divertir, não vale a pena. O senhor acertou na mosca. Se não for para se divertir, fazer pra quê?

Eu ainda estava abalado pela visão daquele peixe e me sentia irritado pela perda do equipamento de pesca. Não conseguia sequer escutar o que estavam dizendo. Mandeí o negro conduzir o barco em direção ao morro. Não falei mais nada e ambos se sentaram. Eddy em uma cadeira, com uma garrafa de cerveja, e Johnson com outra.

— Capitão — disse este, depois de algum tempo. — Pode me preparar um *highball*?

Ainda sem pronunciar nenhuma palavra, preparei a bebida para ele e depois preparei uma bebida *de verdade* para mim. E fiquei pensando comigo mesmo... Aquele tal senhor Johnson passara quinze dias pescando, finalmente fisgara um peixe que qualquer pescador daria um ano de sua vida para apanhar e o perdera, junto com meu equipamento de pesca, e depois se fizera de idiota e se sentia perfeitamente satisfeito, bebendo como uma esponja.

Quando chegamos ao cais e o negro ficou lá, esperando, perguntei a Johnson:

— E amanhã, como vai ser?

— Não sei — respondeu. — Acho que já estou cheio dessa história de pescaria.

— Que tal pagar ao negro?

— Quanto devo a ele?

— Um dólar. Pode dar-lhe também uma gorjeta, se quiser.

Johnson deu então ao negro um dólar e duas moedas de vinte centavos cubanos.

— Para que é isto? — perguntou o negro, me mostrando as moedas.

— Gorjeta — respondi em espanhol. — Está dispensado. E ele está dando uma gratificação a você.

— Não é para vir amanhã?

— Não.

O negro apanhou o seu rolo de cordas, que usava para amarrar as iscas, e seus óculos escuros, pôs seu chapéu de palha e foi embora sem dizer sequer adeus. Estava na cara que nunca simpatizara muito com qualquer de nós.

— Quando pretende acertar as contas comigo, senhor Johnson? — perguntei.

— Vou ao banco amanhã de manhã — respondeu-me. — Podemos acertar as contas à tarde.

— Sabe quantos dias são?

— Quinze.

— Não. São dezesseis, contando hoje. Mais um dia para ir, outro para voltar, são ao todo dezoito. Tem também a vara, o molinete e a linha perdidos.

— O risco com o equipamento de pesca fica por sua conta.

— Não, senhor! Não, quando o senhor perde tudo daquela maneira.

— Paguei o aluguel do equipamento por todos os dias de uso. O risco é seu.

— Não, senhor! — insisti. — Se um peixe os quebrasse, sem ser sua culpa, seria outra coisa. Mas o senhor perdeu o equipamento por falta de cuidado.

— O peixe arrancou tudo da minha mão.

— Porque o senhor estava com a trava presa e deixou de encaixar a vara no suporte.

— Você não tem o direito de cobrar essas coisas.

— Se o senhor aluga um automóvel e o atira do alto de um penhasco, não acha que ia ter de pagar por ele?

— Não, se eu estiver dentro — respondeu Johnson.

— Essa é muito boa, senhor Johnson — aparteu Eddy. — Entendeu, não, capitão? Se ele estivesse dentro, morreria. Assim, não teria de pagar. Essa é muito boa!

Não dei atenção ao bêbado.

— O senhor me deve duzentos e noventa e cinco dólares por aquela vara, o molinete e a linha — falei a Johnson.

— Bem, não acho isso correto — respondeu Johnson. — Mas, se pensa dessa maneira, por que não dividimos o prejuízo?

— Não vou poder substituir o equipamento por menos de trezentos e sessenta dólares. Não estou cobrando toda a linha. Um peixe como aquele poderia puxar toda a linha, sem ser culpa sua. Se houvesse aqui alguém, além desse bêbado, ia dizer ao senhor que estou sendo totalmente honesto. Sei que parece muito dinheiro, mas paguei também muito dinheiro quando comprei o equipamento. Não se pode pescar peixes como aquele sem equipamento de primeira.

— Senhor Johnson, ele está me chamando de bêbado. Talvez eu seja. Mas digo que ele tem razão. Tem razão e está sendo bastante razoável — disse Eddy.

— Certo, não quero criar problemas — concordou finalmente Johnson. — Eu pago por tudo, mesmo não concordando. São então dezoito dias, portanto trinta e cinco dólares, e mais duzentos e noventa e cinco extras.

— O senhor adiantou cem — recordei a ele. — Vou lhe dar uma lista de tudo que gastei e tiro dali os mantimentos que sobraram.

— Parece razoável — disse Johnson.

— Escute, senhor Johnson — aparteu novamente Eddy —, se soubesse o quanto geralmente cobram de um turista, ia concordar que é mais que razoável. Sabe o que mais? É excepcional! O capitão está tratando o senhor como se fosse a própria mãe dele.

— Vou ao banco amanhã e volto aqui à tarde. Vou pegar o barco depois de amanhã.

— Pode voltar conosco e economizar a passagem.

— Não — respondeu. — Economizo tempo indo na barca.

— Bem, que tal um gole? — convidei.

— Ótimo — respondeu Johnson. — Nada de ressentimentos, não é?

— Não, senhor — concordei.

Sentamo-nos os três na popa e cada um de nós tomou um *highball*.

No dia seguinte, trabalhei no barco durante toda a manhã, trocando o óleo e mais uma coisa ou outra. Ao meio-dia, fui até a cidade e comi num restaurante chinês, onde servem uma boa refeição por quarenta centavos. Depois, comprei alguma coisa para levar para casa, para minha mulher e minhas três meninas. Vocês sabem, perfumes, um par de leques e três daqueles pentes altos. Quando terminei, passei pelo Donovan's, onde tomei uma cerveja e conversei com o velho. Voltei então para o cais de São Francisco, parando no caminho em três ou quatro lugares para tomar cerveja. Paguei um ou dois goles para o Frankie, no Cunard, e voltei para bordo; estava me sentindo muito bem. Quando cheguei ao barco, me restavam exatamente quarenta centavos no bolso. Frankie veio a bordo comigo e, enquanto esperávamos Johnson, bebi com ele algumas cervejas geladas.

Eddy não dera as caras durante a noite inteira e o dia seguinte, mas eu sabia que ia aparecer mais cedo ou mais tarde, logo que esgotasse seu crédito. Donovan me contou que ele estivera durante algum tempo lá, na noite anterior, com Johnson; havia então aberto uma conta. Continuamos esperando e eu já começava a pensar que o Johnson podia não aparecer. Tinha deixado um recado no cais para que viesse a bordo, e esperasse por mim, mas disseram que não havia aparecido. Ainda assim, pensei que provavelmente tinha dormido tarde e não conseguira se levantar senão lá pelo meio-dia. Os bancos ficavam abertos até as três e meia. Vimos o avião partir e, por volta das cinco e meia, eu já não estava mais me sentindo bem, estava começando a ficar bastante aborrecido.

Às seis horas, mandei Frankie ao hotel ver se Johnson estava por lá. Pensava ainda que poderia estar dando umas voltas ou que talvez estivesse no hotel, sentindo-se mal demais para levantar. Continuei esperando e esperando até bem tarde. Mas já estava muito preocupado porque o Johnson me devia oitocentos e vinte e cinco dólares.

Frankie demorou pouco mais de meia hora. Quando o vi voltando, caminhava depressa, sacudindo a cabeça.

— Johnson deu o fora no avião — explicou.

Então, era isso. Muito bem. O consulado estava fechado. Eu tinha quarenta centavos no bolso e, fosse como fosse, o avião já devia estar aterrissando em Miami. Não podia sequer enviar um telegrama.

Que sujeito, aquele senhor Johnson!... Muito bem! Era culpa minha. Eu devia ter sido mais esperto.

— Bem — disse a Frankie. — Não há nada a fazer senão tomar uma cerveja gelada. Foi o senhor Johnson quem as comprou.

Restavam ainda três garrafas de Tropical.

Frankie estava tão chateado quanto eu. Não sei como era possível isso, mas era o que realmente parecia. Ficou dando uns tapinhas em minhas costas e sacudindo a cabeça.

Bem, agora não tinha mais jeito. Eu estava quebrado. Perdera quinhentos e trinta dólares do aluguel do barco e um equipamento que não poderia substituir por menos de trezentos e cinquenta. “Esses malandros que estão sempre aí rodeando o cais vão me gozar para valer”, pensei. “É, aqueles *cucarachos* vão rir à beça... logo de mim, que ainda ontem recusei três mil dólares para desembarcar três estrangeiros nas Keys, em qualquer ponto, era só tirá-los do país.”

Muito bem, o que é que eu ia fazer agora? Não podia transportar muamba porque a gente precisa ter dinheiro para comprar a bebida. Além disso aquela jogada já não rendia mais quase nada. A cidade estava cheia de bebida e não havia quem quisesse comprar. Mas nunca que eu ia voltar sem dinheiro nenhum, só para passar fome durante todo o verão na minha cidade. Além disso, eu tinha família. A licença fora paga quando chegamos. Geralmente, a gente pagava adiantado ao despachante, que tirava a licença de entrada e saída. Que diabo, eu não tinha dinheiro nem mesmo para pôr combustível! Era uma situação desgraçada, se era! Que sujeito, aquele senhor Johnson!

— Preciso transportar alguma coisa, Frankie — disse eu. — Tenho de ganhar algum dinheiro de qualquer maneira.

— Vou dar um jeito — respondeu ele.

Frankie vive rondando o cais e faz biscates variados. É bastante surdo e bebe demais toda noite. Nunca se viu, porém, camarada mais leal e com melhor coração. Eu o conhecia desde quando comecei a ir para aqueles lados. Ele me ajudou muitas vezes a arranjar muamba. Depois, quando deixei de fazer essas coisas e comecei a alugar o barco para a pesca de marlim em Cuba, costumava vê-lo frequentemente perambulando pelo cais e no café. Parecia meio idiota e geralmente sorria em vez de falar, mas apenas porque era surdo.

— Está disposto a levar qualquer coisa? — perguntou Frankie.

— Claro — respondi. — Agora já não posso mais escolher.

— Qualquer coisa?

— Sem dúvida!

— Vou ver o que consigo — disse Frankie. — Onde posso encontrar você?

— Vou estar no Pérola. Tenho de comer.

Pode-se comer uma boa refeição no Pérola por vinte e cinco centavos. Qualquer coisa do cardápio custa dez centavos, menos a sopa, que custa cinco. Caminhei até lá com Frankie. Entrei, e ele seguiu sozinho. Antes de se afastar, me apertou a mão e bateu de novo nas minhas costas.

— Não se preocupe — disse. — Sou Frankie: muitos contatos. Muito negócio. Muita bebida. Nada de dinheiro. Mas um grande amigo. Não se preocupe.

— Até logo, Frankie — respondi. — Não se preocupe você também, companheiro.



Entrei no Pérola e me sentei numa mesa. Havia uma nova vidraça na janela, substituindo a que fora quebrada a bala, e a vitrina estava totalmente consertada. Havia muitos galegos bebendo no bar e alguns comiam. Numa mesa, já estavam jogando dominó. Tomei uma sopa de feijão-preto e comi carne com batatas cozidas por quinze centavos. Uma garrafa de cerveja Hatuey elevou a conta para vinte e cinco centavos. Quando perguntei ao garçom a respeito do tiroteio, não me respondeu nada. Estavam todos bastante assustados.

Terminei a refeição, recostei na cadeira e fiquei fumando um cigarro, enquanto pensava. Vi então Frankie entrando pela porta, tendo um oriental atrás dele. “Muamba amarela”, pensei comigo mesmo. “Bem, que seja muamba amarela.”

— Este é o senhor Sing — apresentou Frankie, sorrindo; tinha de fato agido muito depressa, e estava satisfeito por conta disso.

— Muito prazer — disse o senhor Sing.

O senhor Sing era a coisa mais bem-educada que eu já tinha visto. Chinês, é verdade, mas falava como um inglês e vestia um terno branco, com camisa de seda, gravata preta e um daqueles chapéus-panamá de cento e vinte dólares.

— Toma uma xícara de café? — ofereceu.

— Se o senhor também tomar.

— Obrigado — respondeu o senhor Sing. — Poderemos falar à vontade aqui?

— Se não se incomoda com toda essa gente no café... — disse eu.

— Está muito bem — continuou o senhor Sing. — Soube que tem um barco.

— Trinta e oito pés — expliquei. — Motor Kermath de cem cavalos.

— Ah! — exclamou. — Pensei que fosse mais potente.

— Pode levar duzentas e sessenta e cinco caixas sem ficar totalmente carregado.

— Está disposto a alugá-lo para mim?

— Em que termos?

— O senhor nem sequer precisará ir. Providenciarei um capitão e uma tripulação.

— Não — disse eu. — É o meu barco e só navega comigo.

— Compreendo — concordou o senhor Sing e, voltando-se para Frankie, acrescentou: — Não se importaria de nos deixar a sós?

Frankie parecia tão interessado como sempre e sorriu.

— Ele é surdo — expliquei. E compreende mal o inglês.

— Percebo — disse o senhor Sing. — Fale-lhe em espanhol, então. Diga-lhe para nos procurar mais tarde.

Fiz um gesto a Frankie com o polegar. Ele se levantou e encaminhou-se para o bar.

— O senhor não fala espanhol? — perguntei.

— Oh, sim — respondeu o senhor Sing. — Agora, que circunstâncias levaram-no... levaram-no a considerar...

— Estou quebrado.

— Compreendo — disse o senhor Sing. — O barco deve algum dinheiro? Poderia ser apreendido?

— Não.

— Excelente! Quantos de meus infelizes compatriotas poderia seu barco acomodar?

— Quer dizer transportar?

— Exatamente.

— Até onde?

— Um dia de viagem.

— Não sei — respondi. — Talvez uns doze, se não tiverem bagagem.

— Não teriam bagagem alguma.

— Para onde deseja que os transporte?

— Deixo isso a seu cuidado — respondeu o senhor Sing.

— Eu é que escolho onde devo desembarcá-los?

— O senhor os levaria até as Tortugas, onde uma escuna os recolheria.

— Escute — disse eu. — Tem um farol nas Tortugas, em Loggerhead Key, com um rádio que transmite e recebe.

— De fato — compreendeu o senhor Sing. — Seria sem dúvida muito idiota desembarcá-los ali.

— Então onde?
— Eu disse que os embarcaria para as Tortugas. Isso é o que constará em suas passagens.
— Sim?
— Mas o senhor os desembarcaria onde julgasse melhor.
— A escuna não estará nas Tortugas para recolhê-los?
— Naturalmente que não — respondeu o senhor Sing. — Que tolice!
— Quanto paga por cabeça?
— Cinquenta dólares.

— Não.
— Que tal setenta e cinco?
— Quanto o senhor leva nisso?
— Oh, isso é absolutamente irrelevante. Compreenda, há muitas facetas, ou poderia dizer ângulos, no fato de eu emitir as passagens. E as coisas não terminam aí.

— Sim — disse eu. — E o que pretende que eu faça não deve ser pago também? Então?
— Compreendo perfeitamente seu ponto de vista — disse o senhor Sing. — Digamos cem dólares por cada um?
— Ouça — insisti. — Sabe quanto tempo eu ficaria na cadeia se me apanhassem fazendo isso?

— Dez anos — respondeu o senhor Sing. — Dez anos no mínimo. Mas não há razão para ir para a cadeia, meu prezado capitão. Corre apenas um risco... quando carregar seus passageiros. Tudo o mais é deixado à sua discrição.

— E se eles acabarem voltando às suas mãos?
— Fácilmo de resolver. Eu diria a eles que você me havia traído. Faria um reembolso parcial e iria embarcá-los de novo. Eles, naturalmente, sabem que se trata de uma viagem difícil.
— E quanto a mim?
— Creio que diria alguma coisa ao consulado.
— Compreendo.
— Mil e duzentos dólares, capitão, não são de desprezar na sua atual condição.
— Quando eu receberia o dinheiro?
— Duzentos quando concordasse e mil quando carregasse.
— Suponha que eu desaparecesse com os duzentos.
— Então, eu nada poderia fazer, naturalmente — admitiu o senhor Sing, sorrindo. — Mas sei que não fará tal coisa, capitão.

— Tem aí os duzentos?

— Claro que sim!

— Coloque embaixo do prato.

O senhor Sing pôs o dinheiro embaixo do prato.

— Está bem — disse eu. — Vou cuidar de tudo pela manhã e a gente parte ao escurecer. Onde pegamos a carga?

— Que tal Bacuranao?

— Está bem. Já tomou as providências necessárias?

— Claro que sim.

— Agora, quanto ao embarque, o senhor acenderá duas luzes, uma acima da outra, no ponto marcado. Eu me aproximarei quando as enxergar. O senhor virá numa lancha e transferirá os passageiros da lancha para o barco. O senhor virá pessoalmente e trará o dinheiro. Não receberei um só passageiro a bordo até ter o dinheiro comigo.

— Não — disse ele. — Metade quando começar a carregar e a outra metade quando terminar.

— Está bem — respondi. — É razoável.

— Então está tudo entendido.

— Acho que sim — respondi. — Nada de bagagens, nem armas de fogo, nem facas, nem navalhas, nada. Tenho de estar seguro a respeito disso.

— Capitão — disse o senhor Sing. — Não tem confiança em mim? Não vê que nossos interesses são idênticos?

— O senhor tem de me garantir isso.

— Por favor, não me deixe embarçado — insistiu ele. — Não vê que nossos interesses coincidem?

— Certo — respondi. — A que horas vai estar lá?

— Antes da meia-noite.

— Muito bem — disse eu. — Acho que é tudo.

— De que forma quer o dinheiro?

— Em notas de cem está bom.

Ele levantou-se e fiquei observando-o afastar-se. Frankie sorria para mim quando ele partiu. O senhor Sing não olhou para ele. Era realmente um chinês muito delicado. Que sujeito, aquele chinês!

Frankie aproximou-se da mesa.

— E então? — perguntou ele.

— Onde conheceu o senhor Sing?

— Ele embarca chineses — respondeu. — Grande negócio.

— Há quanto tempo o conhece?

— Está aqui há cerca de dois anos — respondeu Frankie. — Outro cara embarcava os chineses antes dele. Mas alguém o matou.

— Alguém acabará matando o senhor Sing também.

— Claro — concordou Frankie. — Por que não? Negócio muito bom.

— Grande negócio! — observei.

— Grande negócio — concordou Frankie. — Chineses embarcados nunca voltam. Outro chinês escreve cartas dizendo que tudo está bem.

— Maravilhoso! — exclamei.

— Esses chineses não entendem coisas escritas. Chineses que sabem escrever estão ricos. Comem coisa nenhuma. Vivem só de arroz. Tem cem mil chineses aqui. Apenas três mulheres chinesas.

— Por quê?

— Governo não deixa.

— Que situação desgraçada! — exclamei.

— Fez negócio com ele?

— Pode ser.

— Bom negócio — disse Frankie. — Melhor que política. Muito dinheiro. Negócio muito bom!

— Toma uma cerveja? — convidei.

— Não está mais preocupado?

— Não, que diabo. Negócio muito bom. Muito obrigado.

— Bom — disse Frankie, e bateu-me nas costas. — Isso me faz mais feliz que qualquer outra coisa. Só quero você satisfeito. Chinês bom negócio, não é?

— Maravilhoso!

— Fico muito feliz — disse Frankie.

Vi que ele estava para chorar de tão satisfeito que se sentia por tudo estar bem agora. Foi a minha vez de bater nas costas dele. Que sujeito, o Frankie!

A primeira coisa que fiz de manhã foi procurar o despachante e dizer a ele para nos preparar os papéis. Ele me pediu a lista dos tripulantes e eu lhe disse que não ia ninguém comigo.

— Vai atravessar sozinho, capitão?

— Exatamente.

— O que aconteceu com o seu marinheiro?

— Está bêbado.

— É muito perigoso viajar sozinho.

— São apenas noventa milhas — disse eu. — Acha que ter um bêbado a bordo ia fazer alguma diferença?

Levei o barco até o cais da Standard Oil, do outro lado da baía, e enchi ambos os tanques. Cheios, comportavam quase duzentos galões. Detestava comprá-los a vinte e oito cents o galão, mas não sabia até onde poderíamos ir.

Já desde o momento em que conhecera o “china” e pegara o dinheiro, comecei a ficar preocupado com o negócio. Acho que não dormi a noite inteira. Levei o barco de volta para o cais de São Francisco e lá vi o Eddy esperando por mim.

— Alô, Harry — ele me disse, agitando a mão.

Lancei para ele o cabo de popa. Ele o amarrou e em seguida subiu a bordo. Estava mais comprido, tinha o olhar mais turvo e estava mais bêbado do que nunca. Não lhe disse sequer uma palavra.

— Que coisa, aquele Johnson, hem? Ir embora desse jeito, não é, Harry? Teve alguma notícia dele?

— Vá embora daqui — disse. — Você é veneno para mim.

— Meu irmão, não acha que fiquei tão chateado quanto você?

— Saia do barco — tornei a dizer.

Eddy acabava de se aboletar numa cadeira e estendeu as pernas dizendo:

— Ouvi dizer que vamos atravessar hoje. Bem, acho que não vale mesmo a pena ficar por aqui.

— Você não vai comigo.

— Mas o que aconteceu, Harry? Por que está zangado comigo?

— Por quê?! Saia do barco!

— Ei, calma.

Dei um tapa na cara dele e ele, após permanecer um momento parado, subiu para o cais.

— Eu não faria uma coisa dessas a você, Harry — lamentou-se.

— E nem pense em fazer, que diabo! — respondi-lhe. — Só não vou levar você, e chega de conversa.

— Bem, mas por que tinha de me bater?

— Para você ver que não estou brincando.

— Mas o que quer que eu faça? Vou ficar aqui e passar fome?

— Passar fome, o diabo. Pode voltar na barca. Pode ganhar a passagem de volta com trabalho.

— Você não está me tratando direito.

— E a quem você já tratou direito, seu bêbado? Você trairia a própria mãe.

Isso também era verdade. Mas eu me sentia mal por ter batido nele. Sabem o que a gente sente quando bate num bêbado. Mas eu não o levaria, considerando toda a situação, nem que eu quisesse.

Ele começou a se afastar, descendo pelo cais, parecendo mais comprido do que um dia sem desjejum. Mas logo virou-se e retornou.

— Que tal me deixar uns dois dólares, Harry?

Dei a ele uma nota de cinco dólares, das que tinha recebido do chinês.

— Sempre achei que você fosse meu amigo, Harry. Por que não quer me levar?

— Você dá azar.

— Só porque você está zangado — me disse. — Não importa, amigo velho. Você ainda vai ficar satisfeito por me ver de novo.

Agora que tinha dinheiro, caminhava muito mais depressa mas, mesmo assim, matava a gente vê-lo caminhar daquele jeito, como se tivesse as juntas deslocadas.

Dei um pulo até o Pérola para me encontrar com o despachante, que me entregou os papéis. Paguei uma bebida para ele e em seguida almocei. Logo depois, Frankie apareceu.

— Um sujeito me deu isto para entregar a você — ele me disse, entregando-me uma espécie de tubo enrolado em papel e amarrado com um pedaço de barbante vermelho. Desembrulhei o tubo e tirei de dentro dele o que me pareceu ser uma fotografia do barco tirada por alguém que estivesse andando pelo cais.

Certo. Era de fato uma fotografia, um *dose* da cabeça e do peito de um negro morto, com a garganta cortada de orelha a orelha e em seguida costurada. No peito dele havia um cartão escrito em espanhol: “Isto é o que fazemos com os *lenguas largas*.”

— Quem deu isto a você? — perguntei ao Frankie. Ele me mostrou um rapazinho espanhol que trabalhava no cais e que estava tomado pela tuberculose. O rapaz estava em pé ao lado do balcão de lanches. — Peça a ele para vir até aqui.

O rapaz aproximou-se. Disse que dois sujeitos jovens tinham lhe passado o pacote, mais ou menos às onze horas. Primeiro, perguntaram se me conhecia, e ele havia respondido que sim. Então, ele o deu ao Frankie para me entregar. Haviam-lhe pagado um dólar para fazer com que o pacote chegasse às minhas mãos. Estavam bem-vestidos, segundo me disse.

— Política — adivinhou Frankie.

— Ah, sim — confirmei.

— Estão pensando que você contou à polícia que ia encontrar os rapazes aqui naquela manhã.

— Isso mesmo.

— Política ruim — repetiu Frankie. — Ainda bem que você está de partida.

— Eles me deixaram algum recado? — perguntei ao rapaz espanhol.

— Não — respondeu. — Só disseram para entregar isso aí a você.

— Estou indo embora agora mesmo! — disse ao Frankie.

— Política ruim — disse o Frankie. — Política muito ruim.

Juntei num maço os documentos que o despachante me entregara. Paguei a conta e saí do café. Cruzei a praça, passei pelo portão e me senti muito satisfeito de atravessar o armazém e entrar no cais. Aqueles rapazes tinham conseguido me assustar, ah, tinham, sim. Eram burros o bastante para achar que eu tivesse delatado os tais companheiros deles. Esses garotos eram como Pancho. Quando ficavam com medo, tornavam-se irrequietos demais, doidos para matar alguém.

Subi a bordo e aqueci o motor. Frankie ficou no cais, me observando. Estava sorrindo com aquele seu estranho sorriso de surdo. Voltei-me para ele e disse:

— Ei, não vá se meter em problemas por causa disto.

Ele não pôde me ouvir. Tive de gritar tudo de novo.

— Só boa política — respondeu Frankie. E soltou o barco.



Acenei com a mão para Frankie, que havia lançado para bordo o cabo da proa, e dirigi o barco para fora, conduzindo-o canal abaixo. Um cargueiro britânico estava saindo, e eu, passando pelo lado, tomei a sua frente. Estava bem carregado com açúcar e tinha o costado enferrujado. Um marinheiro inglês, vestindo um velho suéter azul, me lançou um olhar, da popa, quando estávamos navegando lado a lado. Saí da baía e passei pelo morro, pondo o barco na rota de Key West, rumo norte. Deixei o leme, fui até a frente e enrolei o cabo da proa. Voltei em seguida e coloquei o barco de novo em sua rota, deixando Havana para trás, cada vez mais distante, à medida que iam surgindo as montanhas.

Perdi de vista o morro, depois de algum tempo, e em seguida o Hotel Nacional. Por fim, apenas podia ver a cúpula do Capitólio. Não havia muita correnteza, em comparação com o último dia em que estivéramos pescando. Soprava apenas uma ligeira brisa. Vi um par de sumacas seguindo na direção de Havana, vindas do oeste. Isso me indicou que a corrente era ligeira.

Virei o interruptor, desligando o motor. Não havia sentido em desperdiçar gasolina. Deixei o barco ao sabor das ondas. Quando ficasse escuro, sempre poderia enxergar a luz do morro ou, se o barco fosse arrastado até muito longe, as luzes de Cojimar, e em seguida tomar novamente o leme e dirigir a embarcação para Bacuranao. No entanto, pelo jeito da corrente, calculei que o barco, ao escurecer, já teria sido arrastado por todo o trajeto de doze milhas até Bacuranao. Então, eu avistaria as luzes de Baracoa.

Bem, desliguei o motor e fui para a popa dar uma olhada. Tudo o que havia para ver eram as duas sumacas indo na direção oeste e, para trás, a cúpula do Capitólio, erguendo-se branca na orla do mar. Havia algumas algas sobre a correnteza e uns poucos pássaros revoando. Sentei-me durante algum tempo no teto da ponte de comando e fiquei observando; mas os únicos peixes que vi foram aqueles castanhos, pequenos, que sempre aparecem ao redor das algas. Meu irmão, ninguém pode dizer que não existe um bocado de água entre Havana e Key West. E eu estava apenas na borda desse mar imenso.

Depois de algum tempo, voltei para a cabina e foi então que encontrei o Eddy.

— O que aconteceu? O que foi que aconteceu com o motor?

— Parou.

— Por que não fechou a escotilha?

— Oh, diabo! — exclamei.

Sabem o que ele tinha feito? Havia voltado, entrou no barco escondido, pela escotilha da frente, descera para a cabina e fora dormir. Tinha duas garrafas com ele. No que o mandei embora, havia entrado na primeira taberna que encontrou, comprou bebida e voltou para bordo. Quando dei partida, ele acordou, e em seguida tornou a dormir. E quando desliguei o motor em pleno golfo e o barco começou a balançar um pouco, Eddy acordou com o balanço.

— Sabia que você ia me levar, Harry — disse ele.

— Vou levar você é para o inferno — respondi. — Você nem sequer consta da lista de tripulantes. Estou com a maior vontade de atirar você na água.

— Sempre o velho piadista, Harry — disse Eddy. — Acontece que nós, *conchos*, devemos sempre dar a mão uns aos outros, quando estamos com algum problema.

— Você... — eu grunhi — e essa sua grande boca. Quem pode confiar em sua boca quando você está de fogo?

— Sou um bom homem, Harry. É só me testar e você vai ver isso.

— Então, comece me entregando as duas garrafas — ordenei. Mas eu estava pensando em outra coisa.

Ele me entregou a bebida. Tomei um gole da que estava aberta e as coloquei na frente, ao lado da roda do leme. Eddy ficou lá, em pé, parado, enquanto eu o observava. Sentia pena dele, pelo que eu sabia que teria de fazer. Diabo, eu o conhecera quando ele era de fato um homem bom.

— Que está acontecendo com o barco, Harry?

— Está tudo muito bem.

— E o que está acontecendo com o resto, então? Por que está me olhando desse jeito?

— Meu irmão — falei, sentindo pena dele. — Você entrou numa encrenca danada!

— Como assim, Harry?

— Não sei ainda — respondi. — Ainda não descobri tudo.

Ficamos sentados lá durante algum tempo, mas não tive mais vontade de falar com ele. Já sabendo o que iria acontecer, ficava muito difícil falar com ele. Desci e apanhei a escopeta e a Winchester .30 que sempre guardava embaixo, na cabina. Coloquei-as em suas caixas no alto da cabina de comando, no lugar onde geralmente pendurávamos as varas, exatamente sobre a roda do leme, onde eu as poderia alcançar. Sempre as guardo em suas capas de lã de carneiro, com a lã do interior banhada em óleo. Essa é a única maneira de guardá-las num barco sem que se enferrujem.

Destravei a escopeta e a acionei algumas vezes; em seguida, carreguei-a e fiz um cartucho encaixar-se no cano. Coloquei uma bala na câmara da Winchester e enchi o carregador. Tirei de baixo do colchão o Smith and Wesson trinta e oito especial que eu usava quando estava na força policial em Miami, limpei-o, engraxei-o, pus a munição e o coloquei na cintura.

— Qual é o problema? — perguntou Eddy. — Que diabo está acontecendo?

— Nada — respondi.

— Para que todas essas malditas armas?

— Eu sempre as tenho a bordo. Para atirar em pássaros que atacam a isca, para disparar contra tubarões ou para navegar ao longo das ilhotas.

— Que diabo está acontecendo? — insistiu Eddy. — Qual é o problema?

— Nada — respondi.

Sentei-me com o velho trinta e oito me batendo na perna quando o barco balançava. Olhei para Eddy. Pensei: “Não tem sentido deixar o sujeito no ar, se vou precisar dele.”

— Vamos fazer um trabalhinho — expliquei. — Em Bacuranao. Eu digo o que você tem de fazer quando chegar a hora.

Não queria explicar as coisas muito antes porque ele ia ficar preocupado e assustado demais para ser de qualquer utilidade.

— Você não poderia ter ninguém melhor do que eu, Harry — garantiu. — Sou o homem que você precisa. Estou com você para o que der e vier.

Eu o examinei por um momento, alto, olhar turvo, trêmulo, e não disse nada.

— Escute, Harry. Que tal me dar um gole, um só? — ele pediu. Não quero começar a tremer.

Dei-lhe um gole. Ficamos sentados, esperando que escurecesse. Era um belo crepúsculo, soprava uma brisa ligeira e agradável. Esperei o sol declinar bastante e então pus o motor em movimento, dirigindo o barco lentamente para terra.



Ficamos a cerca de uma milha ao largo da costa, no escuro. A corrente havia tomado ímpeto com o cair do sol, e eu pude vê-la correndo. Podia avistar ainda o farol do morro, mais embaixo, a oeste, e o brilho de Havana. As luzes que ficavam do lado oposto a nós eram de Rincón e Baracoa. Dirigi o barco contra a corrente até passarmos por Bacuranao e quase até Cojimar. Em seguida, deixei-o vagar de volta. Estava muito escuro, mas eu sabia perfeitamente onde estávamos. Mantinha apagadas todas as luzes do barco.

— O que vamos fazer, Harry? — perguntou-me Eddy, que estava começando a ficar assustado de novo.

— O que você acha?

— Não sei — disse Eddy. — Mas você está me deixando preocupado. — Estava a ponto de ter tremores e, quando se aproximou, tinha o hálito de um urubu.

— Que horas são?

— Vou descer para ver — respondeu-me ele.

Voltou pouco depois e disse que eram nove e meia.

— Está com fome? — perguntei.

— Não. Você sabe que eu não ia conseguir comer agora, Harry.

— Está bem — disse eu. — Então pode tomar um trago.

Ele bebeu seu trago, daí lhe perguntei como se sentia e ele me disse que estava muito bem.

— Daqui a pouco deixo você tomar mais um ou dois goles — disse eu. — Sei que você não tem *cojones* quando não bebe alguma coisa e temos pouca bebida a bordo. Por isso é melhor ir com calma.

— Então, me conte o que está havendo — pediu Eddy.

— Escute — disse eu, falando-lhe no escuro. — Vamos a Bacuranao apanhar doze chineses. Quando eu mandar, você vai tomar o leme e fazer tudo o que eu lhe disser para fazer. Vamos apanhar os chineses, depois os fechamos lá embaixo, na frente. Vá lá agora e feche as escotilhas por fora.

Eddy se levantou, parecendo um vulto contra a escuridão. Quando voltou, pediu:

— Harry, posso tomar agora um daqueles?

— Não — respondi. — Quero que o rum o anime na hora certa. Não quero que você fique inútil.

— Pode contar comigo, Harry. Vai ver só.

— Você é um bêbado. Escute. Quem está trazendo os outros doze é um chinês. Ele vai me dar uma parte do dinheiro no início. Quando todos estiverem a bordo, vai me dar o resto. Quando você vir que ele me entregou o dinheiro da segunda vez, dê partida no barco e dirija-o para alto-mar. Não dê atenção a mais nada. Mantenha o barco em movimento, aconteça o que acontecer. Compreende?

— Compreendo.

— Se algum chinês começar a forçar as escotilhas, tentando sair da cabina ou meter a cara fora, depois de termos partido, você apanha aquela escopeta e o faz voltar lá para baixo tão depressa quanto apareceu. Sabe usar uma escopeta?

— Não, mas é só me mostrar como é.

— Você não ia se lembrar. Sabe usar a Winchester?

— Basta armar o gatilho e disparar.

— Isso mesmo. Não vá me abrir um buraco no casco.

— Acho melhor você me dar aquele outro gole agora — disse Eddy.

— Está bem. Um pequeno.

Dei-lhe um gole de verdade. Sabia que isso não ia deixá-lo bêbado, agora, com todo o medo que estava sentindo. Cada gole faria efeito durante algum tempo. Depois de beber, demonstrando muita satisfação, ele falou:

— Então, vamos transportar chineses? Bem, juro por Deus que sempre achei que ia acabar transportando chineses, quando estivesse quebrado.

— Mas nunca esteve quebrado antes, não é? — provoqueei.

Ainda lhe dei mais três goles para mantê-lo animado até as dez e meia. Era engraçado ficar observando o Eddy, e evitava que eu ficasse pensando no caso. Eu não havia previsto uma espera tão longa. Havia planejado partir quando escurecesse, afastar-me o suficiente para ficar fora da claridade e navegar ao longo da costa até Cojimar.

Pouco antes das onze horas, vi luzes aparecerem no ponto marcado. Esperei um pouco e em seguida aproximei o barco lentamente. Bacuranao é uma enseada onde havia um grande cais para embarque de areia. Há um pequeno rio que corre para a enseada quando as chuvas abrem a barra pela embocadura. O vento norte, no inverno, empilha a areia e fecha a barra. Costumavam ir até lá em escunas, que voltavam carregadas com goiabas. Havia também uma aldeia, mas um furacão arrasou-a, tudo desapareceu, exceto uma casa que alguns galegos construíram com o material dos prédios derrubados pelo furacão e que usam como clube quando vão de Havana para lá aos domingos, nadar e realizar piqueniques. Existe ainda outra casa, onde mora o comissário, mas fica bem distante da praia.

Ao longo de toda a costa, cada lugarzinho como aquele tem o seu comissário do governo, mas calculei que o china usaria seu próprio barco, já tendo tudo arranjado. Ao nos aproximarmos, pude sentir o cheiro dos sargaços e o aroma adocicado da vegetação litorânea.

— Vá lá para a frente — ordenei a Eddy.

— Você não vai bater em nada deste lado — ele me respondeu. — Os recifes ficam do outro lado quando se entra.

Veja só, ele já fora mesmo dos bons, um dia.

— Fique de olho — recomendei, enquanto dirigia o barco para um ponto de onde sabia que poderiam nos avistar. Não havendo muitas ondas, poderiam ouvir o motor. Não queria ficar esperando, sem saber se nos tinham visto ou não. Por isso, acendi as luzes por um momento, mas apenas a verde e a vermelha, apagando-as em seguida. Virei o barco, dirigi-o novamente para fora e lá parei com o motor apenas girando. Havia somente marolas àquela pequena distância da costa. — Volte para cá — disse a Eddy, a quem dei então um verdadeiro gole.

— É para armar primeiro com o polegar? — perguntou, cochichando.

Eddy estava agora sentado ao leme e eu havia apanhado os dois estojos. Eu os abri e puxei as coronhas para fora, coisa de quinze centímetros.

— Isso mesmo.

— Ah, ótimo — disse Eddy.

Era certamente maravilhoso que um gole fizesse efeito tão depressa nele.

Permanecemos onde estávamos, e de lá eu podia enxergar uma luz na casa do comissário, ao fundo, além do mato. Vi as duas luzes abaixarem e uma delas mover-se ao redor do ponto. Deviam ter apagado a outra.

Pouco depois, vi um bote saindo da enseada e navegando em nossa direção, com um homem remando. Dava para saber isso pela forma como ele se inclinava para a frente e para trás. O remo dele devia ser bastante comprido. Fiquei satisfeito. Se estavam num bote, então havia apenas um homem.

Encostaram ao lado do barco.

— Boa-noite, capitão — cumprimentou-me o senhor Sing.

— Vão para a popa e encostem o bote — instruí.

O senhor Sing disse qualquer coisa ao rapaz que remava, que entretanto não conseguiu fazer o bote voltar. Agarrei então a amurada e puxei o bote para a popa. Havia oito homens no bote: os seis chineses, o senhor Sing e o rapaz que remava. Enquanto puxava o bote para a popa, temi que algum disparo me atingisse no alto da cabeça, mas nada aconteceu. Endireitei-me e deixei o senhor Sing agarrar-se à popa.

— Quero ver o que tem para mim — exige. Ele me entregou o pacote, que levei até onde estava Eddy, ao lado do leme. Acendi a luz da bitácula e examinei cuidadosamente o conteúdo. Parecia tudo certo e tornei a apagar a luz. Eddy estava tremendo. — Tome um gole — recomendei.

Eu o vi apanhar a garrafa e levá-la aos lábios. Voltei para a popa.

— Está bem — disse. — Deixe seis deles subirem a bordo.

O senhor Sing e o cubano que remava estavam tendo dificuldade em impedir que o bote fosse inundado pelas pequenas ondas que batiam sem cessar. Ouvi o senhor Sing dizer qualquer coisa em chinês e todos os seus compatriotas começaram a subir para a proa.

— Um de cada vez — recomendei.

O senhor Sing disse mais alguma coisa e, então, um atrás do outro, os seis chineses subiram para a proa. Eram gordos, magros e de várias estaturas.

— Mostre o caminho a eles — ordenei a Eddy.

— Por aqui, cavalheiros — falou Eddy.

Meu Deus! Percebi logo que desta vez havia tomado um gole dos grandes.

— Feche a cabina — mandei, quando todos já estavam dentro.

— Sim, senhor — respondeu Eddy.

— Voltarei com os outros — disse o senhor Sing.

— OK.

Puxei o bote até deixá-lo livre e o rapaz começou a remar.

— Ouça — disse a Eddy. — Deixe aquela garrafa de lado. Você já está bastante animado agora.

— OK, chefe.

— Mas qual é o problema com você?

— É isto que eu gosto de fazer — respondeu Eddy. — Você me disse que tenho de puxar o cão para trás com o polegar, assim?

— Ora, seu bêbado safado! Dê-me um gole.

— Acabou tudo — respondeu Eddy. — Sinto muito, chefe.

— Escute. Tudo que tem para fazer agora é observar quando ele me entregar o dinheiro e tocar o barco para a frente.

— OK, chefe.

Apanhei a outra garrafa, peguei o saca-rolhas e tirei a rolha. Tomei um grande gole e voltei para a popa. Fechei bem a garrafa com a rolha e coloquei-a por trás de duas vasilhas cheias de água.

— O senhor Sing vem vindo — avisei ao Eddy.

— Sim, senhor.

O bote vinha avançando em nossa direção. Dirigiram-se para a proa e eu deixei por conta deles segurarem-se lá. O senhor Sing agarrou-se ao cilindro que tínhamos na popa, atravessado, e que servia para fazermos escorregar para bordo os peixes grandes.

— Podem subir — disse eu. — Um de cada vez.

Mais seis chineses sortidos subiram a bordo, dessa vez pela popa.

— Saia daí e leve-os para a frente — ordenei a Eddy.

— Sim, senhor — respondeu.

— Feche a cabina.

— Sim, senhor.

Vi que Eddy já tinha assumido a roda do leme.

— Muito bem, senhor Sing — disse. — Pode passar o restante da grana.

O senhor Sing enfiou a mão no bolso e estendeu o dinheiro em minha direção. Estiquei o braço e agarrei seu pulso junto com o dinheiro. Com a outra mão, agarrei a sua garganta, quando ele veio à frente para a popa. Senti o motor do barco dar partida e em seguida saltar adiante, quando se inclinou para cima. Eu estava ocupado com o senhor Sing, mas pude ver o cubano em pé na proa do bote, segurando o remo, enquanto nos afastávamos em meio a todas as sacudidas e saltos que o senhor Sing dava. Ele saltava e agitava-se mais do que um dourado preso numa fisga.

Virei o braço dele para trás das suas costas e empurrei para cima, mas forcei demais e senti que estava se quebrando. Quando se quebrou mesmo, o senhor Sing fez um barulhinho estranho e curvou-se para a frente. Embora eu o mantivesse seguro pela garganta e tudo o mais, ele me mordeu no ombro. Porém, quando senti que o braço estava quebrado, larguei. O braço não poderia mais lhe ser útil. Segurei-o pela garganta com ambas as mãos e, meu irmão, aquele senhor Sing se debatia como um peixe, com o braço pendurado, balançando. Forcei-o a curvar-se para a frente e se ajoelhar, e pressionei ambos os polegares bem atrás de sua garganta, e fui puxando toda a vida para trás até estalar. Ninguém venha me dizer que não dá para ouvir quando estala.

Fiquei segurando o chinês, imóvel, durante um segundo, e em seguida deixei-o tombar sobre a popa. Ficou caído lá, com o rosto voltado para cima, inerte, com suas belas roupas, os pés dentro da cabina do leme; foi como o deixei.

Apanhei o dinheiro que estava no chão da cabina, acendi a luz da bitácula e contei tudo. Tomei então o leme e disse a Eddy para procurar na popa alguns pedaços de ferro que eu usava para ancorar sempre que pescávamos em lugares onde o leito do mar era duro ou rochoso e não desejávamos arriscar uma âncora.

— Não consigo encontrar nada aqui — disse Eddy, que estava apavorado de ficar lá com o senhor Sing.

— Pegue o leme — ordenei. — Leve o barco para fora. — Notava-se certo movimento embaixo, mas eu não estava preocupado com os chineses.

Achei o que precisava, pedaços de ferro do antigo cais de carvão de Tortugas. Apanhei uma linha de pesca bem forte e amarrei os pedaços de ferro aos tornozelos do senhor Sing. Quando já estávamos a mais ou menos duas milhas de distância da costa, fiz o corpo deslizar para fora. Ele escorregou maciamente pelo cilindro. Não cheguei a revistar seus bolsos. Não estava disposto a mexer com ele.

Ele havia sangrado um pouco pelo nariz e pela boca, já caído na proa. Apanhei um balde d’água, o que quase me fez cair ao mar devido à velocidade em que navegamos, e limpei o sangue com uma escova que encontrei por lá.

— Diminua a velocidade — ordenei a Eddy.

— E se o corpo subir? — perguntou Eddy.

— Eu o joguei num lugar onde a profundidade é maior do que mil e trezentos metros — respondi. — Ele vai mergulhar até o fundo, e são muitas braças, meu irmão. Não vai subir de volta até que os gases o tragam para cima, e durante todo esse tempo vai ser arrastado pela corrente e comido por peixes. Diabo, não precisa mais se preocupar com o senhor Sing.

— Mas o que você tinha contra ele? — perguntou Eddy.

— Nada — respondi. — Era o homem mais fácil para se fazer negócios que já conheci. Mas desde o começo achei que tinha alguma coisa errada.

— Por que o matou?

— Para não ter de matar os outros doze chineses.

— Harry — pediu Eddy —, me dê logo mais um trago, porque já estou sentindo que vou começar a tremer. Fiquei doente só de ver a cabeça dele solta daquele jeito.

Eu lhe dei a bebida.

— O que vai fazer com os chineses?

— Quero pôr todos para fora o mais depressa possível, antes que empesteiem a cabina com o cheiro deles.

— Mas onde vai deixá-los?

— Vamos levá-los diretamente para a praia grande.

— Dirijo o barco para lá, agora?

— Isso, mas vá devagar.

Navegamos lentamente entre os recifes, para o ponto onde eu podia ver a praia brilhando. Havia muita água sobre os corais, e, ultrapassando-os, o fundo era de areia e havia um leito inclinado que levava até a praia.

— Vá até lá na frente e meça a profundidade.

Eddy começou a sondar com uma vara de pesca, fazendo sinais para mim com a vara. Ele voltou e acenou-me para parar. Virei a popa para a praia.

— Mais ou menos um metro e meio.

— Temos de ancorar — disse eu. — Se acontecer alguma coisa que não nos dê tempo de levantar a âncora, podemos soltá-la ou cortar a corda.

Eddy soltou a corda e, quando finalmente a âncora atingiu o fundo, prendeu-a. O barco ficou de proa para o mar.

— É fundo arenoso, você sabe — disse Eddy.

— Quanto temos de água pela popa?

— Não mais de um metro e meio.

— Apanhe a arma — disse eu. — E cuidado.

— Me deixe tomar um gole antes — pediu.

Estava muito nervoso. Dei-lhe um gole e apanhei a escopeta. Girei a chave da porta da cabina, abria-a e disse:

— Saiam.

Nada aconteceu.

Em seguida, um chinês pôs a cabeça para fora e, vendo Eddy em pé com a arma nas mãos, tornou a desaparecer.

— Saiam, ninguém vai ferir vocês — gritei. Nada. Apenas muita conversa em chinês.

— Saiam todos! — gritou Eddy.

Meu Deus, percebi que ele havia apanhado a garrafa.

— Largue essa garrafa ou faço você saltar para fora do barco com um disparo — disse a Eddy.

Voltando então para os chineses, avisei:

— Saiam, senão atiro.

Vi um deles espiando pelo canto da porta e, sem dúvida, enxergou a praia, porque voltou para dentro e começou a conversar com os demais.

— Ou saem agora, ou vou começar a atirar! — gritei.

Saíram.

Vou dizer uma coisa, só um cara muito perverso seria capaz de assassinar um bando de chineses como aquele e além disso aposto como ia ser muito difícil, ia haver uma confusão dos diabos.

Saíram todos e estavam apavorados. Não tinham arma alguma com eles, mas eram doze. Caminhei de volta para a popa, segurando a escopeta.

— Saltem do barco. A água não vai chegar nos ombros de vocês.

Ninguém se moveu.

— Pulem, seus diabos!

Ninguém se moveu.

— Seus estrangeiros amarelos, comedores de ratos — disse Eddy. — Saltem do barco!

— Cale a boca, bêbado — disse eu.

— Não nadar — disse um dos chineses.

— Não precisa nadar — respondi. — Não é fundo.

— Vamos, saltem do barco — insistiu Eddy.

— Venha aqui para a popa — ordenei. — Segure sua arma com uma das mãos. Com a outra pegue uma vara e mostre que não é fundo aqui.

Eddy fez o que eu disse, mostrando-lhes a vara úmida.

— Não precisa nadar? — perguntou o mesmo chinês.

— Não.

— Verdade?

— É.

— Onde é aqui?

— Cuba.

— Seu canalha! Bandido! — exclamou ele, dirigindo-se para a amurada, onde se segurou, saltando em seguida. Sua cabeça afundou, mas ele emergiu de volta e o queixo ficou fora d’água, do lado da popa. — Canalha! Bandido! — repetiu.

Estava enfurecido, todo metido a valente. Disse qualquer coisa em chinês e os outros começaram a saltar para a água do lado da popa.

— Está bem — disse a Eddy. — Levante a âncora.

Quando dirigimos o barco para fora, a lua começou a aparecer e era possível ver os chineses, que tinham apenas as cabeças fora d’água, caminhando para a praia. Ao fundo, via-se a praia brilhando, com o mato por trás.

Passamos pelos recifes e eu olhei para trás mais uma vez, vendo então a praia e as montanhas que começavam a aparecer. Em seguida, pus o barco em sua rota para Key West.

— Agora pode tirar uma soneca — disse a Eddy. — Não, espere. Vá lá embaixo, abra todas as escotilhas, para deixar sair o fedor, e depois me traga o iodo.

— O que aconteceu? — perguntou, quando trouxe o iodo.

— Cortei o dedo.

— Quer que eu pegue o leme?

— Pode dormir — respondi. — Acordo você depois.

Ele deitou-se na cama embutida da cabina do leme, sobre o tanque de gasolina, e num piscar de olhos estava adormecido.



Segurei o leme com o joelho e, abrindo a camisa, examinei onde o senhor Sing me havia mordido. Era uma grande mordida. Desinfetei com iodo, depois me sentei com o leme nas mãos, me perguntando se a mordida de um chinês seria venenosa, e ouvindo o barco deslizar suave e manso, com a água correndo a seu lado. Pensei: “Não deve ser! Aquela mordida não podia ser venenosa. Um homem como o senhor Sing provavelmente escovava os dentes duas ou três vezes ao dia. Que sujeito, o senhor Sing!” ... Certamente não tinha pinta de homem de negócios. Talvez apenas houvesse confiado em mim. É, de fato, não consegui decifrar aquele sujeito.

Bem, tudo agora era muito simples, exceto quanto ao Eddy. Ele era um bêbado, e como tal falava demais quando estava de fogo. Permaneci sentado, dirigindo o leme e observando Eddy. Pensei: “Raios, morto, ele vai estar tão bem quanto está agora, e eu não vou precisar me preocupar com nada.” Quando o descobri a bordo decidi que ia ter de eliminá-lo, mas em seguida tudo correu tão bem que não tive coragem. Só vê-lo deitado ali era certamente uma tentação. Pensei então no absurdo que é fazer uma coisa de que se pode arrepender mais tarde. Comecei a pensar que Eddy nem sequer constava da lista de tripulantes, que eu teria de pagar uma multa por tê-lo a bordo e não saberia como explicá-lo.

Bem, eu tinha muito tempo para pensar. Mantive o barco na rota e de quando em quando tomava um gole da garrafa que Eddy trouxera para bordo. Não restava muita bebida nela e, quando terminou, abri a única que eu ainda tinha. Vou lhe dizer, eu me sentia muito bem no leme, ali, uma noite tão bonita para navegar. No final, havia se tornado uma viagem boa, boa de verdade, embora tivesse parecido muito ruim em certos momentos.

Quando surgiu o dia, Eddy acordou. Disse que se sentia muito mal.

— Pegue o leme um momento — disse eu. — Quero dar uma olhada por aí.

Fui até a popa e joguei nela um pouco d’água. Estava perfeitamente limpa. Passei a escova sobre um dos lados. Descarreguei as armas e guardei-as embaixo. Conservei porém o revólver na cintura. Embaixo estava fresco e agradável, não se sentia o menor cheiro. Um pouco d’água havia entrado pela escotilha de estibordo, molhando uma das camas. Fechei as escotilhas. Não havia funcionário alfandegário no mundo que pudesse agora sentir cheiro de chinês naquela cabine.

Vi os papéis de saída do barco, numa bolsa de malha pendurada por baixo da licença emoldurada, onde os havia guardado quando viera para bordo, e tirei-os para examiná-los. Em seguida, dirigi-me para a cabina de comando.

— Escute — perguntei a Eddy. — Como é que o seu nome foi parar aqui na lista de tripulantes?

— Encontrei o despachante quando ele ia para o consulado e disse a ele que ia no barco.

— Deus protege os bêbados — disse eu; em seguida peguei o trinta e oito e desci para guardá-lo.

Fiz um pouco de café e, subindo, tomei o leme.

— Tem café lá embaixo — eu lhe disse.

— Meu irmão, acho que café não vai me fazer bem nenhum.

Ora, qualquer um ia sentir pena dele. Parecia estar se sentindo mal de verdade.

Por volta de nove horas avistamos o farol de Sandy Key mais ou menos à nossa frente. Vínhamos avistando petroleiros subindo o golfo já há bastante tempo.

— Estaremos lá dentro de umas duas horas — disse a Eddy. — Vou pagar a você os mesmos quatro dólares por dia que ia ganhar do Johnson, se ele tivesse pago.

— Quanto ganhou com o negócio de ontem à noite? — me perguntou.

— Apenas seiscentos — respondi. Não sei se acreditou ou não.

— Não tenho parte nisso?

— Esta é sua parte — respondi. — Exatamente o que acabei de falar. E se abrir a boca a respeito do que aconteceu na noite passada, vou descobrir e ponho você fora do mapa.

— Sabe que não sou delator, Harry.

— Você é um bêbado. Mas não me interessa se você vira idiota, de tanto beber, ou não. Se falar alguma coisa, já sabe.

— Sou um cara direito — protestou ele. — Não devia falar assim comigo.

— É impossível fazer de você um homem direito — repliquei.

No entanto, não estava mais preocupado com ele, pois quem lhe daria crédito? O senhor Sing não faria qualquer queixa. Os chineses também não fariam. O rapaz que remava o bote idem. Não ia querer se meter em complicações. Eddy talvez dissesse algo, mais cedo ou mais tarde, mas quem acreditaria num bêbado?

E quem poderia provar qualquer coisa? Claro que haveria muito mais falatório se checassem a lista de tripulantes e encontrassem o nome dele. Eu tive sorte, sorte de verdade. Claro que poderia dizer que ele caíra do barco, mas ainda assim haveria muito comentário. Eddy tivera muita sorte também. Muita sorte, sem dúvida.

Chegamos então à orla da corrente e a água deixou de ser azul para tornar-se ligeiramente esverdeada. Eu podia ver as estacas no estaleiro Eastern and Western, os postes telegráficos em Key West, o Hotel La Concha, destacando-se acima de todas as casas baixas, e bastante fumaça saindo do lugar onde queimavam o lixo. O farol de Sand Key estava bastante próximo agora, e eu podia ver o depósito de barcos, assim como o pequeno cais ao lado do farol. Sabia que tínhamos de navegar apenas mais quarenta minutos e sentia-me bem não só por estar voltando, mas também por ter garantido uma boa reserva para passar o verão.

— Que tal um gole, Eddy? — perguntei.

— Ah, Harry! — respondeu. — Sempre soube que você era meu camarada.

Naquela mesma noite já pude sentar-me na sala de visitas, fumando um charuto, bebendo um uísque com água e ouvindo Gracie Allen no rádio. As meninas haviam ido ao show e, sentado ali, eu comecei a ficar com sono. Estava me sentindo muito bem. Alguém apareceu diante da porta da frente e Marie, minha mulher, levantou-se de onde estava sentada para ver quem era. Quando voltou, disse:

— É aquele bêbado, o Eddy Marshall. Diz que precisa ver você.

— Diga-lhe para ir embora antes que eu corra com ele daqui — respondi.

Marie voltou e sentou-se novamente. Olhando pela janela, do lugar onde eu estava, sentado com os pés erguidos, pude ver Eddy descendo a rua, sob as lâmpadas, acompanhado por outro bêbado. Os dois caminhavam cambaleantes e suas sombras balançavam ainda mais do que eles.

— Pobres bêbados — disse Marie. — Tenho pena de bêbados.

— Ele é um bêbado de sorte.

— Não há bêbados de sorte — contestou Marie. — Você sabe disso, Harry.

— Tem razão — respondi. — Acho que não há mesmo.

SEGUNDA PARTE



Harry Morgan
(Outono)



Eles fizeram a travessia à noite e soprava uma forte brisa do noroeste. Quando o sol se ergueu, ele avistou um petroleiro vindo do golfo, tão alto e branco sob o sol que, naquele ar frio, parecia um edifício saindo do mar. Então, disse ao negro:

- Que diabo, onde é que estamos? — O negro levantou-se para olhar.
- Não tem nada igual a isso aí aqui deste lado de Miami.
- Você sabe muito bem que a corrente não trouxe a gente para Miami coisa nenhuma — ele disse ao negro.
- Bem, só sei que não tem edifícios como aquele em nenhum lugar da costa da Flórida.
- Estávamos indo para Sand Key.
- Então, logo a gente vai ver ela. Ou então os recifes da costa americana.

Instantes depois, verificou que era um petroleiro e não edifícios, e menos de uma hora depois, ele avistou o farol de Sand Key, uma construção sem saliências, estreita, de cor castanha, erguendo-se do mar exatamente no ponto onde devia estar.

- Quando um sujeito está pilotando um barco, precisa confiar no que faz — ele repreendeu o negro.
- Ora, antes até que eu tinha muita confiança... — respondeu o negro. — Mas do jeito como foi esta viagem, perdi ela toda.
- Como está sua perna?
- Dói sem parar.
- Não há de ser nada — disse o homem. — Conserve-a limpa e enfaixada que vai acabar sarando sozinha.

Ele dirigia o barco para oeste, agora, e pretendia ir deitar âncora para passar o dia entre os manguezais de Woman Key, onde não veria ninguém e onde o bote deveria ir encontrá-los.

- Num instante você vai ficar bem — garantiu ao negro.
- Não sei, não. Está doendo muito!
- Assim que a gente chegar, vou arranjar tudo para que você fique bom. Não foi um ferimento tão grave assim. Pare de se preocupar.
- Mas eu levei um tiro. Nunca havia levado um tiro antes. Levar um tiro é sempre grave.
- Você só está assustado.
- Não vem com essa, não! Eu levei um tiro e está doendo à beça. Ficou latejando a noite toda.

O negro continuou a resmungar coisas parecidas e não conseguiu resistir a retirar a atadura para olhar o ferimento.

- Não mexa no ferimento — disse o homem, com as mãos no leme.

O negro estava deitado no piso da cabina de comando, onde havia sacos de garrafas de bebida, em forma de presunto, empilhados por toda parte. Ele afastara alguns dos sacos para se deitar. Toda vez que se mexia, ouvia-se o ruído de vidro quebrado e sentia-se o cheiro de bebida derramada. A bebida havia corrido por toda parte. O homem conduzia agora o barco para Woman Key, que já estava bem à vista.

- Está doendo! — gemeu o negro. — Mais e mais! Piorando cada vez mais!
- Sinto muito, Wesley — disse o outro homem. — Tenho de pilotar o barco.
- Você trata um homem pior do que a um cão — acusou o negro.
- Ele estava ficando mal-humorado. Mas o outro homem ainda sentia pena dele.
- Vou deixar você um pouco mais confortável, Wesley. Deite quieto, agora.
- Você não se importa com o que acontece com os outros — disse o negro. — Nem parece um ser humano.
- Vou logo dar um jeito nisso — prometeu o homem. — É só parar de se mexer.
- Você não vai dar jeito nenhum em mim — esbravejou o negro.

O homem, cujo nome era Harry Morgan, não replicou na hora porque gostava do negro e não haveria outra coisa a fazer senão lhe dar um soco, mas ele não iria conseguir fazer isso. O negro continuou falando:

- Por que não paramos quando começaram a disparar?
- O homem não respondeu.
- Será que a vida de um homem não vale mais que uma carga de bebida?
- O homem estava concentrado no leme do barco.
- A gente tinha mais é que parar e deixar que apreendessem a muamba.
- Nada disso. Iam apreender a bebida e o barco, e a gente ia ser enfiado na cadeia.
- Não ligo pra cadeia — afirmou o negro. — Preferia cadeia a ser baleado.

O negro estava começando a irritar o homem, que já se cansara de falar.

— Porra! Qual de nós dois está mais ferido? — perguntou. — Você ou eu?

— Você — respondeu o negro. — Mas eu nunca tinha sido baleado antes. Nunca imaginei que iria levar um tiro. Não sou pago para levar tiros. E não quero sair por aí levando tiros.

— Calma aí, Wesley — aconselhou o homem. — Não ajuda nada você ficar repetindo essas coisas.

Estavam quase chegando à ilha. Achavam-se agora sobre os baixios e, quando ele conduziu o barco pelo canal, era difícil enxergar por causa do reflexo do sol sobre a água. O negro estava delirando ou tendo um transe religioso por estar ferido. O fato é que não parava mais de falar.

— Por que fazer contrabando de bebida agora? — disse. — Acabou a proibição. Por que o tráfico continua? Por que não trazem a bebida na barcaça?

Harry Morgan, mãos firmes no leme, observava cuidadosamente o canal.

— Por que as pessoas não são honestas e decentes? Por que não arranjam um jeito decente e honesto de ganhar a vida?

O homem viu que a água estava ondulando suavemente sobre os corais, embora não pudesse enxergá-los bem com todo aquele sol. Ele virou o barco e o fez girar, manobrando o leme com apenas um braço. Logo à frente, o canal abriu-se e o homem levou o barco, lentamente, até a beira dos manguezais. Deu de popa e pôs em ponto morto as duas alavancas de embreagem.

— A gente deveria lançar uma âncora — disse o homem. — Mas não vou conseguir levantar âncora nenhuma.

— E eu não posso nem me mover — queixou-se o negro.

— Você está mesmo com uma cara bem ruim — reconheceu o homem.

Harry Morgan teve enorme dificuldade para soltar, erguer e lançar a pequena âncora, mas acabou conseguindo, e deu bastante corda. O barco encostou-se nos manguezais, que ficaram exatamente na direção da cabine de comando. Em seguida, ele recuou e desceu para a cabina. E achou que ela estava mesmo com um aspecto horrível.

Durante a noite inteira, depois de ter enfaixado o ferimento do negro e de o negro ter enfaixado o dele, ficara observando a bússola e manobrando o leme. Quando nasceu o dia, viu que o negro estava deitado sobre os sacos, no meio da cabina de comando. Como estava tão absorvido em vasculhar o mar e em vigiar a bússola, à procura do farol de Sand Key, não tivera o cuidado de examinar bem a situação. E a situação era muito ruim.

O negro estava esparramado sobre o carregamento de bebida, com a perna para cima. Havia oito furos de bala na cabine, que fora bastante danificada. O vidro do para-brisa fora quebrado. Não dava para saber quanta mercadoria havia sido perdida. E, embora o negro não tivesse sangrado, ele tinha. No entanto, o pior, no seu modo de ver, era o cheiro de birita. Estava tudo encharcado de bebida. Mesmo agora, com o barco ancorado, imóvel, encostado nos manguezais, ele não conseguia parar de sentir o sacolejo do mar agitado que haviam enfrentado durante toda a longa noite no golfo.

— Vou fazer um pouco de café — disse ao negro. — E depois vou ver o que mais posso fazer por você.

— Não quero saber de café — resmungou o negro.

— Mas eu quero — replicou Harry.

Mas, quando desceu para a cabine interna, começou a sentir vertigens e teve de voltar para o convés.

— Acho que ninguém vai beber café aqui, afinal.

— Quero um pouco d’água.

— Está bem.

Ele deu ao negro um pouco de água, tirada de um garrafão.

— Por que resolveu continuar fugindo, quando eles começaram a atirar?

— E por que eles resolveram atirar? — retrucou Harry.

— Preciso de um médico — disse o negro.

— O que é que um médico vai fazer que eu já não tenha feito?

— O médico vai poder me curar.

— Vamos ter um médico aqui esta noite, quando o barco chegar.

— Não quero saber de esperar barco nenhum!

— Está bem — disse o homem. — Então vamos nos desembaraçar desta bebida.

Ele começou a descarregar, um trabalho difícil para quem dispunha de um único braço. Cada saco de garrafas de bebida pesava somente uns vinte quilos, mas ainda não havia descarregado muitos deles quando começou novamente a sentir vertigens. Sentou-se na cabina de comando e em seguida deitou-se.

— Você vai se matar — disse o negro.

O homem permaneceu deitado imóvel na cabina, com a cabeça recostada em um dos sacos. Os ramos dos manguezais haviam entrado pela cabina e faziam sombra sobre o lugar onde ele se deitara. Ele podia ouvir o vento por cima dos manguezais e, olhando para o alto, para o céu frio, enxergou as nuvens esparsas trazidas pelo vento do norte.

“Ninguém vai aparecer por aqui com este vento”, pensou. “Vão achar que não chegamos nem a partir, com uma ventania dessas.”

— Será que eles virão? — perguntou o negro.

— Claro que sim — respondeu o homem. — Por que não?

— Está ventando um bocado.

— Devem estar procurando por nós.

— Não com este vento. Por que está mentindo para mim?

O negro falava com a boca quase encostada num saco.

— Calma aí, Wesley — disse Harry. Mas o negro prosseguiu:

— Como é que é? — zombou. — Claro, calma, por que não? Está achando que é moleza morrer como um cachorro? Você me meteu nessa. Quero ver me tirar.

— Calma aí — repetiu o branco, num tom afetuoso.

— Eles não vão aparecer — insistiu o negro. — Sei disso muito bem! Estou sentindo frio, porra! Não aguento mais essa dor e esse frio. Estou avisando, não aguento mais.

O homem sentou-se, sentindo-se vazio e agoniado. Os olhos do negro o observavam quando se levantou sobre um joelho, com o braço direito pendendo; depois, ergueu a mão direita com a esquerda, colocou-a entre os joelhos e levantou-se apoiando-se na prancha de madeira pregada sobre a amurada. Ficou finalmente em pé, olhando para baixo, para o negro, com a mão direita ainda colocada entre as coxas. Deu-se conta de que nunca antes havia realmente sentido uma dor como aquela.

— Se eu conseguir estender o braço e o mantiver estendido, acho que não vai doer tanto assim — disse.

— Deixa eu colocar uma tipoia para o seu braço — sugeriu o negro.

— Não consigo dobrar o cotovelo — retrucou o outro. — Ficou duro.

— O que é que vamos fazer?

— Vamos descarregar a bebida. Será que você consegue me passar o que estiver ao seu alcance, Wesley?

O negro tentou mover-se para agarrar um dos sacos, mas soltou um gemido e tornou a se deitar.

— Está doendo tanto assim, Wesley?

— Oh, meu Deus! — exclamou o negro.

— Não acha que se mover um pouco vai doer menos?

— Eu levei um tiro — respondeu o negro. — Não vou me mexer porra nenhuma! Ora, levei um tiro e o cara quer que eu descarregue os sacos de bebida.

— Calma aí.

— Se repetir isso mais uma vez, fico maluco.

— Calma aí — repetiu o homem serenamente.

O negro soltou um rugido e, arrastando-se com auxílio das mãos sobre o convés, apanhou uma pedra de amolar que estava embaixo da reborda da escotilha.

— Eu mato você! — vociferou. — Vou quebrar a sua cabeça.

— Não com uma pedra de amolar — disse o homem. — Calma aí, Wesley.

O negro começou a chorar, com o rosto encostado a um saco. O branco continuou a erguer penosamente os sacos cheios de bebidas, lançando-os por sobre a amurada do barco.



Morgan ainda estava descarregando a bebida quando escutou o ruído de um motor. Então, olhou e avistou um barco vindo na direção deles, navegando pelo canal que circundava a ponta da ilha. Era um barco de cor branca, com uma cabina de comando pintada de amarelo-claro e um para-brisa.

- O barco vem vindo — disse. — Venha para cá, Wesley.
- Não posso.
- Vou me lembrar de tudo de agora em diante — disse o homem. — Até aqui era diferente.
- Pode lembrar o que quiser — respondeu o negro. — Eu também não vou me esquecer de coisa nenhuma.

Trabalhando depressa agora, com o suor correndo pelo rosto, sem deixar de acompanhar o barco que descia lentamente pelo canal, o homem apanhava os sacos de bebida com seu braço bom e lançava-os por sobre a amurada.

- Saia de cima — ordenou Harry e apanhou o saco que estava sob a cabeça do negro, jogando em seguida para fora. O negro sentou-se.
- Aí estão eles — disse.

O outro barco estava de través com o deles.
— É o capitão Willie — observou o negro. — Está com um grupo, pescando.

Na popa do barco, dois homens com roupas de flanela e chapéus brancos pescavam de corrico sentados em cadeiras especiais. Um velho com chapéu de feltro e uma viseira manobrava o leme e conduziu o barco para perto dos manguezais, onde estava o barco carregado de bebida.

- Como está Harry? — perguntou o velho ao passar junto a eles.

Harry respondeu acenando com seu braço bom. A lancha se afastou, com os homens que pescavam olhando para o barco de bebidas e comentando alguma coisa com o velho. Harry não pôde escutar o que diziam.

- Vão fazer uma volta na embocadura e depois retornam — disse Morgan ao negro.
- Ele desceu para dentro do barco e voltou em seguida com um cobertor, dizendo:
- É melhor você se cobrir.
- Já era tempo de me cobrir. Mas eles não podiam ter deixado de ver aqueles sacos de bebida. O que vamos fazer?
- Willie é um cara legal — respondeu Harry. — Vai apenas dizer ao pessoal na cidade que nos viu por aqui. Aqueles caras pescando não vão se importar com a gente. Para que iam querer se meter conosco?

Ele sentiu um tremor e sentou-se no banco do leme, com o braço direito apertado entre as coxas. Seus joelhos tremiam e com isso podia sentir que as extremidades partidas do osso de seu braço raspavam uma na outra. Afastou os joelhos, retirou o braço e deixou-o pender de um lado. Estava sentado deste modo quando a lancha passou novamente por eles, subindo o canal. Os dois homens que pescavam nas cadeiras estavam conversando. Havia abandonado suas varas de pesca e um deles o examinava com um binóculo.

Estavam longe demais para que pudesse ouvir o que diziam. E também não ia adiantar nada se pudesse.

A bordo do barco de aluguel *South Florida*, pescando ao longo do canal de Woman Key porque era muito perigoso sair para além dos recifes, o capitão Willie Adams pensava: “Então o Harry fez a travessia na noite passada. Aquele rapaz tem *cojones*. Deve ter apanhado todo aquele vento. Seu barco é mesmo de alto-mar! Como será que quebrou o para-brisa? Eu é que não faria a travessia numa noite como a de ontem. Que o diabo me carregue se eu algum dia transportar bebida de Cuba. Agora, trazem tudo de Mariel, e dentro da lei.”

- O que acha, capitão? Que barco é aquele? — perguntou um dos homens sentados nas cadeiras de pesca.
- Aquele barco?
- Sim, aquele barco.
- Oh, é um barco de Key West.
- O que eu quero é saber a quem pertence.
- Não sei.
- O proprietário é pescador?
- Bem, há quem diga que é.
- Que quer dizer com isso?
- Ele faz de tudo um pouco, entende?
- Não sabe o nome dele?
- Não, senhor.
- Mas você o chamou de Harry.
- Eu não.

— Escutei você chamá-lo de Harry.

O capitão Willie Adams encarou o homem que estava lhe falando. Viu um rosto muito vermelho, de maçãs salientes e lábios finos, com profundos olhos cinzentos e uma boca desdenhosa, fitando-o por baixo de um chapéu de lona branca.

— Só se o chamei assim por engano — disse o capitão Willie.

— Pode ver que aquele homem está ferido, doutor — disse o outro homem, entregando o binóculo a seu companheiro.

— Não preciso de binóculo para ver isso — respondeu o homem que fora chamado de doutor. — Quem é aquele homem?

— Não tenho a menor ideia — respondeu o capitão Willie.

— Bem, vai ficar sabendo — disse o homem de boca desdenhosa. — Anote os números da proa.

— Já anotei, doutor.

— Vamos até lá dar uma olhada — disse o doutor.

— O senhor é mesmo um doutor? — perguntou o capitão Willie.

— Não em medicina — respondeu o homem de olhos cinzentos.

— Se não é médico, não vou voltar lá.

— Por que não?

— Se ele quisesse que a gente se aproximasse, teria feito um sinal. E, se não nos quer por lá, não temos por que nos meter. Nesta região, cada um cuida de seus próprios negócios.

— Perfeito. Então, o que você deve fazer é se meter com o que é da sua conta. Leve-nos até aquele barco, agora mesmo.

O capitão Willie continuou subindo o canal, com o motor Palmer de dois cilindros tossindo em ritmo regular.

— Não está me ouvindo?

— Estou, sim, senhor.

— Por que, então, não obedece minhas ordens?

— Que diabo o senhor pensa que é? — disparou o capitão Willie.

— Não importa! Faça o que lhe digo!

— Mas, afinal, quem o senhor pensa que é?

— Está bem. Para seu governo, sou um dos três homens mais importantes atualmente nos Estados Unidos.

— Então, que diabo está fazendo em Key West?

O outro homem inclinou-se para a frente, dizendo:

— Ele é Frederick Harrison.

— Nunca ouvi falar — respondeu o capitão Willie.

— Bem, mas vai ouvir — disse Frederick Harrison. — Assim como todos os habitantes deste vilarejo perdido e fedorento, nem que eu tenha de arrancar todo o manguezal pelas raízes.

— Mas que sujeito simpático é o senhor — disse o capitão Willie. — Como conseguiu ficar tão importante?

— Ele é um dos nomes mais importantes do governo federal — explicou o outro.

— Conversa fiada — disse o capitão Willie. — Se ele é tudo isso, o que está fazendo aqui em Key West?

— Veio aqui para descansar — explicou o secretário. — Ele vai ser o governador geral do...

— Chega, Willis — ordenou Frederick Harrison, e logo acrescentou sorrindo: — Agora, nos leve até aquele barco. — Tinha um sorriso reservado para tais ocasiões.

— Não vou fazer isso. Não, senhor.

— Escute aqui, seu pescador biruta, se não me obedecer, vou tornar a sua vida tão miserável que...

— Ah, vai? — desafiou o capitão Willie.

— Você não tem ideia de quem eu seja!

— Estou ligando muito pra isso — replicou o capitão.

— Aquele homem é um contrabandista de bebida, não é?

— O que é que o senhor acha?

— Provavelmente, tem uma recompensa para quem o prender.

— Duvido.

— É um infrator da lei.

— Tem família, precisa comer e alimentar os seus. E quem consegue comer, com o pessoal trabalhando para o governo, aqui, em Key West, por seis dólares e meio por semana?

— Ele está ferido. Isso significa que esteve metido em alguma encrenca.

— A menos que tenha metido uma bala em si mesmo por brincadeira.

— Guarde o seu sarcasmo. Vamos até lá e colocaremos sob custódia o homem e seu barco.

— Para levá-lo aonde?

— A Key West.

— O senhor é um policial?

— Já lhe disse quem é ele — declarou o secretário.

— Muito bem — disse o capitão Willie.

Ele empurrou o cabo do leme com toda a força e virou o barco, aproximando-se tanto da margem do canal que a hélice ergueu uma nuvem de lama. Em seguida, desceu o canal em direção ao lugar onde o outro barco estava encostado no manguezal.

— Tem alguma arma a bordo? — perguntou Frederick Harrison ao capitão Willie.

— Não, senhor.

Os dois homens com roupas de flanela estavam agora em pé, olhando o barco de bebidas.

— Isto é mais divertido do que pescar, hein, doutor? — observou o secretário.

— Pescar é uma idiotice — respondeu Frederick Harrison. — Se a gente apanha um desses agulhões-bandeira, o que vai fazer com ele? Não dá para comê-lo. Agora, isto aqui é realmente interessante.

Estou satisfeito por poder participar de uma coisa assim, pessoalmente. Ferido como está, aquele homem não vai conseguir escapar. Sair para o mar alto seria muito perigoso. Já conhecemos o barco dele.

— E o senhor vai capturá-lo sozinho! — comentou o secretário admirado.

— E desarmado ainda por cima — acrescentou Frederick Harrison.

— Sem toda aquela festa que faz o pessoal do FBI.

— Edgar Hoover sempre exagera na autopromoção — declarou Frederick Harrison. — Acho que lhe demos corda demais. Encoste ali no barco — ordenou, dirigindo-se ao capitão.

Willie soltou o cabo do leme e seu barco ficou à deriva.

— Ei! — gritou o capitão, voltando-se para o barco de Harry. — Conservem suas cabeças abaixadas.

— Que é isso?! — rugiu Harrison encolerizado.

— Cale-se! — respondeu o capitão Willie e, gritando para o outro barco, acrescentou: — Ei, vocês! Escutem! Vão para a cidade e não se preocupem. Não se importem com o barco. Eles vão apanhar o barco. Desembarquem sua carga e vão para a cidade. Tenho aqui a bordo um sujeito que é uma espécie de dedo-duro lá de Washington. Pelo que diz, é mais importante que o presidente. Está querendo prender vocês porque acha que vocês são contrabandistas de bebidas. Tomou nota dos números do barco. Nunca vi você e por isso não posso saber quem você é. Não vou poder identificar você...

Os dois barcos afastaram-se um do outro. O capitão Willie continuou gritando:

— Não sei que raio de lugar é este onde vi você. Nem saberia como voltar até aqui.

— OK — gritou alguém de dentro do barco de bebida.

— Vou arranjar um jeito de o figurão ficar aqui pescando até escurecer — acrescentou o capitão Willie.

— OK.

— Ele adora pescar — gritou ainda o capitão Willie, com a voz quase falhando. — Mas o filho da puta reclama que não dá para comer os peixes.

— Obrigado, meu irmão — gritou a voz de Harry.

— Aquele sujeito é seu irmão? — perguntou Frederick Harrison, com o rosto rubro de raiva, mas sempre mantendo seu apetite por informações.

— Não, senhor — respondeu o capitão Willie. — Quase todos os homens que trabalham em barcos chamam de irmãos uns aos outros.

— Vamos voltar para Key West — disse Frederick Harrison, mas sem grande convicção.

— Não vamos, não, senhor — respondeu o capitão Willie. — Os cavalheiros me contrataram por um dia inteiro. Vou fazer com que recebam o que pagaram. Vocês me chamaram de biruta, mas eu

vou cuidar para que aproveitem o aluguel do barco que pagaram pelo dia inteiro.

— Leve-nos para Key West — ordenou Harrison.

— Sim, senhor — respondeu o capitão Willie. — Quando chegar a hora. Mas escutem uma coisa: agulhão-bandeira é tão bom para se comer quanto um papa-terra. Quando os vendíamos ao Rios, lá do mercado de Havana, recebíamos vinte centavos por quilo, o mesmo preço que pagava pelos papa-terras.

— Cale a boca! — exclamou Frederick Harrison.

— Pensei que se interessasse por essas coisas, sendo um homem do governo. O senhor não tem nada a ver com os preços das coisas que a gente come, tem? Tem certeza? Não é dos caras que fazem tudo custar mais caro, ou algo parecido? Não é daqueles sujeitos que fazem os cereais custarem mais e as cocorocas menos?

— Cale essa boca! — repetiu Harrison.



No barco da muamba, Harry havia descarregado o último saco.

— Me dá a faca de peixe — pediu ao negro.

— Sumiu.

Harry pressionou os botões de partida automática e pôs em funcionamento os dois motores. Havia instalado um segundo motor quando voltara a contrabandear bebida, e isso foi quando a Depressão levou para o buraco o seu negócio de aluguel do barco para pescarias. Ele apanhou a machadinha e com a mão esquerda cortou o cabo da âncora, golpeando-o contra a abita. “A âncora vai afundar e eles podem recolhê-la quando vierem buscar a carga”, pensou Harry. “Vou levar o barco para o golfo de Garrison e, se vão mesmo tomá-lo de mim, bom proveito. Preciso arranjar um médico. Não quero perder meu braço e o barco ao mesmo tempo. A carga vale tanto quanto o barco. Só uma pequena parte se quebrou. Mas mesmo umas poucas garrafas quebradas podem espalhar um bocado de cheiro.”

Ele encaixou a embreagem de bombordo e virou o leme para afastar-se dos manguezais com a maré já subindo. Os motores funcionavam suavemente. O barco do capitão Willie estava duas milhas à frente e parecia estar sendo conduzido para Boca Grande. “Acho que a maré já subiu o bastante para a gente poder atravessar as lagoas”, pensou Harry.

Ele pressionou a embreagem de estibordo e os motores roncaram quando calçou o botão do acelerador. Dava para sentir a proa se erguendo e os manguezais verdes ondulando suavemente junto ao barco, que sugou água de suas raízes. “Tomara que não me tomem o barco”, pensou. “E tomara também que possam dar um jeito no meu braço. Como eu ia saber que iam atirar contra nós em Mariel? Já estávamos indo e voltando abertamente naquela rota havia seis meses. Esses cubanos não são bons da cabeça! Alguém não recebeu sua parte, por isso atiraram na gente. Os cubanos são assim...”

— Ei, Wesley! — gritou, olhando para dentro da cabina de comando, onde o negro estava deitado com um cobertor por cima. — Como se está sentindo?

— Deus do céu! — gemeu Wesley. — Cada vez pior!

— Ah, é? Vai se sentir pior ainda quando o médico começar a cutucar você procurando a bala — disse Harry.

— Você não é humano — lamentou-se o negro. — Não tem o menor sentimento de humanidade.

“Grande Willie, um ótimo camarada”, pensava Harry. “Um bom camarada de verdade, grande Willie. Devíamos é ter entrado logo, em vez de ficar esperando. Foi besteira esperar. Estava tão tonto e fraco, que não consegui raciocinar direito.”

À sua frente, agora, avistou o branco do Hotel La Concha, as torres telegráficas e as casas da cidade. Pôde ver também as barcas ancoradas no cais Trumbo, que ele contornaria para se dirigir para o golfo de Garrison. “Grande Willie, amigo velho!”, pensou. “Estava fazendo aqueles caras passarem um mau pedaço. Mas quem seriam aqueles nojentos? Que o diabo me carregue, mas estou me sentindo péssimo agora. Muito, muito zozno. Fizemos bem em vir para cá. Esperar lá teria sido uma loucura.”

— Senhor Harry — disse o negro. — Sinto muito não ter podido auxiliá-lo a descarregar a muamba.

— Diabo — exclamou Harry. — Negro nenhum vale grande coisa quando está baleado. Mas você é um negro legal, Wesley.

Acima do rugido dos motores e do zunido alto e ritmado do barco cortando a água, sentia em seu peito uma batida estranha e surda. Sempre sentia isso quando voltava para casa depois de uma viagem. “Tomara que consigam curar o meu braço”, pensou. “Ainda tenho muito trabalho para ele.”

TERCEIRA PARTE



Harry Morgan
(Inverno)

**Albert falando**

Estávamos todos lá no bar do Freddie, quando aquele advogado alto e magro entrou e disse:

— Onde está o Juan?

— Não voltou ainda — respondeu alguém.

— Sei que já voltou e preciso vê-lo.

— Mas claro! Você dedurou onde ele estava, fez com que fosse indiciado e agora vai defendê-lo — disse Harry. — Não venha agora com essa história de perguntar onde ele está. Vai ver, você o escondeu aí no seu bolso.

— Não me amole — respondeu o advogado. — Tenho um serviço para ele.

— Bem, vá procurá-lo em outro lugar — disse Harry. — Aqui ele não está.

— É sério! Tenho um serviço para ele — insistiu o advogado.

— Você não tem serviço para ninguém. Você é veneno.

Exatamente nesse momento, o velho de longos cabelos grisalhos caindo sobre o colarinho e que vende preservativos entra para comprar bebida. Freddy enche uma garrafa de um quarto de litro, o velho fecha-a com uma rolha e sai, apressado, atravessando a rua com ela.

— O que houve com o seu braço? — perguntou o advogado a Harry. Harry estava com a manga da camisa dobrada e presa ao ombro.

— Não gostava do jeito dele, então cortei fora — respondeu Harry.

— Você e quem mais?

— Eu e um médico — respondeu Harry. Ele estivera bebendo e estava se divertindo um pouco com aquilo. — Eu segurei o braço, e ele o cortou. Se cortassem os braços de quem vive com as mãos nos bolsos alheios, você não teria mais mãos, e talvez nem os pés.

— O que aconteceu? Por que precisaram amputá-lo? — perguntou o advogado.

— Acho bom você não se meter nisso — respondeu Harry.

— Não, quero mesmo saber. O que aconteceu, e onde foi?

— Vá amolar outro — irritou-se Harry. — Você sabe onde eu estava e sabe o que me aconteceu. Feche essa matraca e não me aborreça.

— Preciso conversar com você — disse o advogado.

— Pode falar.

— Não, vamos lá atrás.

— Não quero conversar com você. Você nunca vem com nada de bom. Você é veneno, mais nada.

— Tenho algo para você. Coisa boa.

— Está bem. Vou escutar, mas só esta vez — disse Harry. — Sobre o que é? Sobre o Juan?

— Não. Nada a respeito do Juan.

Foram para o fundo, além da curva do balcão do bar, onde ficam os reservados, e permaneceram ali durante bom tempo. Enquanto estavam lá, a filha de Big Lucie entrou com aquela moça que mora com elas e com quem ela sempre anda. Sentaram nos tamboretos do bar e pediram uma Coca-Cola.

— Disseram que não vão mais deixar moças saírem à rua depois das seis horas da noite e que vão proibi-las de entrar nos bares — contou Freddy à filha de Big Lucie.

— É, já ouvi isso.

— Esta cidade vai virar um inferno — observou Freddy.

— Já é um inferno. A gente sai para dar uma volta, comer um sanduíche e tomar uma Coca-Cola, e esses caras prendem a gente e multam em quinze dólares — disse a outra garota.

— Parece que é o que têm para fazer — disse a filha de Big Lucie. — Não querem que a gente se divirta. Detestam gente com ar satisfeito.

— Se não derem logo um jeito nesta cidade, garanto que as coisas vão ficar um bocado ruins.

Exatamente nesse momento, Harry e o advogado voltavam. O advogado dizia:

— Então, você vai até lá?

— Por que não os traz aqui?

— Não. Eles não querem entrar. Tem de ir lá.

— Está bem — respondeu Harry, dirigindo-se ao bar, enquanto o advogado saía.

— O que quer tomar, Al? — me perguntou.

— Um Bacardi.

— Dois Bacardis, Freddy.

Harry voltou-se em seguida para mim e perguntou:

— O que você anda fazendo agora, Al?

— Trabalhando em obras públicas.

— Fazendo o quê?

— Cavando esgotos, retirando das ruas os trilhos dos bondes velhos...

— Quanto ganha?

— Sete e meio.

— Por semana?

— O que você acha?

— Como consegue beber aqui, então?

— Não estava bebendo, até que você me convidou — respondi. Então, ele chegou-se mais para perto de mim e perguntou:

— Quer fazer uma viagem?

— Depende. O que é?

— Vamos conversar sobre isso.

— Está bem.

— Vamos até o carro — disse ele. — Até logo, Freddy.

Ele estava respirando um tanto acelerado, que era o jeito de ele respirar quando bebia. Saí caminhando ao seu lado ao longo das valas abertas nas ruas, ali mesmo onde estivéramos trabalhando o dia inteiro, e fomos até a esquina, onde estava seu carro.

— Entre — disse ele.

— Aonde vamos? — perguntei.

— Não sei — respondeu Harry. — Vamos por aí.

Subimos a rua Whitehead, sem que Harry abrisse a boca. Foi até o final, dobrou à esquerda, e seguimos pelo centro da cidade até a rua White, tomando então o rumo da praia. Durante todo esse tempo, Harry permaneceu calado, e acabamos entrando na estrada de areia que percorremos até o Boulevard, onde ele encostou o carro no meio-fio e parou.

— Tem uns caras desconhecidos querendo alugar meu barco para fazer uma viagem — explicou.

— Mas o pessoal da alfândega apreendeu o seu barco.

— Sim, mas os tais sujeitos não sabem disso.

— Que viagem é essa?

— Dizem que querem levar alguém que precisa ir a Cuba tratar de um negócio e não pode viajar nem de avião nem de navio. Era sobre isso que o Bico Doce estava conversando comigo.

— Tem gente fazendo isso?

— Claro! Todo dia, depois da Revolução. Pelo jeito, não é nada difícil. Muita gente vai até Cuba assim.

— E o barco?

— Temos de roubar o barco. Você sabe, não o consertaram ainda, e não posso dar partida no motor sozinho.

— Como vai tirá-lo da capitania?

— Dou um jeito.

— E como vamos voltar?

— Ainda não pensei nisso. Se não está querendo ir, pode dizer.

— Claro que estou, mas só se for para ganhar alguma grana.

— Escute — disse Harry. — Você está ganhando sete dólares e meio por semana. Tem na escola três crianças que sentem fome ao meio-dia. Tem uma família com a barriga doendo e eu lhe dou uma oportunidade de ganhar um dinheirinho.

— Você não disse quanto será esse dinheirinho. A gente precisa ganhar uma grana firme quando se arrisca.

— Você sabe muito bem que agora não tem muito dinheiro em jogada nenhuma, Al — argumentou Harry. — Veja o meu caso... Eu costumava ganhar trinta e cinco dólares por dia, durante a estação inteira, levando gente para pescar. Agora, fui baleado, perdi o braço e o meu barco, contrabandeando uma merda de uma carga de bebida que mal valia o preço do barco. Mas, me escute bem, minhas crianças não vão ficar com a barriga doendo de fome e não vou cavar esgotos para o governo por menos dinheiro de que preciso para alimentá-las. Aliás, fosse como fosse eu não ia poder mesmo cavar esgotos agora. Não sei quem fez as leis, mas sei que não há lei que nos obrigue a passar fome.

— Cheguei a fazer greve por mais salário — repliquei.

— É, mas depois voltou ao serviço — disse ele. — Espalharam por aí que vocês estavam fazendo greve contra a caridade do governo. Você sempre trabalhou, não foi? Nunca pediu nenhuma esmola.

— Não existe muito trabalho sendo oferecido hoje em dia — resmunguei de volta. — Está difícil conseguir ganhar o que a gente precisa para viver.

— Por quê?

— Não sei.

— Nem eu. Mas enquanto tiver gente comendo por aí, minha família também vai comer. Eles estão querendo é que vocês, *conchos*, passem fome até darem o fora, para poderem então queimar os barracos e construir apartamentos. Querem fazer disto aqui uma cidade só para turistas.

— Você fala como um radical — disse eu.

— Não sou radical coisa nenhuma — respondeu. — Estou cheio de tudo. Estou cheio, e já há muito tempo.

— Acredito. E perder o braço não fez você se sentir melhor.

— Para o diabo com o meu braço! Quem perde um braço perde um braço. Tem coisas piores do que perder um braço. A gente tem dois braços e também tem duas de uma outra coisa. Um homem ainda é um homem com apenas um braço ou com apenas uma daquelas coisas. Para o diabo com tudo isso! Não quero falar nesse assunto.

Depois de um minuto de silêncio, acrescentou:

— Eu ainda tenho aquelas duas outras coisas.

Então, pôs finalmente o carro em movimento, dizendo:

— Vamos procurar esses camaradas.

Rodamos pelo Boulevard, com a brisa soprando e uns poucos carros cruzando conosco. Sentíamos o cheiro dos sargaços mortos sobre o pavimento, nos pontos em que as ondas haviam passado sobre o quebra-mar durante a maré alta. Harry dirigia com o braço esquerdo. Sempre gostei dele e viajamos juntos muitas vezes nos velhos tempos. Só que ele mudara bastante, depois de perder o braço e por causa daquele sujeito de Washington ter feito uma denúncia por escrito contando que vira o barco dele transportando bebida contrabandeada. Daí, a Capitania dos Portos apreendeu o barco. Mas Harry só se sentia bem a bordo de seu barco. Longe do barco, ele se sentia muito mal. Creio que tinha ficado satisfeito por ter uma boa desculpa para roubá-lo de volta. Ele sabia que não poderia mantê-lo para sempre, mas talvez pudesse ganhar algum dinheiro até perdê-lo outra vez. Eu precisava muito de dinheiro, mas não queria me meter em encrencas. Foi o que lhe disse:

— Está sabendo que não quero me meter em nenhuma confusão mais grave, certo, Harry?

— E que problema seria maior do que esse em que você está agora? — replicou. — Quer confusão maior do que passar fome?

— Não estou passando fome — respondi. — Por que diabo fica repetindo que eu estou passando fome?

— Talvez você não esteja, mas seus filhos estão.

— Pare com isso — disse. — Vou trabalhar com você, mas não pode falar comigo desse jeito.

— Está bem. Mas veja bem se quer o serviço. Tem um bocado de gente disponível aqui na cidade.

— Eu quero o serviço — respondi. — Já disse, eu quero.

— Então, ânimo.

— Ânimo, você. É você quem está falando como um radical.

— Vamos, anime-se. Nenhum de vocês, *conchos*, tem ânimo para nada!

— E desde quando você deixou de ser um *concho*?

— Desde a primeira vez que fiz uma refeição boa de verdade.

Ele estava dizendo coisas duras, tudo bem, e desde garoto nunca mostrara ter pena de ninguém. Mas também nunca tivera pena de si próprio.

— Está bem — disse.

— Calma aí, agora — recomendou.

À nossa frente eu podia ver as luzes do tal lugar.

— É aqui que vamos encontrar com eles — anunciou Harry. — Fique de boca fechada.

— Ora, não me aborreça!

— Ei, calma aí, já disse! — repetiu ele, quando entramos na ruela do jardim e nos dirigimos para os fundos da casa. Ele era um fanfarrão, um grosso, mas sempre fui muito com a cara dele.

Paramos o carro nos fundos e fomos para a cozinha, onde a mulher do advogado estava cozinhando, junto a um fogão.

— Olá, Freda — cumprimentou Harry. — Onde está Bico Doce?

— Está lá dentro, Harry. Olá, Albert.

— Olá, senhora Richards.

Eu a conhecia desde o tempo em que trabalhava na zona, mas duas ou três das donas de casa mais trabalhadoras da cidade haviam sido putas, e ela era uma mulher trabalhadora, isso eu garanto.

— Sua família vai bem? — perguntou.

— Todos muito bem, obrigado.

Atravessamos a cozinha e entramos na sala dos fundos. Lá, Bico Doce e quatro cubanos estavam sentados a uma mesa.

— Sentem-se — disse um deles em inglês.

Era um cara parrudo, pesado, com um rosto grande e uma voz profunda, que saía bem do fundo da garganta. Ficou evidente que estivera bebendo.

— Qual é o seu nome? — perguntou.

— Qual é o seu? — replicou Harry.

— Está bem — entendeu o cubano. — Isso não importa. Onde está o barco?

— Lá na marina — respondeu Harry.

— E esse, quem é? — perguntou o cubano, olhando para mim.

— Meu parceiro — disse Harry.

O cubano me examinava, e os outros olhavam para nós dois.

— Parece estar morto de fome — disse o cubano, rindo. Os outros não riram.

— Quer um gole? — convidou o cubano.

— Claro — respondeu Harry.

— O quê? Bacardi?

— O que estiverem bebendo — disse Harry.

— Seu parceiro bebe?

— Tomo um também — respondi.

— Ninguém o convidou ainda — disse o cubano grande. — Apenas perguntei se bebia.

— Ora, pare com isso, Roberto — disse outro cubano, um jovem, pouco mais que um garoto. — Não pode abrir a boca sem ficar um chato? — acrescentou.

— Chato por quê? Apenas perguntei se o cara bebia. Quando se contrata alguém, não é bom perguntar se ele bebe?

— Dê-lhe um gole — disse o outro cubano. — Vamos tratar logo do nosso assunto.

— Quanto quer pelo barco, garotão? — perguntou a Harry o cubano de voz profunda, chamado Roberto.

— Depende do que pretende fazer com ele — respondeu Harry.

— Levar nós quatro até Cuba.

— Aonde, Cuba?

— Cabanas. Perto de Cabanas. Ao longo da costa, abaixo de Mariel. Sabe onde é?

— Claro — respondeu Harry. — É só levar vocês até lá?

— Só isso. Levar até lá e nos deixar em terra.

— Trezentos dólares.

— É muito. Que diria se o contratássemos por dia e lhe garantíssemos duas semanas de contrato?

— Quarenta dólares por dia e um depósito de mil e quinhentos dólares para o caso de acontecer alguma coisa ao barco. Vou precisar cuidar da licença?

— Não.

— Gasolina e óleo são por sua conta — acrescentou Harry.

— Damos a você duzentos dólares para nos levar até lá e nos deixar em terra.

— Não.

— Quanto quer?

— Já lhes disse.

— É muito.

— Não, não é — afirmou Harry. — Não sei quem vocês são. Não sei qual é seu negócio e não sei quem poderá dar tiros em vocês. Vou precisar cruzar o golfo duas vezes em pleno inverno. E seja como for, estou arriscando o meu barco. Posso levar vocês por duzentos dólares, mas depositam mil dólares como garantia de que nada acontecerá ao barco.

— Isso me parece razoável — disse Bico Doce. — Mais do que razoável.

Os cubanos começaram a falar em espanhol. Eu não os entendia, mas sabia que Harry podia entendê-los.

Muito bem — disse o grande, o tal Roberto. — Quando pode partir?

— Amanhã à noite, na hora que você quiser.

— Pode ser que a gente não queira partir até depois de amanhã à noite — disse um deles.

— Por mim está tudo bem — respondeu Harry. — Basta me informarem com antecedência.

— Seu barco está em bom estado?

— Está perfeito — respondeu Harry.

— É um belo barco — disse o mais jovem dos cubanos.

— Onde o viu?

— O senhor Simmons, nosso advogado aqui, mostrou-o para mim.

— Ah! — exclamou Harry.

— Beba alguma coisa — disse outro dos cubanos. — Já estive em Cuba muitas vezes?

— Algumas vezes.

— Fala espanhol?

— Nunca aprendi — afirmou Harry.

Bico Doce, o advogado, olhou de esguelha para Harry, mas ele próprio era tão velhaco que sempre ficava mais satisfeito quando via alguém mentir. Da mesma forma que, quando fora procurar Harry para tratar do tal negócio, não conseguia falar sinceramente com ele. Precisou fingir que queria encontrar Juan Rodrigues, um pobre galego fedorento, capaz de roubar a própria mãe, e que Bico Doce fizera ser processado de novo para poder defendê-lo.

— O senhor Simmons fala bem espanhol — disse o cubano.

— Ele teve educação.

— Sabe navegar?

— Posso ir e voltar.

— É pescador?

— Sim, senhor — respondeu Harry.

— Como consegue pescar com um só braço? — perguntou o de rosto grande.

— A gente só tem que pescar duas vezes mais depressa — respondeu Harry. — Querem tratar de mais alguma coisa comigo?

— Não.

Todos começaram a falar em espanhol.

— Então, estou indo — anunciou Harry.

— Eu lhe dou o aviso a respeito do barco — disse Bico Doce a Harry.

— Não esqueçam o depósito — avisou Harry.

— Cuidaremos disso amanhã.

— Bem, boa-noite — disse Harry.

— Boa-noite — respondeu o jovem que falava de maneira agradável.

O de rosto grande não disse coisa alguma. Havia outros dois com caras de índio que não haviam nos dito nada durante todo o tempo, e só conversaram em espanhol com o de rosto grande.

— Encontro você mais tarde — disse Bico Doce.

— Onde?

— No Freddy's.

Saímos e atravessamos novamente a cozinha. Freda perguntou:

— Como está Marie, Harry?

— Está bem agora — respondeu Harry. — Bem melhor agora.

Saímos. Entramos no carro e rodamos novamente pelo Boulevard, sem pronunciarmos uma só palavra. Harry estava realmente planejando algo.

— Quer que deixe você em casa? — perguntou.

— Quero.

— Você está morando na estrada municipal?

— Estou. E essa tal viagem?

— Não sei — respondeu. — Não sei se vai acontecer mesmo. Falo com você amanhã.

Ele me deixou diante da casa onde eu morava. Entrei e, mal havia aberto a porta, minha mulher já estava me dizendo o inferno por ficar até tarde na rua, beber e chegar atrasado para a refeição.

Perguntei a ela como ia poder beber sem dinheiro e ela me respondeu que eu devia ter aberto uma conta. Perguntei então se sabia de alguém que me deixasse beber fiado, estando eu numa frente de trabalho do governo. Como resposta, ela me disse para manter meu bafo de bêbado longe dela e sentou-se à mesa. Sentei-me também. As crianças tinham ido todas ao jogo de beisebol. Minha mulher levantou-se, trouxe a ceia e não me dirigiu nenhuma palavra.



“Eu não quero brincar com isso, mas será que tenho escolha? Hoje em dia não temos oportunidade de escolha. Poderia abrir mão disso tudo, mas o que aconteceria depois? Não pedi nada disso, mas quando se tem de fazer uma coisa é melhor fazer logo. Provavelmente, seria melhor não levar o Albert. Ele é meio burro, mas é correto e é um bom homem num barco. Não se assusta à toa, mas não sei se devo levá-lo. Só não posso levar um bêbado ou um negro. Preciso levar alguém em quem possa confiar. Se der tudo certo, ele receberá uma parte. Mas não posso contar a ele, senão poderá recuar e eu preciso de alguém ao meu lado. Seria melhor ir sozinho, mas acho que não sou capaz de cuidar disso sem ajuda. Não há dúvida, porém, que seria muito melhor sozinho. Albert ficará em melhor situação se não souber coisa alguma. O único problema é Bico Doce. Bico Doce sabe de tudo. Mas eles devem ter pensado nisso. Devem ter resolvido esse ponto. Vocês acham, por acaso, que Bico Doce seria tão estúpido a ponto de não saber qual é a jogada deles? Duvido. Claro que pode até não ser isso o que pretendem fazer. Talvez não façam coisa alguma. Mas, pela lógica, é o que fariam, e já ouvi uns rumores sobre isso. Se fizerem, vai ter de ser exatamente na hora em que tudo fecha, senão vão ter de se entender com o avião da guarda costeira, que sai de Miami. Nesta época, às seis horas já está escuro. O avião não pode chegar até lá em menos de uma hora. Depois de escurecer, tudo vai correr bem para eles. Se eu for mesmo levá-los, vou precisar resolver o problema do barco. Não vai ser difícil tirá-lo, mas se eu fizer isso à noite podem descobrir, daí vão procurar por ele e acabam encontrando. Seja como for, vai haver um bocado de confusão. No entanto, esta noite é a única oportunidade que tenho de tirá-lo, tem de ser esta noite. Posso fazer a coisa com a maré alta e depois esconder o barco. Terei tempo ainda de verificar se precisa de alguma coisa, se não lhe retiraram nada. Só que preciso pôr gasolina e abastecer de água. Vai ser mesmo uma noite um bocado ocupada. Mais tarde, quando tiver ocultado o barco, Albert vai precisar levá-los numa lancha rápida. Talvez a do Walton. Eu poderia alugá-la. Ou Bico Doce poderia alugá-la. Isso é melhor. Bico Doce pode me ajudar a livrar o barco esta noite. Bico Doce é a pessoa adequada para isso porque é óbvio que já perceberam tudo a respeito dele. Claro que sim. E será que já sabem sobre mim e sobre o Albert? Algum deles parecia ser um marinheiro? Preciso pensar. Talvez aquele de aspecto agradável. Possivelmente ele, aquele mais jovem. Preciso descobrir isso porque, se resolverem liquidar o Albert e a mim logo de cara, talvez a gente não tenha escapatória. Mais cedo ou mais tarde, vão entender tudo sobre nós. Mas, no meio do golfo, vamos poder manobrar um pouco. E eu estou calculando o que fazer o tempo todo. Preciso pensar direito o tempo inteiro. Não posso cometer nenhum erro. Nenhum erro. Nada. Bem, agora tenho realmente algo em que pensar. Algo a fazer e algo a pensar, além de perguntar a mim mesmo que diabo vai acontecer com essa maldita armação. E quando a tiverem realizado? E quando a estivermos realizando? Pelo menos, é uma oportunidade. Em vez de ficar olhando tudo ir para o inferno, sem barco para ganhar a vida. Mas Bico Doce é fogo! Ele não sabe no que se meteu. Não tem a menor ideia do que vai acontecer. Espero que apareça logo no Freddy's. Tenho muita coisa a fazer esta noite. É melhor eu comer alguma coisa.”



Eram mais ou menos nove e meia quando Bico Doce chegou ao bar. Dava para ver que lhe haviam dado bastante bebida na casa de Richard porque quando Bico Doce bebe fica metido a besta e foi assim que chegou, muito metido a besta.

- E aí, chefeão? — disse, cumprimentando Harry.
 - Não me chame de chefeão — respondeu Harry.
 - Quero falar com você, chefeão.
 - Onde? Ali no escritório? — perguntou Harry.
 - Isso, bem lá no fundo. Tem alguém ali no fundo, Freddy?
 - Não, desde que fizeram essa tal lei. Escute, até quando vão manter essa besteira das seis horas?
 - Por que não me contrata para fazer alguma coisa contra isso? — perguntou Bico Doce.
 - Contratar você uma ova! — respondeu Freddy.
- Foram então lá para os fundos, onde ficam as cabinas e os engradados vazios.

* * *

- Havia uma lâmpada elétrica no teto e Harry verificou todos os reservados, que estavam escuros, para ver se havia alguém.
- Tudo bem — disse ele.
 - Eles querem o barco para depois de amanhã, no final da tarde — comunicou Bico Doce.
 - Qual é a jogada deles?
 - Você entende espanhol — respondeu Bico Doce.
 - Não contou isso a eles, contou?
 - Claro que não! Sou seu amigo, não sou?
 - Você enganaria sua própria mãe.
 - Pare com isso. Não vê o que lhe estou oferecendo?
 - Quando foi que você ficou assim metido a valente?
 - Escuta, tenho de botar a mão na grana. Preciso dar o fora daqui. Estou numa merda danada! Você sabe disso, Harry.
 - E quem não sabe?
 - Já ouviu dizer que estão financiando essa revolução com sequestros e tudo o mais?
 - Já.
 - Pois estão num lance parecido. Estão fazendo tudo por uma boa causa.
 - Ah, é? Mas nosso problema é aqui. Este lugar, aqui, onde você nasceu. Você conhece todo mundo que trabalha lá.
 - Não vai acontecer coisa alguma a ninguém.
 - Com aqueles camaradas?
 - Pensei que você tivesse *cojones*.
 - Eu tenho *cojones*. Não se preocupe com meus *cojones*. Mas estou pensando em continuar vivendo aqui.
 - Eu não — replicou Bico Doce.
 - “Meu Deus!”, pensou Harry. “Ele confessou tudo.”
 - Vou dar o fora — disse Bico Doce. — Quando vai apanhar o barco?
 - Esta noite.
 - E quem vai ajudá-lo?

— Você.
— Onde vai guardá-lo?
— Onde sempre o guardei.

Não houve dificuldade alguma para retirar o barco. Tudo foi tão simples quanto Harry calculara. O guarda-noturno fez suas rondas na hora certa e permaneceu o resto do tempo no portão da velha base naval. Eles chegaram às docas numa catraia, cortaram o cabo que o prendia e, na maré baixa, o barco foi saindo por si próprio, rebocado pela catraia. Já fora, enquanto descia o canal, Harry examinou os motores e verificou que apenas haviam desligado os cabos das duas baterias. Examinou a gasolina e viu que tinha perto de cento e cinquenta galões. Não haviam tirado coisa alguma dos tanques e o barco tinha exatamente o combustível que restara depois da última travessia. Ele havia enchido os tanques antes de partirem e o consumo fora baixo, já que a viagem tivera de ser feita muito devagar, por causa do mar agitado.

— Tenho gasolina em casa nuns bujões — disse a Bico Doce. — Posso levar alguns deles no carro comigo, e Albert trará outro, se precisarmos. Vou levar o barco até o riacho, no ponto em que a rodovia o atravessa. Aqueles caras poderão vir de automóvel.

— Não! Eles querem que você os espere exatamente na doca Porter.

— Como posso ancorar lá com este barco ilegal?

— Não pode. Mas não acredito que queiram passear por aí num automóvel.

— Está bem. Levo o barco até lá esta noite, encho os tanques e faço tudo que é preciso fazer para deixá-lo preparado. Você vai alugar uma lancha rápida e trazer os tais sujeitos até o barco. Bem, tenho de me mexer. Há muita coisa para fazer. Você agora vai remando, em seguida, vai de carro até a ponte e me apanha. Estarei por lá dentro de umas duas horas. Vou esconder o barco e depois vou para a estrada.

— Eu apanho você — prometeu Bico Doce.

Mantendo os motores funcionando em baixa rotação, a fim de que o barco cortasse silenciosamente a água, Harry fez uma volta e rebocou a catraia até onde se via a brilhante luz da escuna da companhia telegráfica. Pôs os aceleradores em ponto morto e segurou a catraia enquanto Bico Doce descia até ela.

— Daqui a duas horas — disse Harry.

— Está bem — respondeu Bico Doce.

Sentando-se no banco do leme e fazendo o barco avançar lentamente no escuro, enquanto se mantinha longe das luzes da entrada das docas, Harry pensava: “Bico Doce está trabalhando pelo seu dinheiro, isso é certo. Mas quanto será que vai receber? E como terá conhecido aqueles caras? Ele é um sujeito esperto, que já teve sua oportunidade na vida. É também um bom advogado. Mas me deixou gelado escutar da sua boca ele dizer aquilo. Ele pode ter azarado seu próprio destino... É engraçado, tem gente que tem a boca agourenta... Quando escutei aquilo, fiquei apavorado.”



Quando chegou em casa, Harry não acendeu a luz. Tirou os sapatos no hall e subiu as escadas sem passadeira, apenas com as meias nos pés. Despiu-se e deitou-se, vestindo apenas a camiseta, antes de sua mulher acordar. No escuro, ela perguntou:

- Harry?
- Durma, minha velha — respondeu ele.
- Harry, o que está acontecendo?
- Vou fazer uma viagem.
- Com quem?
- Ninguém. Talvez com o Albert.
- No barco de quem?
- Apanhei o barco de novo.
- Quando?
- Esta noite.
- Você vai parar na cadeia, Harry.
- Ninguém sabe que ele está comigo.
- E onde o deixou?
- Escondido.

Deitado imóvel na cama, sentiu os lábios da mulher tocarem seu rosto e procurando por ele. Sentiu a mão sobre seu corpo e rolou para junto dela.

- Você quer?
- Sim. Agora.
- Eu estava dormindo. Lembra-se de quando fazíamos tudo dormindo?
- Escute, você não se importa mesmo com meu braço? Não acha estranho?
- Você é um bobo. Eu gosto dele. Gosto de tudo o que é seu. Ponha-o aí, atravessado. Isso, atravessado, vamos. Gosto mesmo, de verdade.
- Parece uma nadadeira de tartaruga.
- Você não é tartaruga coisa nenhuma! É verdade que as tartarugas copulam durante três dias seguidos? Ficam grudadas três dias?
- Isso mesmo! Mas não faça barulho, senão vamos acordar as meninas.
- Elas não sabem o que eu tenho aqui na cama. Nunca vão saber. Ah, Harry. Isso. Ai, meu querido.
- Espere.
- Não quero esperar coisa alguma. Vamos! Isso! Aí mesmo! Diga, já fez isso com uma prostituta negra?
- Claro.
- É parecido com quê?
- É como se deitar com um cão.
- Você é engraçado, Harry. Preferia que não fosse viajar para lugar nenhum. Que ficasse aqui, comigo. Qual foi a melhor mulher que você já teve?
- Você.
- Está mentindo. Sempre mente para mim. Assim. Assim. Assim.
- Não. Você é a melhor de todas!
- Já estou velha.
- Você nunca vai ficar velha.
- Já tive aquela coisa.
- Não faz diferença, quando a mulher é boa.
- Vamos! Vamos agora! Ponha o toco do braço aí. Segure ele aí. Aperte agora. Aperte!
- Estamos fazendo muito barulho.
- Estamos apenas cochichando.
- Preciso me levantar antes do amanhecer.

— Pode dormir. Eu acordo você. Quando você voltar, vamos fazer uma farra! Vamos para um hotel em Miami, como costumávamos fazer. Exatamente como costumávamos fazer. Um lugar qualquer onde nunca tenham visto a gente. Não poderíamos ir para Nova Orleans?

— Talvez — respondeu Harry. — Por favor, Marie. Preciso dormir agora.

— Mas nós vamos para Nova Orleans?

— Por que não? Mas preciso mesmo dormir agora.

— Durma. Você é o meu querido. Durma. Eu acordo você. Não se preocupe.

Harry pôs-se a dormir, com o toco do braço estendido sobre o travesseiro, e ela permaneceu um longo tempo deitada, observando-o. Podia ver o rosto dele à luz da rua que se filtrava pela janela. “Tenho sorte”, pensava. “Aqueles meninas! Não sabem o que vão ter ou não. Eu sei o que tenho e o que tive. Tenho sido feliz. Uma mulher feliz. E ele dizendo que se parece com uma tartaruga. Ainda bem que foi um braço e não uma perna. Não gostaria que ele tivesse perdido uma perna. Mas por que tinha de perder o braço? É meio estranho mesmo, se bem que não me incomodo com isso. Nada nele me desagrada. Sou feliz. Não se fazem mais homens como esse. As mulheres que nunca tiveram alguém assim não sabem o que estão perdendo. Eu tive muitos homens, mas tive a sorte de ficar com o Harry. Será que aquelas tartarugas sentem o mesmo que a gente? Será que ficam lá aquele tempo todo e sentem a mesma coisa? Ou será que a fêmea fica machucada? Penso cada coisa, droga! Aqui está ele, dormindo como uma criancinha. E é melhor eu ficar acordada, para poder chamá-lo. Meu Deus, eu poderia fazer amor a noite inteira, se houvesse homens preparados para isso. Gostaria de ficar fazendo e fazendo, não dormir nunca. Nunca, nunca, isto mesmo, nunca! Ora, vejam só. Eu, com esta idade! Eu não sou velha. Ele disse que ainda sou boa. Quarenta e cinco anos não é ser velha. Sou dois anos mais velha do que ele. Olhe só para ele, dormindo!... Dormindo aí como um garotinho.”

Duas horas antes do amanhecer, ambos estavam junto ao tambor de gasolina na garagem, enchendo e arrolhando botijões, que colocavam na parte de trás do carro. Harry usava um gancho preso a seu braço direito, arrastando e levantando com habilidade os garrafões recobertos de vime.

— Não quer comer nada mesmo?

— Quando eu voltar.

— Não quer tomar seu café?

— Já está pronto?

— Claro! Eu preparei quando saímos.

— Então, pode trazer.

Ela trouxe o café, que Harry bebeu no escuro, sentado ao volante do carro. Ela recolheu a xícara e colocou-a numa prateleira na garagem.

— Vou com você para ajudar a cuidar dos botijões — disse ela.

— Está bem — respondeu Harry. E ela entrou no carro, sentando-se ao seu lado, uma mulher grande, de pernas longas, mãos grandes, quadris largos, ainda bonita, com um chapéu puxado sobre os cabelos tingidos de loiro. No escuro frio da manhã, rodaram pela estrada municipal, em meio ao nevoeiro que cobria espessamente a planície.

— O que está preocupando você, Harry?

— Não sei. Vai ver, nada em especial. Escute, está deixando seu cabelo crescer?

— Estou com vontade de deixar. As meninas vivem me pedindo.

— Para o diabo as meninas! Deixe como está.

— É o que você quer? De verdade?

— É — respondeu ele. — É assim que eu gosto.

— Não acha que fico parecendo muito velha?

— Você fica melhor do que qualquer outra mulher.

— Vou fazer um penteado, então. E posso pintá-lo para ficar mais loiro, se quiser.

— Que história é essa de as meninas ficarem dizendo a você o que fazer? Elas não têm nada que ficar chateando você.

— Elas são assim mesmo. Meninas fazem isso sempre. Mas, se tudo correr bem nessa viagem, depois vamos para Nova Orleans, certo?

— Miami.

— Bem, Miami, então. E a gente as deixa aqui.

— Tenho de fazer a viagem primeiro.

— Não está preocupado, está?

— Não.

— Sabe que fiquei acordada durante quase quatro horas, só pensando em você?

— Você é uma velha danada!

— Toda vez que penso em você, começo a ficar excitada.

— Ótimo, mas agora precisamos botar essa gasolina no tanque — disse Harry.



Às dez horas da manhã, no Freddy's, Harry estava em pé encostado ao balcão com quatro ou cinco homens. Dois funcionários da alfândega tinham acabado de sair. Haviam-no interrogado a respeito do barco e Harry respondera que não sabia de coisa alguma.

— Onde estava na noite passada? — perguntou um deles.

— Aqui e em casa.

— Até que horas ficou aqui?

— Até fechar.

— Alguém o viu?

— Muita gente — assegurou Freddy.

— O que aconteceu? — perguntou Harry. — Estão achando que roubei meu próprio barco? O que é que eu faria com ele?

— Só lhe perguntei onde esteve — replicou o funcionário da alfândega. — Não precisa ficar chateado.

— Não estou chateado — respondeu Harry. — Fiquei revoltado foi quando apreenderam o barco sem nenhuma prova de que eu estava transportando muamba.

— Havia uma denúncia por escrito — explicou o funcionário da alfândega. — Não fui eu que escrevi. Você sabe quem foi.

— Tem razão — concordou Harry. — Mas não diga que estou chateado só porque está me fazendo perguntas. Eu até preferia que vocês ainda estivessem com o barco. Só assim eu ia ter uma chance

de obtê-lo de volta. Mas como é que eu fico, se ele foi mesmo roubado?

— É, nessa você se danou — disse o funcionário da alfândega.

— Bem, se é assim, por que não vão cuidar dos seus papéis? — provocou Harry.

— Não se meta a besta — respondeu o funcionário da alfândega — ou armo alguma ocorrência que vai deixar você chateado para valer, dessa vez.

— Depois de quinze anos... — respondeu Harry.

— Bem, você ainda não tinha se metido a besta nos últimos quinze anos.

— Não, e também não estive na cadeia.

— Então não banque o esperto, ou é lá que você vai parar.

— Vá com calma, tá? — disse Harry.

Nesse momento, um tal cubano amalucado que dirige um táxi entrou com um camarada que havia acabado de chegar de avião. Big Rodger disse-lhe:

— Olá, Jesus! Me disseram que você teve um bebê!

— Isso mesmo — respondeu com orgulho o cubano.

— Quando se casou? — perguntou-lhe Rodger.

— Mês passado. Você não foi? Casamento...?

— Não — disse Rodger. — Não fui ao casamento.

— Perdeu boa festa — retrucou ele. — Perdeu casamento muito bom. Por que não foi?

— Porque você não me convidou.

— Ah, foi — exclamou Jesus. — Acho que esqueci. É. Não convidei.

Voltando-se para o estranho, o cubano perguntou:

— Conseguiu?

— É, acho que sim. É esse o melhor preço que se pode fazer pelo Bacardi?

— É, sim, senhor — disse Freddy. — É um legítimo *carta oro*.

— Me diga, Jesus — disse Rodger —, por que acha que a criança é sua? Esse filho não é seu.

— Como não é meu? Que está dizendo? Meu Deus, não aceito você dizer isso! Que quer dizer “filho não é meu”? Quem compra vaca não compra também o bezerro? É meu filho, sim. Por Deus que é meu filho! Meu. Meu, sim, senhor!

Ele saiu com o estranho e sua garrafa de Bacardi, enquanto Rodger ficava lá, rindo muito.

— Sujeito engraçado! Ele e aquele outro cubano, o Água Doce.

Foi nesse exato momento que Bico Doce, o advogado, entrou no bar e disse a Harry:

— O pessoal da alfândega está indo apreender o seu barco.

Harry olhou-o e era possível enxergar em sua fisionomia uma fúria assassina. Bico Doce continuou falando no mesmo tom, sem qualquer expressão:

— Alguém o viu no manguezal, do alto de um daqueles caminhões de assistência social, e chamou os agentes, lá de onde estão construindo aquele armazém em Boca Chica, para a alfândega. Acabei de encontrar o Herman Frederichs. Foi ele quem me disse.

Harry não pronunciou nenhuma palavra, mas podia-se ver que a fúria assassina havia sumido de seu rosto e que seus lábios tornaram a abrir-se com naturalidade. Voltando-se então para Bico Doce, disse:

— Você sempre sabe de tudo, não?

— Pensei que quisesse saber — respondeu Bico Doce, com a mesma voz sem expressão.

— Esse assunto não me interessa — declarou Harry. — Deviam tomar conta direito do barco.

Os dois permaneceram em pé, junto ao bar, sem dizer coisa alguma, até que Big Rodger e os outros dois ou três se retiraram. Dirigiram-se então para os fundos.

— Você é um merda — disse Harry. — Só arranja confusão para os outros.

— É culpa minha se viram o barco do alto de um caminhão? Foi você quem escolheu o lugar. Foi você mesmo quem escondeu o barco.

— Cale a boca — exigiu Harry. — Desde quando eles têm caminhões daquela altura? Essa era a última oportunidade que eu tinha de ganhar dinheiro honestamente. Era a última oportunidade de embarcar para ganhar algum dinheiro — desabafou.

— Vim contar a você logo que aconteceu.

— Você não passa de um urubu!

— Chega — disse Bico Doce. — Nossos amigos agora querem partir lá pelo final da tarde.

— Que vão para o diabo!

— Estão ficando nervosos por causa de alguma coisa.

— A que horas querem ir?

— Lá pelas cinco.

— Vou arranjar um barco. Eu os levo nem que seja para o inferno.

— Até que não seria má ideia...

— Não vá falar nada sobre isso. Nenhum comentário sobre meus negócios.

— Escuta aqui, seu grande sacana — disse Bico Doce. — Estou tentando ajudá-lo a arranjar alguma coisa para você...

— E tudo o que faz é me encher o saco! Cale a boca. Você é um agourento. Sempre que chega perto...

— Pode parar por aqui, seu bestalhão!

— Calma agora! — disse Harry. — Preciso pensar. Até agora, só o que fiz foi pensar numa coisa, e já tinha tudo calculado, mas agora vou ter de pensar numa coisa diferente.

— Por que não me deixa ajudar você?

— Apareça aqui ao meio-dia e traga o dinheiro para o depósito do barco.

Quando estavam saindo, Albert entrou no bar e dirigiu-se a Harry.

— Sinto muito, Albert, mas não posso empregá-lo — disse Harry. Isso, pelo menos, ele já resolvera.

— Irei por pouco dinheiro — respondeu Albert.

— Sinto muito — disse Harry. — Não tenho mais trabalho para você, agora.

— Não vai encontrar um bom homem pelo que eu receberia.

— Vou fazer tudo sozinho.

— É loucura fazer sozinho uma viagem dessas — disse Albert.

— Cale a boca — recomendou Harry. — O que é que você sabe sobre esse assunto? Estão lhe dando aulas sobre meus negócios no serviço de obras públicas?

— Vá para o inferno — exclamou Albert.

— Talvez eu vá — respondeu Harry.

Qualquer pessoa que olhasse para ele veria que estava pensando rápido e não desejava ser incomodado.

— Eu queria ir — insistiu Albert.

— Não posso utilizá-lo — respondeu Harry. — Que tal dar o fora?

Albert saiu e Harry permaneceu no bar, olhando a máquina de cinco centavos, as duas máquinas de dez, a máquina de um quarto de dólar, bem como o quadro *Última resistência de Custer* na parede, como se nunca os tivesse visto.

— Foi boa aquela que o Jesus respondeu ao Big Rodger a respeito do filho dele, não foi? — comentou Freddy, colocando algumas xícaras de café no balde de água com sabão.

— Me dê um maço de Chesterfields — pediu Harry. Ele segurou o maço com o toco do braço e abriu-o num canto. Tirou um cigarro e colocou-o na boca. Enfiou o maço no bolso e acendeu o cigarro.

— Em que condições está seu barco, Freddy? — perguntou Harry.

— Acabo de tirá-lo do estaleiro — respondeu Freddy. — Está ótimo.

— Quer alugá-lo?

— Para quê?

— Para uma travessia.

— Não, a menos que depositem o valor do barco.

— Quanto vale?

— Mil e duzentos dólares.

— Eu o alugo — disse Harry. — Você me empresta em confiança?

— Não — respondeu Freddy.

— Dou a casa como garantia.

— Não quero sua casa. Quero mil e duzentos dólares.

— Está bem — concordou Harry.

— Traga o dinheiro — disse Freddy.

— Quando Bico Doce chegar, diga que me espere — pediu Harry, saindo em seguida.



Em casa, Marie e as meninas estavam almoçando.

- Olá, papai — disse a mais velha das garotas. — Papai chegou!
- O que temos para comer? — perguntou Harry.
- Bisteca — respondeu Marie.
- Disseram que roubaram seu barco, papai.
- Já o encontraram — disse Harry. Marie olhou para ele.
- Quem encontrou? — perguntou a garota.
- O pessoal da alfândega.
- Ah, Harry, que pena! — exclamou Marie.
- Mas não é melhor terem encontrado o barco? — perguntou a segunda das meninas.
- Não fale de boca cheia — reclamou Harry. — Onde está o meu jantar? Que demora é essa?
- Já estou trazendo.
- Estou com pressa — disse Harry. — E vocês, meninas, comam e deem o fora. Preciso falar com sua mãe.
- Papai, pode nos dar dinheiro para a gente ir à exposição, mais tarde?
- Por que não vão nadar? É de graça.
- Mas é que está fazendo muito frio para nadar, papi. E a gente quer ir à exposição.
- OK — disse Harry. — Tudo certo.

Ele esperou as meninas saírem e então pediu a Marie:

- Você corta para mim?
- Claro, querido.

Marie cortou a carne em pedaços, como se fosse para um garotinho.

- Obrigado — disse Harry. — Eu atrapalho o tempo todo, não é? Que diabo, as meninas dão menos trabalho do que eu.
- Mas que besteira, querido.
- Engraçado a gente não poder ter tido rapazes...
- Ora, de um homem macho como você só nasce menina mesmo.
- Não sou tão maravilhoso assim — disse Harry. — Agora, escute. Vou fazer uma viagem um bocado encrencada.
- Mas o que é que houve com o barco?
- Alguém o viu de um caminhão. Um caminhão muito alto.
- Que droga!
- Pior que isso... Uma merda!
- Ah, Harry, não fale assim dentro de casa.
- Tem vezes que você diz coisas piores na cama.
- É diferente. Não gosto de ouvir alguém dizer merda na minha mesa.
- Que merda!
- Ah, querido, você parece preocupado — disse Marie.
- Não — respondeu Harry. — Apenas pensando.
- Bem, você vai resolver tudo. Tenho confiança em você.
- Eu também. É o que me resta. Confiança em mim mesmo.
- Quer me contar o que você vai fazer?
- Não. Quero apenas que não se preocupe, não se importe com o que ouvir.
- Não vou me preocupar.
- Por favor, Marie. Vá lá em cima, abra aquele alçapão e me traga a metralhadora Thompson. Depois, procure naquela caixa de madeira com as balas e veja se todos os pentes estão cheios.
- Por favor, não leve essa coisa.
- Tenho de levar.

— Quer algumas caixas de balas?

— Não. Não consigo encher os pentes. Tenho quatro deles.

— Querido, é uma viagem tão perigosa assim?

— Só sei que vai ser uma viagem difícil.

— Oh, meu Deus! — exclamou Marie. — Oh, meu Deus! Queria tanto que você não precisasse fazer essas coisas.

— Vá buscar o que eu pedi. E me arranje um pouco de café.

— OK — disse Marie, inclinando-se sobre a mesa e beijando-o na boca.

— Quero ficar sozinho — ordenou Harry. — Preciso pensar.

Harry ficou sentado à mesa, olhando para o piano, o armário de louças, o rádio, o quadro *Manhã de setembro*, os desenhos de cupidos segurando arcos por trás da cabeça, a brilhante mesa de carvalho legítimo, as cadeiras também de carvalho legítimo e as cortinas nas janelas. Pensou: “Nunca tenho chance de aproveitar a minha casa. E por que estou pior hoje do que quando comecei? Vou perder tudo isto, se não me sair bem nessa. Mas vai dar tudo certo, que diabo! Tirando a casa, não me sobram nem sessenta dólares. Mas vou sair dessa encrenca. Malditas meninas! Foi tudo o que essa velha e eu conseguimos fazer. Será que os rapazes que ela tinha dentro dela desapareceram antes de eu a conhecer?”

— Está tudo aqui — disse Marie, segurando a arma pela bandoleira. — Todos os pentes estão cheios.

— Preciso ir — disse Harry.

Ele ergueu a metralhadora, pesada e volumosa, toda desmontada em seu estojo de lona, manchado de óleo.

— Ponha debaixo do assento dianteiro do carro — ele pediu.

— Adeus — disse Marie.

— Adeus, minha velha.

— Não vou ficar preocupada. Mas, por favor, se cuide, certo?

— Pode deixar.

— Ah, Harry — exclamou Marie, apertando-o contra si.

— Preciso ir. Não posso perder tempo.

Ele afagou as costas dela com o toco do braço.

— Você e sua nadadeira de tartaruga — disse ela. — Ah, Harry! Por favor, tome cuidado!

— Adeus, minha velha.

— Adeus, Harry.

Marie ficou observando-o enquanto ele saía da casa, alto, ombros largos, costas retas, quadris finos. “E movendo-se como um bicho”, pensou ela, “ágil, rápido. Ele não está nada velho. Ainda se move com leveza, sem nenhum esforço”. Ele entrou no carro, e ela o admirou, seus cabelos loiros queimados pelo sol, seu rosto com as maçãs largas de um mongol, os olhos estreitos, o nariz quebrado na ponta, a boca larga e o maxilar redondo. Ao entrar no carro, Harry sorriu para ela, e Marie começou a chorar. “O maldito rosto dele!”, pensou. “Toda vez que olho o maldito do rosto dele, sinto vontade de chorar.”



Havia três turistas no Freddy's, e o próprio Freddy os estava servindo. Um deles era um homem muito alto, magro, de ombros largos, bronzeado, com um pequeno bigode ruivo, muito bem cuidado. Ele vestia bermudas e usava óculos de lentes grossas. Com ele estava uma mulher de cabelos loiros e encaracolados, tão curtos quanto os de um homem. Tinha o corpo malfeito e tanto seu rosto como sua figura pareciam com os de uma atleta de luta livre. Também usava bermudas.

— Ora, mas que se estrepe você! — exclamou ela, dirigindo-se para o terceiro turista, que tinha um rosto vermelho, bastante inchado, e um bigode ruivo. Ele usava um chapéu de lona branca com uma viseira de celuloide verde e tinha um jeito de falar com movimentos de lábios bastante curiosos, como se estivesse comendo alguma coisa muito quente.

— Que encantador! — exclamou o homem de viseira verde. — Nunca escutei essa expressão usada assim, numa conversa. Pensei que estivesse obsoleta, uma dessas coisas que a gente encontra apenas, digamos... nos... jornais humorísticos, mas jamais num diálogo ao vivo.

— Que se estrepe! Que se estrepe! Que se estrepe ao quadrado! — insistiu a atleta, num repentino acesso de charme, dando-lhe seu perfil cheio de espinhas.

— Lindo! — exclamou o homem de viseira verde. — Mas você tem uma belíssima maneira de se expressar. Diga-me, por favor, é assim que falam lá no Brooklyn?

— Não ligue para ela. É minha mulher — disse o turista alto. — Vocês já se conhecem?

— Ora, conhecê-lo para quê? Que ele se estrepe, que se estrepe ao quadrado — insistiu a mulher. — Como vai você?

— Nada mau — respondeu o homem de viseira verde. — E você, como está?

— Muitíssimo bem — disse o homem alto. — Você devia ver.

Neste momento, Harry entrou no bar e a mulher do turista alto disse:

— Mas que homem! Era tudo o que eu queria! Compre para mim, papai.

— Posso falar com você? — disse Harry, dirigindo-se a Freddy.

— Claro! Pode, diga tudo o que quiser — respondeu a mulher do turista alto.

— Cale a boca, sua puta! — irritou-se Harry. — Vamos até ali nos fundos, Freddy.

Nos fundos, Bico Doce estava esperando, sentado a uma mesa.

— Olá, garotão — disse a Harry.

— Cale a boca — rosnou Harry.

— Pera aí — protestou Freddy. — Pare com isso. Você não pode continuar agindo assim! Não pode xingar meus fregueses daquele jeito. Não pode chamar uma senhora de puta num lugar decente como este.

— Mas ela é uma puta — replicou Harry. — Não escutou o que ela disse sobre mim?

— Escutei, e mesmo assim você não pode xingar a mulher desse jeito, na bucha!

— Está bem. Trouxe o dinheiro? — perguntou ao advogado.

— Claro que trouxe! — respondeu Bico Doce. — Por que não o teria trazido? Não disse que ia trazer?

— Passe para cá.

Bico Doce entregou-o. Harry contou dez notas de cem dólares e quatro de vinte.

— Devia ter mil e duzentos aqui.

— Menos a minha comissão — esclareceu Bico Doce.

— Devolva o que está faltando.

— Não.

— Olha...!

— Não seja tolo.

— Seu safado de uma figa!

— Escute aqui, seu valentão — avisou Bico Doce. — Não adianta apelar para a força. Não estou com a grana aqui comigo.

— Sei — disse Harry. — Devia ter previsto isso. Escute, Freddy. Você me conhece há muito tempo. Sei que o barco vale mil e duzentos. Estão faltando apenas cento e vinte. Pegue isto aqui e aceite o risco de cento e vinte, mais o aluguel.

— Serão trezentos e vinte dólares — disse Freddy. Era doloroso para ele arriscar uma quantia dessas. Freddy começou a suar, enquanto pensava no assunto.

— Tenho em casa um carro e um rádio que valem isso.

— Posso preparar um documento de penhor — disse logo Bico Doce.

— Não quero documento nenhum — disse Freddy. Ele continuava a suar, e sua voz era hesitante. Finalmente disse:

— Está bem. Corro o risco. Mas, pelo amor de Deus, tenha cuidado com o barco, escutou, Harry?

— Vou cuidar dele como se fosse o meu.
— Você já perdeu o seu — disse Freddy, ainda suando, com seu sofrimento aumentado por aquela lembrança.
— Vou cuidar bem dele.
— Vou pôr o dinheiro em meu cofre no banco — disse Freddy.

Harry olhou para Bico Doce e disse, sorrindo:

— É um lugar seguro.
— Ei, *barman* — gritou alguém na parte da frente do salão.
— É com você — disse Harry.
— *Barman!* — ouviu-se novamente a voz. Freddy foi atendê-lo.
— Aquele homem me insultou — foi o que Harry ouviu uma voz aguda dizer, mas estava ocupado na conversa com Bico Doce.
— Estarei atracado lá no cais, diante da rua. É apenas a meia quadra daqui.
— Está bem.
— Então, é só.
— Está bem, chefeão.
— Não me chame de chefeão.
— Ainda que você goste...
— Vou estar lá a partir das quatro horas.
— Mais alguma coisa?
— Vão precisar fingir que me pegam à força, entendeu? Não sei o que está acontecendo. Vou estar apenas trabalhando no motor. Não vou ter a bordo nada do que é preciso para fazer uma viagem.

Aluguei o barco de Freddy para levar uns caras para pescar. Vão ter de me apontar uma arma para me forçar a pôr o barco em movimento, e depois precisam cortar os cabos.

— E o Freddy? Ele sabe que você não alugou o barco dele para ir pescar?
— Vou contar tudo ao Freddy.
— Seria melhor não contar.
— Vou contar.
— Repito que seria melhor não contar.
— Escute aqui, tenho feito negócios com o Freddy desde o tempo da guerra. Por duas vezes fomos parceiros, e nunca tivemos o menor problema. Você sabe quanta coisa já transportei para ele. Nesta cidade, é o único filho da puta em quem eu confiaria.
— Pois eu não confiaria em ninguém.
— Não deve mesmo, depois das experiências que já teve consigo próprio.
— Pare de me encher!
— Está bem. Vá procurar seus amigos. Qual a sua jogada com eles?
— São cubanos. Eu os encontrei na venda da estrada. Um deles desejava descontar um cheque visado. Que há de mau nisso?
— E você não notou nada de estranho?
— Não. Disse a eles para me encontrarem no banco.
— Quem vai levá-los até lá?
— Um táxi.
— E o que você acha que o motorista vai pensar que eles são? Violinistas?
— Vamos arranjar um que não pense. Tem muitos motoristas que não sabem pensar nesta cidade. Veja o Jesus, por exemplo.
— Jesus é esperto. Apenas fala daquele jeito engraçado.
— Vou recomendar que contratem um mudo.
— Procure um que não tenha filhos.
— Todos eles têm filhos. Já viu um motorista de táxi sem filhos?
— Você é um rato miserável!
— Pelo menos, nunca matei ninguém — respondeu Bico Doce.
— Nem vai matar. Chega! Vamos sair daqui. Só de estar ao seu lado já faz eu me sentir sujo.
— Quem sabe você está mesmo sujo?
— Você pode evitar de eles saírem falando? Quem sabe se fechar a sua boca?
— Feche a sua também.
— Depois, agora vou tomar um trago — respondeu Harry.

Na parte da frente do salão, os três turistas estavam sentados em suas banquetas altas. Quando Harry se aproximou do bar, a mulher virou o rosto para o outro lado, para manifestar desagrado.

— O que quer tomar? — perguntou Freddy.
— O que é isso que a senhora está tomando? — perguntou Harry.
— Uma cuba-libre.
— Então, me dê um uísque puro.

O turista alto com pequeno bigode ruivo e óculos de lentes grossas inclinou em direção a Harry seu rosto largo e de nariz reto e lhe disse:

— Escute aqui, quem você pensa que é para falar daquele jeito com a minha esposa?

Harry olhou-o de alto a baixo e indagou a Freddy:

— Que espécie de bar é este seu, hein?
— Qual é o problema? — perguntou o turista alto.
— Calma aí, tá? — recomendou-lhe Harry.
— Não me venha com essa.
— Escute — disse Harry. — Você veio até aqui para passar bem e se divertir, não foi? Então, calma aí. — E saiu logo em seguida.
— Eu devia ter acabado com a raça dele — disse o turista alto. — Não acha, querida?
— É nessas horas que eu gostaria de ser homem — respondeu sua mulher.
— Com esse físico, você já tem meio caminho andado — murmurou o homem de viseira verde para dentro do seu copo de cerveja.
— Como é que é? — perguntou o turista alto.
— Eu disse que você poderia tentar descobrir o nome e o endereço daquele sujeito e então lhe escrever uma carta com a sua opinião sobre ele.
— Escute, qual é o seu nome, afinal? Está querendo me gozar?

— Pode chamar-me de professor MacWalsey.

— Meu nome é Laughton — disse o homem alto. — Sou escritor.

— Muito prazer — respondeu o professor MacWalsey. — E o senhor escreve com frequência?

O homem alto olhou a seu redor e disse:

— Vamos embora daqui, querida. Essa gente aqui ou é toda doida, ou está tentando nos insultar.

— Este é um lugar estranho — explicou o professor MacWalsey. — Realmente fascinante. Chamam-no de Gibraltar da América, e fica a uns seiscentos quilômetros ao sul do Cairo, capital do Egito. No

entanto, este bar é a única parte da cidade que já tive tempo de ver. Um lugar muito agradável, de fato.

— Estou vendo que você é mesmo um professor — disse a mulher do homem alto. — Sabe, vou com a sua cara.

— Também gosto de você, garota — respondeu o professor MacWalsey. — Mas, agora, preciso ir embora.

E dizendo isso, levantou-se e saiu para procurar sua bicicleta.

— Todo mundo aqui é maluco — disse o homem alto. — Vamos tomar mais um drinque, querida?

— Gostei do professor — respondeu a mulher. — Tem maneiras agradáveis.

— Já aquele outro camarada...

— Ora, tinha até um rosto bonito — comentou ela. — Como um tártaro ou algo do gênero. Não precisava ter me insultado. Ora, tinha o rosto de um Gengis Khan. Puxa, e como era grande!

— Tinha um braço só — observou o marido.

— Não reparei — disse ela. — Vamos pedir mais uma bebida? Quem será que aparece agora?

— Quem sabe o Tamerlão — disse o marido.

— Ora, como você é culto! — provocou a mulher. — Mas bem que aquele Gengis Khan me caía bem. Por que será que o professor gostou de me ouvir dizer “que se estrepe”?

— Não sei, querida — respondeu Laughton, o escritor. — Eu nunca gostei.

— Ele parece ter gostado de mim como eu realmente sou — disse a mulher. — Puxa, que cara simpático!

— Você provavelmente o encontrará de novo.

— Sempre que vier aqui vai se encontrar com ele — disse Freddy. — Praticamente mora aqui. Já faz duas semanas que vem aqui todo dia.

— E quem é aquele outro, aquele grosso?

— Aquele? Ah, é um cara aqui da vizinhança.

— O que é que ele faz?

— Ora, um pouco de tudo — respondeu Freddy. — É pescador.

— Como perdeu o braço?

— Não sei. Foi ferido, mas não sei como.

— Mas como ele é bonito! — exclamou a mulher.

Freddy deu uma gargalhada e disse:

— Já ouvi chamarem o Harry de muita coisa, mas nunca de bonito.

— Não acha que ele tem um rosto bonito?

— Ora, o que é isso, minha senhora? — respondeu Freddy. — O rosto dele parece um presunto, com um nariz quebrado no meio.

— Meu Deus, como os homens são estúpidos — replicou a mulher. — Ele é o homem de meus sonhos.

— É um homem para pesadelos — observou Freddy.

Durante todo o tempo, o escritor manteve uma expressão algo estúpida no rosto, exceto quando olhava com admiração para a sua mulher. “Para ter uma mulher com aquela aparência, só mesmo se for um escritor ou um funcionário da Administração Federal de Assistência Social”, pensou Freddy. “Meu Deus, que cara feia ela tem!”

Foi nesse momento que Albert entrou.

— Onde está Harry?

— Está lá pelo cais.

— Obrigado — respondeu Albert, saindo apressado.

O escritor e sua mulher continuaram sentados ali, enquanto Freddy os observava, preocupado com o barco e pensando como suas pernas lhe doíam por ficar em pé o dia todo. Mandara instalar um gradil no piso do bar, mas não estava adiantando muito. Suas pernas doíam sem parar. No entanto, o bar estava tendo um bom movimento, tão bom quanto os melhores pontos da cidade e com menos preocupação. Aquela mulher era mesmo uma pateta. E que tipo de homem iria escolher uma mulher assim para viver com ele? “Nem com os olhos fechados”, pensou Freddy. “Nem por empréstimo!” No entanto, estavam ali tomando drinques que exigiam mistura, justamente os mais caros. Ora, isso já era alguma coisa.

— Sim, senhor — disse Freddy. — É para já.

Um homem de rosto moreno, corpo bem constituído e cabelos ruivos, vestindo uma camisa riscada de pescador e calção cáqui, entrou com uma jovem morena, muito bonita, e que vestia um suéter de lã branca e fina, com calças azul-escuras.

— Ora, ora, se não é Richard Gordon — exclamou Laughton, levantando-se. — E com a adorável senhorita Helen!

— Olá, Laughton — cumprimentou Richard Gordon. — Viu alguém parecido com um professor bêbado por aqui?

— Ele acabou de sair — avisou Freddy.

— Quer tomar um vermute, querida? — perguntou Richard Gordon a sua mulher.

— Só se você tomar também — disse Helen, que se voltou para os Laughtons, cumprimentando-os. E acrescentou: — Faça o meu com duas partes de francês e uma de italiano, Freddy.

Ela sentou-se numa banquetta alta, com as pernas dobradas por baixo do corpo, e voltou os olhos para a rua. Freddy examinou-a com admiração. E lhe veio o pensamento de que ela era a forasteira mais bonita que aparecera em Key West naquele inverno. Mais bonita até mesmo do que a famosa beldade, senhora Bradley. A senhora Bradley estava ficando um tanto corpulenta. Helen Gordon tinha um adorável rosto irlandês, cabelos pretos que se encaracolavam quase até os ombros e uma pele lisa e clara. Freddy olhou para sua mão morena segurando o copo.

— Como vai de trabalho? — perguntou Laughton, dirigindo-se a Robert Gordon.

— Vou indo bem — respondeu Gordon. — E você, como vai?

— James não trabalha — brincou a senhora Laughton. — Apenas bebe.

— Diga-me, quem é esse tal professor MacWalsey? — perguntou Laughton.

— Ah, ele é um professor de economia, ou algo parecido, e está de licença ou em férias. É amigo da Helen.

— Gosto dele — disse Helen Gordon.

— Também gosto dele — concordou a senhora Laughton.

— Mas eu gostei primeiro — acrescentou Helen Gordon com um sorriso.

— Ora, pode ficar com ele — disse a senhora Laughton. — Vocês, garotas simpáticas, sempre conseguem o que desejam.

— É para isso que somos simpáticas — respondeu Helen Gordon.

— Vou tomar outro vermute — sugeriu Richard Gordon. Voltando-se para os Laughtons, perguntou: — Vocês bebem alguma coisa?

— Por que não? — respondeu Laughton. — Por acaso, vocês vão àquela festança que os Bradleys vão dar amanhã?

— Claro que ele vai — disse Helen Gordon.

— Você sabe que eu gosto dela — respondeu-lhe Richard Gordon. — Para falar a verdade, ela me interessa tanto como mulher quanto como fenômeno social.

— Nossa! — exclamou a senhora Laughton. — Você consegue falar tão elegante quanto o professor.

— Não ostente sua ignorância, querida — recomendou Laughton.

— Será que alguém vai para a cama com um fenômeno social? — perguntou Helen Gordon, voltando-se para o lado da porta.

— Não seja grosseira — disse Richard Gordon.

— Bem, quero dizer, será que isso faz parte das tarefas normais de pesquisa de um escritor? — explicou Helen.

— Um escritor precisa saber um pouco de tudo — respondeu Richard Gordon. — Não pode limitar sua experiência aos padrões burgueses.

— Vejam só! — exclamou Helen. — E o que é que faz a mulher de um escritor?

— Acho que muita coisa... — respondeu a senhora Laughton. — Sabe, você precisava ter visto um homem que esteve aqui há pouco. Ele insultou a mim e ao James. Ele era incrível!

— Eu deveria ter lhe dado uma surra — disse Laughton.

— Ele era incrível! — repetiu a senhora Laughton.

— Vou para casa — anunciou Helen Gordon. — Você vem também, Dick?

— Acho que vou ficar um pouco mais aqui pelo Centro — respondeu Richard.

— Vai? — disse Helen Gordon, olhando no espelho que havia por trás da cabeça de Freddy.

— Vou — respondeu Richard Gordon.

Observando-a, Freddy percebeu que ela estava a ponto de chorar. Esperava porém que não o fizesse ali, em seu estabelecimento.

— Não quer tomar mais um drinque? — perguntou Richard Gordon, dirigindo-se à sua mulher.

— Não — respondeu ela, balançando a cabeça.

— Escute, o que está havendo com você? — perguntou a senhora Laughton. — Não está se divertindo?

— Demais da conta — replicou Helen Gordon. — Mas, mesmo assim, acho melhor ir para casa.

— Eu chego cedo — disse Richard Gordon.

— Não se preocupe com isso — respondeu Helen.

Em seguida, saiu. Não chegara a chorar, mas também não havia encontrado John MacWalsey.



Harry Morgan chegara ao cais de carro e estacionou bem ao lado de onde o barco estava ancorado. Deu uma olhada em volta para se certificar de que não havia ninguém por perto, então, ergueu o assento dianteiro do carro, apanhou a capa de lona lisa, manchada de óleo, e colocou-a na cabina de comando da lancha.

Entrou depois na cabina, abriu a tampa do motor e escondeu a metralhadora ali. Ele puxou os afogadores e fez ambos os motores funcionarem. O motor de estibordo funcionou suavemente depois de alguns minutos, mas o motor de bombordo rateou no segundo e quarto cilindros. Verificou que as velas estavam rachadas e procurou outras, mas não conseguiu encontrá-las.

“Tenho de arranjar velas e encher o tanque de gasolina”, pensou.

Embaixo, no compartimento dos motores, abriu o estojo da metralhadora e encaixou a coronha no lugar. Encontrou dois pedaços de correia da ventoinha e quatro parafusos. Fez dois furos nas correias e improvisou um cinturão para segurar a metralhadora por baixo do soalho da cabina de comando, à direita da escotilha, por cima do motor de bombordo. A metralhadora, colocada lá, acomodou-se facilmente, e Harry colocou nela um dos quatro pentes que estavam na bolsa interna do estojo. Ajoelhando-se entre os dois motores, estendeu a mão até a metralhadora. Precisava fazer apenas dois movimentos. Em primeiro lugar, soltar a tira de correia que passava ao redor do recebedor, imediatamente por trás do ferrolho. Em seguida, puxar a arma do outro nó. Ele experimentou puxá-la com sua única mão e a arma correu com facilidade. A seguir, empurrou a pequena alavanca até o fim, do semiautomático para o automático, e verificou se a trava de segurança estava armada. Depois, prendeu a arma novamente. Não decidiu logo onde colocar os outros pentes. Empurrou então o estojo para baixo do tanque de gasolina, num lugar onde podia alcançá-lo, com o fundo dos pentes voltado em direção à sua mão. “Se eu ainda descer uma vez antes de estarmos a caminho, poderei pôr dois deles no bolso”, pensou. “Seria melhor não colocar um na arma, neste momento, mas sempre pode acontecer uma surpresa e esta merda virar toda de pernas para o ar.”

Ele permaneceu em pé. Era uma tarde bonita, luminosa, agradável, nada fria, com uma suave brisa vindo do norte. Uma bela tarde, de verdade. A maré começara a subir, e dois pelicanos estavam pousados sobre os pilares à beira do canal. Um barco de pesca, pintado de verde-escuro, descia, navegando em direção ao mercado de peixe, o pescador negro sentado na proa, manobrando o leme. Harry lançou um olhar a distância, por sobre a superfície da água, que estava bastante lisa com o vento soprando a favor da maré cinzento-azulada sob o sol da tarde. Estendia-se até a ilha arenosa que se formara quando o canal fora dragado, bem onde antigamente apareciam os cardumes de tubarões. Gaivotas brancas voavam sobre a ilha.

“Vai ser uma noite bonita”, pensou Harry. “Uma bela noite para se fazer a travessia.”

Estava suando um pouco por ter ficado na parte de baixo, junto aos motores. Ele endireitou-se e enxugou o rosto com um pedaço de pano.

Foi quando viu Albert no cais.

— Ouça, Harry — disse Albert. — Queria tanto que você me levasse...

— Mas qual é o seu problema agora?

— É que vamos passar a trabalhar apenas três dias por semana no serviço de assistência social. Soube disso hoje de manhã. Preciso arranjar mais alguma coisa.

— Está bem — respondeu Harry. Ele havia repensado seus planos. — Está bem.

— Muito bom! — comemorou Albert. — Estava com medo de ir para casa e ter de contar para a minha velha. Ela me disse o diabo hoje de manhã, como se fosse eu que tivesse deixado o serviço de assistência.

— Qual é o problema com a sua velha? — brincou Harry. — Por que não lhe dá uns tapas?

— Vá dar você — disse Albert. — Queria só ver você tendo de escutar o que ela diz. Ela é uma fera quando começa a falar.

— Escute, Al — disse Harry. — Pegue o meu carro e este dinheiro e vá até o Marine Hardware comprar seis velas iguais a esta. Depois, compre um pedaço de gelo de vinte cents e uma meia dúzia de salmonetes. Traga também duas latas de café, quatro latas de carne, dois filões de pão, um pouco de açúcar e duas latas de leite condensado. Passe pela Sinclair e diga para virem abastecer o barco. Vou querer cento e cinquenta galões. Volte logo que puder e troque as velas números dois e quatro do motor de bombordo, a contar da hélice para trás. Diga a eles que volto depois para pagar a gasolina. Podem esperar ou me encontrar no Freddy’s. Você consegue se lembrar de tudo isso? Vamos levar um grupo para pescar tarpões amanhã.

— Está muito frio para pescar tarpões — estranhou Albert.

— O pessoal diz que não — respondeu Harry.

— Não seria melhor trazer logo uma dúzia de salmonetes? — perguntou Albert. — Para o caso de as gaivotas os roubarem? Tem um bocado de gaivotas agora lá nos canais.

— Certo, compre uma dúzia. Mas volte dentro de uma hora e mande encher o tanque.

— Por que vai pôr tanta gasolina?

— Podemos precisar navegar desde cedo até muito tarde e daí ficamos sem tempo de botar mais.

— O que aconteceu com aqueles cubanos que queriam ser transportados?

— Não soube mais deles.

— Parecia ser um bom negócio.

— Este também é um bom negócio. Vamos, vá logo.

— Quanto é que vou ganhar?

— Cinco dólares por dia — respondeu Harry. — Se não quiser, diga logo.

— Já está bem para mim — disse Albert. — Quais eram mesmo as velas para trocar?

— A segunda e a quarta a contar da hélice — respondeu Harry.

Albert acenou com a cabeça, dizendo:

— Acho que me lembro de tudo.

A seguir, entrou no carro, manobrou-o e subiu a rua.

Do lugar em que Harry se encontrava no barco podia ver o edifício de tijolo e pedra, e a entrada dianteira do First State Trust and Savings Bank. Era apenas um quarteirão abaixo, no começo da rua.

Não podia ver a entrada lateral. Ele consultou o relógio. Era pouco mais de duas horas. Então, fechou a tampa do motor e subiu para o cais. “Bem, agora vai acontecer ou não”, pensou. “Já fiz o que podia.

Vou bater um papo com o Freddy e em seguida voltarei para esperar.” Voltou-se para a direita quando deixou o cais, e caminhou por uma rua dos fundos, a fim de não passar pelo banco.



Assim que entrou no Freddy’s, planejava contar tudo a ele, mas não consegui. Não havia ninguém no bar; então ele se sentou numa banqueta com a intenção de contar tudo, mas não pôde. Quando finalmente viu-se com disposição de abrir o jogo com Freddy, se deu conta de que ele jamais aceitaria. Nos velhos tempos, talvez, mas não atualmente. Talvez nem mesmo nos velhos dias. Foi somente quando pensou em dizer a verdade que percebeu o quanto o negócio era ruim. “Eu poderia ficar por aqui mesmo”, pensou, “daí, tomava uns drinques, ficava bêbado, e então não teria nada a ver com a coisa toda. A não ser pelo fato de a minha metralhadora estar no barco. Mas ninguém sabe que é minha, com exceção da velha. Eu a comprei em Cuba, numa viagem lá da época em que trazia muamba. Ninguém sabe que eu tenho uma dessas. Bem que eu podia ficar aqui e não me meteria nessa. Mas que diabo ia fazer para minha tropa continuar comendo? De onde é que viria o dinheiro para manter Marie e as meninas? Não tenho barco, não tenho dinheiro, não tenho educação. E onde é que um homem com apenas um braço pode trabalhar? Tudo o que tenho para vender são os meus *cojones*. Poderia permanecer aqui e tomar, sei lá... mais uns cinco drinques, e isso daria conta da coisa toda. Já seria tarde demais, então. Poderia deixar tudo se danar e não fazer coisa alguma.”

— Uma bebida — disse a Freddy.

— Claro.

“Eu poderia vender a casa, alugar outra para morar, isso até conseguir trabalho, seja lá onde for. Mas que tipo de trabalho? Nenhum! Poderia ir agora até o banco e dar com a língua nos dentes, mas o que é que eu ia ganhar com isso? Um *obrigado*, é claro. Mais nada. Um grupo de filhos da puta do governo cubano me fez perder o braço atirando contra mim quando não tinham a menor necessidade de fazer isso, e outros filhos da puta, do governo dos Estados Unidos, me tomaram o barco. Agora, só me resta perder minha própria casa e receber um agradecimento. Não, muito obrigado! Que vá tudo para o inferno”, pensou. “Não tenho mesmo nenhuma escolha.”

Desejava contar a Freddy para que alguém soubesse o que ia fazer. Mas não podia contar porque Freddy não aceitaria. Estava ganhando bom dinheiro agora. Não havia ninguém ali, durante o dia, mas toda noite o lugar ficava cheio até as duas da madrugada. Freddy não estava em dificuldades. Sabia que Freddy não toparia. “Tenho de fazer sozinho”, pensou, “e com aquele coitado do Albert. Jesus, este estava parecendo mais faminto do que nunca, àquela hora no cais. Tem uns *conchos* que morreriam de fome antes de roubar. Muita gente nesta cidade anda com a barriga vazia. Mas não fazem nada a respeito. Estão morrendo de fome, um pouco mais a cada dia. Alguns deles começaram a morrer de fome no dia em que nasceram”.

— Escute, Freddy — disse Harry. — Quero levar pelo menos duas garrafas.

— Do quê?

— Bacardi.

— OK.

— Deixe as rolas soltas, está bem? Sabe, aluguei o seu barco para levar uns cubanos para fazer a travessia.

— Foi o que você me contou.

— Não sei quando irão. Talvez esta noite. Ainda não me disseram.

— O barco está pronto para partir a qualquer momento. Hoje, vamos ter uma bela noite para fazer a travessia.

— Eles disseram que talvez fossem pescar esta tarde.

— Tem material para pescar a bordo, se os pelicanos não roubaram.

— Ainda está lá.

— Bem, boa viagem, então — disse Freddy.

— Obrigado. Pode me dar outra dose?

— De quê?

— Uísque.

— Pensei que estivesse tomando Bacardi.

— Vou tomar Bacardi se ficar com frio, durante a travessia.

— Vai viajar com esta brisa soprando de ré o tempo todo — observou Freddy. — Até eu gostaria de fazer a travessia esta noite!

— Vai ser de fato uma bela noite. Mais um, pode ser?

Nesse momento entraram o turista alto e sua mulher.

— Ora, ora! O homem dos meus sonhos!... — exclamou ela, sentando-se numa banqueta ao lado de Harry. Harry olhou para ela e levantou-se.

— Volto mais tarde, Freddy — disse. — Vou lá para o barco, no caso de aquele pessoal se decidir a pescar.

— Não vá — disse a mulher do turista alto. — Por favor, fique.

— Você é uma verdadeira palhaça — respondeu Harry, saindo.

Descendo a rua, Richard Gordon estava a caminho da grande casa de inverno dos Bradleys. Esperava que a senhora Bradley estivesse sozinha. E de fato ela estava. A senhora Bradley tanto colecionava escritores quanto seus livros, mas Richard Gordon ainda não sabia disso. Sua mulher estava a caminho de casa, caminhando ao longo da praia. Não havia encontrado John MacWalsey. Talvez ele a visitasse mais tarde, quem sabe?



Albert estava a bordo e o tanque já havia sido abastecido.

— Vou botar para funcionar e ver como se comportam aqueles dois cilindros — disse Harry. — Guardou tudo o que eu lhe disse para comprar?

— Guardei.

— Então corte algumas iscas.

— Quer iscas grandes?

— Isso mesmo. Para tarpão.

Albert estava na popa cortando iscas e Harry ao lado do leme, aquecendo os motores, quando ouviu um ruído semelhante ao estouro do escapamento de um automóvel. Olhando para a rua, viu um homem saindo do banco. Trazia uma arma na mão e estava correndo. Em seguida, desapareceu. Mais dois homens saíram do banco, com malas de couro e armas na mão, correndo na mesma direção. Harry olhou para Albert, que estava atarefado cortando as iscas. O quarto homem, o grandalhão, saiu pela porta do banco, enquanto Harry olhava, empunhando uma metralhadora. Quando se afastou da porta, a sirene do banco soltou um longo e angustioso lamento, de gelar o sangue. Harry viu o cano da metralhadora agitar-se seguidamente, e ouviu um bop-bop-bop-bop soando fraco e oco, abafado pelo lamento da sirene. O homem virou-se e correu, parando pouco adiante para disparar outra vez contra a porta do banco, no momento em que Albert ergueu-se na popa e berrou:

— Meu Deus! Estão assaltando o banco! Meu Deus! O que vamos fazer?

Harry ouviu o ruído do táxi Ford saindo da rua lateral e o viu entrando no cais.

Havia três cubanos atrás e um ao lado do motorista.

— Onde está o barco? — gritou um deles em espanhol.

— Lá, seu idiota — respondeu outro, apontando.

— Aquele não é o nosso barco.

— Mas é o nosso capitão.

— Vamos! Vamos, pelo amor de Deus!

— Fora daí! — disse um dos cubanos para o motorista. — Levante as mãos.

O motorista permaneceu de pé junto ao carro. O cubano tirou uma faca do cinto e, estendendo-a em direção a ele, cortou-lhe o cinto e a calça quase até os joelhos. Puxou então as calças do motorista para baixo, dizendo:

— Fique quieto.

Os dois cubanos que seguravam as valises lançaram-nas para a cabine de comando da lancha e em seguida todos subiram em confusão para bordo.

— Vamos dar o fora, já! — disse um deles.

O cubano grande, que tinha a metralhadora, encostou-a nas costas de Harry.

— Dê a partida, capitão! — ordenou. — E já!

— Ei, calma aí — respondeu Harry. — Aponte isso para outro lado.

— Ei, você, solte aqueles cabos — disse o cubano grande dirigindo-se a Albert.

— Espere um momento, Harry — disse Albert. — Não dê partida. Esses caras assaltaram o banco.

O cubano mais alto virou-se, brandindo a metralhadora Thompson, e apontou-a para Albert.

— Ei, não! Por favor! — implorou Albert. — Não!

A rajada foi tão próxima do peito dele que as balas chocaram-se como três bofetadas. Albert escorregou sobre os joelhos, com os olhos escancarados e de boca aberta. Parecia ainda estar tentando dizer Não!

— Você não precisa de ajudante, maneta filho da puta! — disse o cubano grande. E acrescentou, em espanhol: — Cortem aquela linha com a faca de peixe. — Em seguida, falou em inglês: — Vamos, dê logo a partida!

Voltando a falar em espanhol, disse:

— Encostem uma arma nas costas dele. — Em seguida, acrescentou em inglês: — Agora, ponha esta coisa para andar ou estouro os seus miolos!

— Já estamos indo — respondeu Harry.

Um dos cubanos com cara de índio estava segurando uma pistola junto a ele pelo lado do seu braço inutilizado. O cano quase encostava no gancho.

Quando virou o barco, girando o leme com o braço bom, olhou para trás, a fim de examinar a distância e não raspar nos mourões do cais, e viu Albert ajoelhado na popa, com a cabeça caída agora para um lado, numa poça de sangue. No cais estava o táxi Ford e o motorista gordo apenas com suas roupas de baixo, as calças abaixadas até os tornozelos, as mãos erguidas acima da cabeça e de boca aberta como a de Albert. Ainda não havia ninguém descendo a rua.

Os pilares do cais ficaram para trás quando o barco saiu da marina e em seguida entrou no canal, passando pelo cais do farol.

— Vamos! Acelere! — disse o cubano alto. — Mais depressa!

— Aponte essa arma para lá — gritou Harry.

Harry pensava: “Eu poderia jogar o barco na baixada do Lagostim, mas na certa esse merda desse cubano ia me fuzilar.”

— Mais depressa! — insistiu o cubano. Falando em espanhol, acrescentou: — Todo mundo deitado no chão. Conservem o capitão sob mira.

Ele se deitou também na popa, empurrando Albert, que caiu deitado no chão da cabine. Harry sentou-se no banco de comando. Olhava para a frente e dirigia o barco para fora do canal, passando agora pela entrada da base de submarinos, com sua tábua de aviso aos iates e o pisca-pisca verde, a seguir bem para fora do cais, passando pelo forte e pela luz vermelha que piscava. Então, olhou para trás. O cubano grande tirara uma caixa de balas do bolso e enchia os pentes. A metralhadora estava no chão ao seu lado, e ele enchia os pentes sem olhá-los, apenas com o tato, tendo os olhos voltados para a popa. Os outros olhavam também para trás, com exceção do que estava vigiando Harry. Este, um dos que tinham aparência de índio, fez-lhe um sinal com a pistola para que olhasse para a frente. Nenhum barco havia ainda saído em perseguição a eles. Os motores funcionavam normalmente e o barco corria a favor da maré. Ele notou a forte inclinação da boia em direção ao mar, com a corrente redemoinhando em sua base.

“Existem apenas duas voadeiras que nos poderiam alcançar”, pensava Harry. “Uma é a do Ray, e está transportando a mala postal de Matecumbe. Onde será que está a outra? Eu a vi há uns dois dias, no estaleiro do Ed Taylor. Era essa que eu queria que Bico Doce alugasse.” Mas ainda havia outras duas, lembrou-se Harry. Numa delas, o Departamento Rodoviário do Estado percorria os recifes. A outra estava ancorada no golfo de Garrison. “A que distância já estamos agora?” Ele olhou para trás, vendo o forte já bem afastado, o edifício vermelho do antigo correio começando a aparecer acima dos prédios do estaleiro naval e o edifício amarelo do hotel dominando o perfil médio da cidade. Via-se a enseada do forte, e o farol mostrava-se acima das casas que se estendiam em direção ao grande hotel de inverno. “Estamos a umas quatro milhas agora”, pensou. “Ah, mas lá vêm eles!” Dois barcos de pesca brancos estavam dando a volta no quebra-mar, dirigindo-se para o ponto onde se encontravam. “Ah, esses aí não chegam nem a dez”, pensou. “Assim, é piada!”

Os cubanos conversavam em espanhol.

— A que velocidade estamos, indo, capitão? — perguntou o cubano gordo, olhando para a popa.

— A uns doze nós — respondeu Harry.

— E aquelas traineiras?

— Não chegam a dez.

Estavam agora todos observando os barcos, mesmo o que deveria vigiar Harry. “Mas que posso fazer?”, pensou. “Por enquanto, nada.”

Os dois barcos brancos não avançavam.

— Olha aquilo lá, Roberto — disse o cubano que falava de maneira agradável.

— Onde?

— Olhe!

Muito longe, tão longe que mal se podia enxergar, um pequeno esguicho ergueu-se da água.

— Estão atirando contra nós — disse o de voz agradável. — Que idiotice!

— Pelo amor de Deus! — exclamou o de rosto grande. — A três milhas de distância!

“Quatro”, pensou Harry. “Quatro, nada menos.”

Harry via os pequenos esguichos erguerem-se na superfície calma da água, mas não podia ouvir os disparos.

“Esses conchos são uns merdas”, pensou. “Pior do que isso: são cômicos.”

— Que barco do governo eles têm por lá, capitão? — perguntou o de rosto grande, olhando pela popa.

— Uma lancha da guarda costeira.

— Quanto pode fazer?

— Talvez doze nós.

— Isso quer dizer que por ora estamos bem? — Harry não respondeu.

— Como é, estamos ou não estamos bem? — insistiu o cubano. Harry continuou em silêncio. Mantinha à sua esquerda a torre de Sand Key, que se tornava cada vez mais alta e larga, e a baliza de Sand Key mostrava-se quase atravessada a estibordo. Em mais dez minutos, já estariam além dos recifes. — Que há com você, capitão? Ficou mudo?

— O que foi que me perguntou?

— Se alguma coisa pode nos alcançar agora.

— O avião da guarda costeira.

— Cortamos o fio do telefone antes de entrarmos na cidade — disse o cara de fala macia.

— Mas não eliminaram o telégrafo sem fio, eliminaram? — perguntou Harry.

— Acha que o tal avião pode vir para cima de nós?

— É sempre um risco, até escurecer — respondeu Harry.

— E acha que ele vem, capitão? — perguntou Roberto, o de rosto grande.

Harry não respondeu.

— Vamos, o que você acha?

— Por que deixou aquele filho da puta matar meu ajudante? — perguntou Harry, dirigindo-se ao de voz agradável, que estava em pé a seu lado, observando a bússola do barco.

— Cale a boca — disse Roberto. — Mato você também.

— Quanto dinheiro pegaram? — perguntou Harry ao cubano de voz agradável.

— Não sabemos. Não contamos ainda. De qualquer maneira, não é nosso.

Haviam passado agora pelo farol, e Harry colocou o barco em duzentos e vinte e cinco graus, em rota direta para Havana.

— Quero dizer que não pegamos essa grana para nós. É para uma organização revolucionária.

— E foi por isso também que matou meu ajudante?

— Sinto muito — disse o rapaz. — Não faz ideia de como me sinto mal por causa disso.

— Nem quero — respondeu Harry.

— Compreenda — continuou falando o rapaz. — Esse Roberto é fogo! É um bom revolucionário, mas um descontrolado. Matou tanta gente no tempo do Machado que começou a gostar disso. Acha divertido matar. Só que mata por uma boa causa, você compreende? A melhor das causas.

O rapaz olhou para Roberto, que estava sentado em uma das cadeiras de pesca na popa, com a metralhadora no colo, olhando para os barcos brancos que, pelo que Harry estava vendo, pareciam bem menores agora.

— O que tem para beber? — perguntou Roberto, falando da popa.

— Nada — respondeu Harry.

— Então bebo do meu — disse Roberto.

Outro dos cubanos estava deitado sobre um dos bancos instalados sobre o tanque de gasolina. Já parecia estar morrendo de enjoo. O quarto também estava evidentemente mareado, mas ainda se mantinha sentado.

Olhando para trás, Harry viu um barco cinza-escuro ultrapassando o forte e avançando sobre a esteira dos dois barcos brancos.

“Aquele é o barco da guarda costeira”, pensou. “Boa droga também!”

— Será que o hidroavião vai aparecer? — perguntou o de voz agradável.

— Daqui a meia hora já vai estar escuro — respondeu Harry, sentado no banco do leme. — O que vão fazer comigo? Vão me matar?

— Não quero fazer isso — disse o rapaz. — Detesto matar.

— Que está fazendo? — perguntou Roberto, que estava agora sentado com um copo de uísque na mão. — Ficando amigo do capitão? O que está querendo? Ser convidado para comer na mesa dele?

— Tome o leme — disse Harry ao rapaz. — Vê o curso? Duzentos e vinte e cinco.

Levantou-se do banco e dirigiu-se para a popa.

— Me dê um trago — disse Harry a Roberto. — Aquele lá é o barco da guarda costeira, mas ele não pode nos alcançar.

Havia abandonado agora a raiva, o ódio e qualquer dignidade, como se fossem coisas supérfluas, e começara a fazer planos.

— É mesmo — disse Roberto. — Não vão nos apanhar. Olhe só, esses bebês enjoados. O que você disse? Quer um trago? Tem algum outro último desejo, meu capitão?

— Você é mesmo um gozador — respondeu Harry, tomando um grande gole.

— Ei! Devagar aí! — protestou Roberto. — É só o que tenho.

— Eu tenho bebida a bordo — disse Harry. — Só estava brincando.

— Pois é melhor não brincar comigo — disse Roberto, num tom ameaçador.

— Está bem. Não brinco mais.

— Que bebida tem aí?

— Bacardi.

— Pode trazer.

— Num minuto — disse Harry. — Por que está assim tão enfezado?

Para alcançar a frente do barco, teve de passar por cima do corpo de Albert. Quando voltou para o leme e consultou a bússola, viu que o rapaz havia deixado que o barco se afastasse vinte e cinco graus da rota e que o mostrador estava oscilando. “Ele não é marinheiro”, pensou Harry. “Isso me dá mais tempo. Olha só a esteira do barco.”

A esteira estendia-se em duas curvas borbulhantes em direção ao ponto onde a luz, agora na popa, se mostrava castanha, cônica e ligeiramente entrelaçada no horizonte. As traineiras estavam quase fora de vista. Podia enxergar apenas um borrão onde ficavam as torres de telégrafo da cidade. Os motores funcionavam uniformemente. Harry colocou sua cabeça por baixo e apanhou uma das garrafas de Bacardi. Voltou para a popa com a garrafa na mão. Lá, tomou um gole e passou a garrafa a Roberto. Permanecendo em pé, olhou para Albert, sentindo-se doente por dentro. “Pobre miserável”, pensou.

— Que que há? Tem medo de defunto? — perguntou o cubano de rosto grande.

— Que me diz de o jogarmos na água? — disse Harry. — Não faz sentido levá-lo conosco.

— OK — respondeu Roberto. — Você tem cabeça boa.

— Segure-o por baixo dos braços — recomendou Harry. — Eu o pego pelas pernas.

Roberto deixou a metralhadora no largo piso da popa e, agachando-se, levantou o corpo pelos ombros.

— Sabe que a coisa mais pesada no mundo é um homem morto? — comentou. — Já levantou um homem morto antes, capitão?

— Não — respondeu Harry. — E você já ergueu o cadáver de uma mulher gorda?

Roberto conduziu o corpo para a popa e em seguida disse:

— Você é mesmo durão! Que tal tomarmos um gole?

— Vá em frente — respondeu Harry.

— Escute, sinto muito ter matado o sujeito — disse Roberto. — Sabe, quando matar você, vou me sentir ainda pior.

— Pare de falar essas coisas — pediu Harry. — Por que continua dizendo isso?

— Vamos — disse Roberto. — Lá vai ele!

Quando se debruçaram sobre a popa para lançar o cadáver, Harry chutou a metralhadora, fazendo-a cair também ao mar. A arma chocou-se com a água ao mesmo tempo que o corpo de Albert, mas, enquanto o cadáver girou duas vezes na esteira agitada, branca e borbulhante deixada pela hélice antes de afundar, a metralhadora afundou imediatamente.

— Assim fica melhor, não é? — disse Roberto. — Sem bagunça à vista!

Foi então que percebeu que a metralhadora havia desaparecido e berrou:

— Onde ela está? O que é que você fez com ela?

— Com o quê?

— *La ametraladora!* — gritou Roberto, falando em espanhol por causa da excitação.

— O quê?

— Você sabe muito bem o quê!

— Mas eu não a vi.

— Você a jogou pela popa. Vou matar você agora mesmo.

— Vá com calma — disse Harry. — Por que diabo vai me matar?

— Me dê uma arma — disse Roberto, dirigindo-se a um dos cubanos mareados. — Uma arma, depressa!

Harry ficou parado em pé, e nunca se sentira tão alto nem tão largo, com o suor correndo de suas axilas e descendo pelos lados do corpo.

— Você tem mania de matar — disse em espanhol o cubano que estava sofrendo de enjoos. — Já matou o ajudante. Agora quer matar o capitão. Quem vai dirigir o barco na travessia?

— Deixe-o em paz — disse o outro. — Mate-o quando tivermos chegado.

— Ele chutou a metralhadora para o mar — argumentou Roberto.

— Já temos o dinheiro. Para que quer uma metralhadora agora? Tem muitas metralhadoras em Cuba.

— Garanto que estarão cometendo um erro se não o matarem agora. Estou lhes dizendo! Me dê aqui uma arma.

— Ora, cale a boca. Você está bêbado. Toda vez que fica bêbado, quer matar alguém.

— Tome um gole — disse Harry, observando a ondulação da corrente do Golfo, onde a bola vermelha do sol quase tocava a água. Então, avisou: — Veja, ali! Quando a água vier bem do fundo, vai ficar verde brilhante.

— Feche essa latrina! — exclamou o cubano de rosto grande. Está achando que vai se livrar disso na conversa?

— Eu compro outra metralhadora para você — disse Harry. — Custam apenas quarenta e cinco dólares em Cuba. Vá com calma. Está tudo correndo bem agora. Já não tem mais perigo de o avião da guarda costeira aparecer.

— Vou matar você — disse Roberto, olhando para Harry. — Você fez isso de propósito. Foi por isso que me pediu para levantar o corpo.

— É melhor para você não me matar — ponderou Harry. — Quem vai dirigir o barco durante a travessia?

— Devia matá-lo agora.

— Vá com calma — disse Harry. — Vou dar uma espiada nos motores.

Ele abriu a escotilha e entrou por ela, retirou e colocou as tampas cheias de graxa dos dois cárteres, regulou os distribuidores e tocou com a mão a coronha da metralhadora Thompson. “Ainda não”, pensou. “Não, é melhor não fazer coisa alguma por enquanto. Meu Deus, escapei por pouco! Mas que diferença isso faz para o Albert, agora que ele está morto? Será até uma economia para sua velha, que não vai ter despesa com o enterro. Que filho da puta, esse da cara grande. Filho da puta assassino! Deus do céu, gostaria de apagá-lo agora mesmo. Mas é melhor esperar a hora certa.” Então, levantou-se, subiu para o convés e fechou a escotilha.

— Está se sentindo bem? — perguntou Harry a Roberto e colocou a mão sobre o ombro largo do outro. O cubano de rosto grande olhou para ele, sem responder. — Viu a corrente ficar esverdeada? — perguntou Harry.

— Vá para o inferno! — disse Roberto.

O cubano estava bêbado, mas a desconfiança tomara conta dele e, como um animal, sabia que alguma coisa tinha dado errado.

— Vou pilotar um pouco — disse Harry, dirigindo-se ao rapaz no leme. — Qual é o seu nome?

— Pode me chamar de Emílio — respondeu o rapaz.

— Lá embaixo você vai encontrar alguma coisa para comer. Tem pão e carne em lata. Prepare café, se quiser.

— Não quero nada.

— Farei um pouco mais tarde — disse Harry. Então, sentou-se ao leme, com a luz da bitácula agora acesa, mantendo o barco na rota com facilidade, sobre o mar que ondulava suavemente, enquanto observava a noite que caía sobre a água. Não acendera nenhuma das luzes de navegação.

“Era mesmo uma excelente noite para a travessia”, pensou. “Uma bela noite. Logo que a última claridade tiver desaparecido, tenho de navegar em direção leste. Senão, avistaremos as luzes de Havana dentro de uma hora. Em duas horas, no máximo. Logo que avistar as luzes, aquele filho da puta vai querer me matar. Foi uma sorte ficar livre da metralhadora. Diabo, que sorte! Que será que a Marie preparou hoje para o jantar? Vai ver ela está preocupada demais para conseguir comer. Quanto dinheiro terão conseguido, estes putos? Engraçado não terem contado. Que maneira gozada de levantar dinheiro para uma revolução. Esses cubanos são mesmo uma gente dos diabos.”

E ainda... “Cara malvado, esse Roberto! Mas vou cuidar dele esta noite. Vou acabar com ele, aconteça o que acontecer! Pena que isso não vai adiantar nada para o pobre do Albert. Detestei lançá-lo ao mar daquele jeito. Não sei o que me fez ter uma ideia dessas.”

Ele acendeu um cigarro e ficou fumando no escuro. “Estou fazendo tudo direito”, pensou. “Estou fazendo as coisas melhor do que esperava. Esse sujeito que estava aqui no leme é um bom rapaz. Tomara que os outros dois sejam do mesmo tipo. Queria ter um jeito de reuni-los todos, num canto. Bem, vou ter de fazer o melhor que puder. Quanto mais despreocupados eu os deixar, melhor. As coisas sempre correm melhor quando a gente fica relaxado...”

— Quer um sanduíche? — perguntou o rapaz.

— Obrigado — respondeu Harry. — Já ofereceu ao seu parceiro?

— Ele está bebendo, e quando bebe não come.

— E os outros?

— Estão mareados.

— Está uma noite maravilhosa para a travessia — comentou Harry. Notou então que o rapaz não estava olhando para a bússola e deixou que o barco continuasse se desviando para leste.

— Ê, eu estaria até gostando do passeio... — disse o rapaz — ... se não fosse o que aconteceu ao seu ajudante.

— Ele era um cara legal — disse Harry. — Alguém ficou ferido lá no banco?

— O advogado. Como era mesmo o nome dele? Simmons, não é?

— Ele morreu?

— Acho que sim.

“Ora, ora!”, pensou Harry. “O senhor Bico Doce! Mas, também, o que é que ele esperava? Como poderia ter pensado que isso não pudesse acontecer com ele? Ê no que dá brincar de valentão! Ê o que acontece quando só se quer tirar vantagem de tudo! Aquele Bico Doce! Adeus, doutor Bico Doce!”

— Como foi morto?

— Creio que pode imaginar — respondeu o rapaz. — Foi muito diferente do que aconteceu a seu ajudante. Eu me senti mal por causa do que aconteceu ao seu ajudante. Você entende? Meu companheiro não fez por mal. É que esta fase da revolução o está afetando muito.

— Ê, talvez no fundo ele seja mesmo um bom rapaz — disse Harry, enquanto pensava: “Já nem sei o que diz minha boca. Que Deus me amaldiçoe, mas minha boca tem mesmo de servir para tudo. Tenho de fazer amizade com este garoto, pois talvez...”

— Que tipo de revolução estão fazendo agora? — perguntou.

— Somos o único partido realmente revolucionário — respondeu o rapaz. — Queremos acabar com os velhos políticos, com o imperialismo americano que nos estrangula, com a tirania do Exército. Queremos começar tudo de novo e dar a cada homem uma oportunidade de prosperar. Desejamos eliminar a escravidão imposta pelos *guajiros*, você sabe, os latifundiários, e dividir as grandes plantações de açúcar entre os operários que trabalham nelas. Mas não somos comunistas.

Harry olhou para a carta náutica e depois para o rapaz.

— E como estão se saindo? — perguntou.

— Por enquanto, estamos apenas levantando dinheiro para a luta — respondeu o rapaz. Para isso temos de utilizar meios que posteriormente não empregaremos. E precisamos lançar mão de pessoas que posteriormente também não empregaremos. Mas o fim justifica os meios. Na Rússia, tiveram de fazer a mesma coisa. Antes da Revolução, Stalin foi um assaltante de bancos.

“Ele é um radical”, pensou Harry. “Isso é o que ele é, um radical.”

— Eu acho que vocês têm um bom programa — comentou. — ... se a intenção é ajudar os trabalhadores, tudo certo. Tomei parte em muitas greves, nos velhos tempos, quando havia fábricas de cigarros em Key West. Eu teria sido um de vocês, naquela época, se já tivesse conhecido gente assim.

— Muita gente nos auxiliaria — disse o rapaz. — No entanto, por causa da situação em que atualmente nos encontramos, não podemos confiar em ninguém. Lamento muito pela necessidade desta fase atual. Odeio o terrorismo. Sinto-me também muito mal diante dos métodos que utilizamos para levantar dinheiro. Mas não temos escolha. Não sabe como estão ruins as coisas em Cuba!

— Ê, parece que estão bastante ruins — reforçou Harry.

— Você nem tem ideia de como estão ruins. Existe lá uma tirania cruelmente assassina, que se espalha por todos os pontos do país. Três pessoas não podem se reunir na rua. Cuba não tem inimigos estrangeiros e não precisa de exército algum, mas temos um exército de vinte e cinco mil homens, que, de cabo para cima, suga o sangue da nação. Todos, até mesmo os soldados rasos, estão empenhados em fazer fortuna. Além disso, há a chamada reserva militar, constituída por toda espécie de canalhas, gorilas e dedos-duros do tempo de Machado, que passa a mão em tudo o que o Exército regular não se interessa em tomar. Precisamos liquidar o Exército, antes de podermos iniciar qualquer coisa. Antigamente, vivíamos debaixo de cassetetes. Agora somos governados sob fuzis, pistolas, metralhadoras e baionetas.

— Ê, a coisa parece feia — disse Harry, virando um pouco o leme e deixando o barco desviar-se mais e mais para leste.

— Nem pode imaginar — continuou o rapaz. — Amo meu pobre país e faria tudo para libertá-lo dessa tirania de agora. Sou obrigado a fazer coisas que detesto. Mas, por patriotismo, faria coisas que detesto mil vezes mais.

“Quero tomar um gole”, pensou Harry. “Que merda me interessa essa sua revolução! Que se foda sua revolução! Para ajudar os trabalhadores, assaltam um banco e matam um camarada que estava com eles e em seguida assassinam o pobre do Albert, que nunca fez mal a ninguém... Foi um trabalhador que eles mataram. Nunca pensam nisso. Um trabalhador com família. São os cubanos que governam Cuba. Todos atraíam uns aos outros. Todos vendem uns aos outros. Têm o que merecem. Para o inferno suas revoluções! Tudo o que quero fazer é ganhar a vida para minha família e nem isso posso fazer agora! E vem esse cara me falar dessa tal revolução. Que se dane a revolução dele!”

— É uma situação bem chata — disse ao rapaz. — Pode segurar o leme por um momento, sim? Quero tomar um gole.

— Pois não — respondeu o rapaz. — Como devo dirigir?

— Duzentos e vinte e cinco graus — explicou Harry.

Estava escuro agora e havia ondas fortes àquela distância da costa, na corrente do Golfo. Ele passou pelos dois cubanos que, enjoados, estavam deitados nos bancos, e foi para a popa, onde Roberto estava sentado na cadeira de pesca. A água corria pelos costados do barco, no escuro. Roberto estava sentado com os pés sobre a outra cadeira de pesca, que virara em sua direção.

— Preciso tomar um trago — pediu Harry.

— Vá para o inferno — respondeu com voz pesada o cubano de rosto grande. — Esta garrafa é minha.

— Está bem — disse Harry, e voltou para a frente do barco para apanhar a outra garrafa. No escuro, embaixo, com a garrafa sob o toco do braço direito, puxou a rolha que Freddy havia tirado e encaixado de volta, e tomou um gole. “Podia ser agora”, disse a si próprio. “Não vou ter hora melhor nem pior, mas não há por que esperar mais. O rapazinho já falou bastante. O gorila de rosto grande está bêbado. Os outros dois estão mareados. Pode muito bem ser agora.”

Ele tomou outro gole. O Bacardi aqueceu-o e o amparou, mas ainda sentia frio e um vazio em volta do estômago. Estava todo frio por dentro.

— Quer um gole? — perguntou ao rapaz que segurava o leme.

— Não, obrigado — respondeu o rapaz. — Não bebo.

Harry podia vê-lo, sorridente, à luz da bitácula. Era um rapaz sorridente, de fala macia.

— Vou tomar mais um — disse Harry, sorvendo um grande gole, mas que não conseguiu eliminar a umidade fria que se havia espalhado agora de seu estômago para todo o peito. Ele colocou a garrafa no soalho da cabina de comando. — Mantenha o barco na rota certa — recomendou ao rapaz. — Vou dar uma olhadela nos motores.

Harry abriu a escotilha e desceu. Em seguida, fechou a escotilha com um longo gancho, que colocou num buraco da cobertura. Inclinou-se sobre os motores; com a mão experimentou a mangueira d'água e os cilindros, colocando também a mão sobre as camisas dos pistões. Apertou as duas tampas do cárter, dando uma volta e meia em cada. “Bem, chega de enrolar”, disse para si próprio. “Está na hora, homem! Onde estão suas bolas? Já me chegaram à garganta...”, pensou.

Olhou para fora pela escotilha. Quase podia tocar os dois bancos sobre os tanques de gasolina onde estavam deitados os cubanos mareados. O rapaz simpático tinha as costas voltadas para Harry. Estava sentado na banqueta alta, destacando-se claramente contra a luz da bitácula. Voltando-se, Harry podia ver Roberto deitado sobre a cadeira na popa, seu corpo contrastando com a água escura.

“Vinte e um no pente significam no máximo quatro rajadas de cinco tiros”, pensou. “Preciso manter os dedos leves. Está tudo direito. Vamos. Deixe de enrolar, seu covardão! Meu Deus, o que eu não daria para ter meu braço de volta! Bem, ele não existe mais.” Ele ergueu sua mão esquerda, soltou a correia em toda a sua extensão, pôs a mão ao redor da guarda do gatilho, puxou a trava até o fim com o polegar e puxou a metralhadora para fora. Acocorando-se no compartimento dos motores, mirou cuidadosamente a nuca do rapaz simpático, que se destacava contra a luz da bitácula.

A metralhadora soltou uma grande chama no escuro e os cartuchos se chocaram contra a escotilha aberta e o motor. Antes que o corpo amolecido do rapaz tombasse da banqueta, Harry já se havia voltado e disparado contra a figura deitada no banco da esquerda, quase encostando a arma flamejante e espasmódica no homem, e tão perto que pôde sentir o cheiro de pano queimado do casaco dele. Virou-se então para lançar uma rajada contra o outro banco, onde havia o outro cubano sentado, esforçando-se para arrancar sua pistola. Abaixou-se ainda mais e olhou para a popa. Podia ver a silhueta dos dois assentos. Às suas costas, o rapaz jazia imóvel. Não havia a menor dúvida quanto a ele. Em um dos bancos, um homem estava se debatendo. No outro, podia ver com o canto dos olhos um homem parcialmente tombado sobre a amurada, de rosto para baixo.

Harry tentava agora localizar no escuro o homem de rosto grande. O barco começara então a navegar em círculos e a cabine de comando iluminou-se um pouco. Ele prendeu a respiração e olhou. Devia ser ele, naquele lugar onde estava um pouco mais escuro no canto do passadiço. Observou melhor e viu a sombra mover-se ligeiramente. Era ele!

Estava rastejando em sua direção. Não, em direção ao sujeito que estava com parte do corpo caída para fora do barco. Estava procurando a arma do companheiro. Acocorando-se ainda mais, Harry observou seu movimento até ter absoluta certeza. Disparou-lhe então uma rajada. A arma o iluminou quando estava de quatro, engatinhando, e, quando a chama e o tá-tá-tá-tá cessaram, ouviu o cubano cair pesadamente.

— Seu filho da puta! — exclamou Harry. — Seu gorila assassino de cara grande!

Todo o frio havia desaparecido agora de seu coração e já sentia de volta aquela antiga e surda vibração. Ele se abaixou e procurou sob o tanque de gasolina quadrado e coberto de madeira outro pente para pôr na arma. Apanhou-o, mas suas mãos estavam tomadas por um frio úmido.

“Cuide dos tanques”, disse para si próprio. “Um deles foi atingido. Você tem de desligar os motores. Não sei onde se desconecta o raio do tanque!”

Ele apertou a alavanca, deixou cair o pente vazio, introduziu um novo e subiu para a cabina de comando, por onde saiu no convés.

No que Harry colocou-se de pé, segurando a metralhadora Thompson com a mão esquerda, olhando ao redor antes de fechar a escotilha com o gancho do braço direito, o cubano que havia caído no banco de bombordo, atingido três vezes no ombro esquerdo, tendo dois dos tiros penetrado no tanque de gasolina, sentou-se, mirou cuidadosamente e disparou contra a barriga de Harry.

Harry caiu seco, numa guinada para trás. Sentiu como se tivesse sido atingido no abdômen por uma cacetada. Suas costas estavam apoiadas contra um dos canos de ferro que serviam de suporte para as cadeiras de pesca. O cubano atirou novamente, fazendo lascar uma delas, pouco acima de sua cabeça. Harry abaixou-se, alcançou a metralhadora Thompson, ergueu-a cuidadosamente, segurou o prendedor dianteiro com o gancho e disparou metade do novo pente contra o cubano que, sentado e inclinado para a frente, atirava calmamente contra ele. O homem caiu como um saco vazio, e Harry foi tateando pelo soalho da cabina até encontrar a cabeça do homem de rosto grande, que estava deitado no chão, de cara para baixo. Sentiu-lhe a cabeça com o gancho de seu braço direito, encostou nela o cano da arma e puxou o gatilho. Disparando contra a cabeça, a metralhadora fez um ruído semelhante a golpes de cacete numa abóbora. Harry pousou a arma e deitou-se de lado, no soalho da cabina.

— Sou um filho da puta — disse, com os lábios encostados às tábuas. — Sou um filho da puta quase liquidado. Tenho de cortar logo os motores ou vai tudo pegar fogo.

“Mas ainda tenho uma chance!”, pensou. “Muito pequena. Meu Deus! Uma coisa só, uma única coisa que saiu errada e estragou tudo. Maldito! Maldito cubano filho da puta! Como eu ia adivinhar que não tinha dado cabo dele?”

Ele conseguiu erguer-se e engatinhar e, deixando cair uma das tampas da escotilha sobre os motores, rastejou para a frente, até onde ficava a banqueta do leme. Apoiou-se sobre ela, admirado por constatar que ainda conseguia se mover bem. Então, de repente, ao se pôr de pé, sentiu-se fraco e meio zozno. Inclinou-se para a frente com o toco do braço descansando sobre a bússola e desligou as duas chaves. Os motores ficaram silenciosos e Harry pôde, então, escutar o ruído da água sobre os costados do barco. Não se ouvia qualquer outro som. O barco avançou para uma depressão do mar, que o vento norte havia encapelado agora, e começou a balançar.

Apoiando-se na roda do leme, deixou-se cair sobre a banqueta, inclinando-se sobre a mesa de cartas náuticas. Podia sentir as forças abandonando-o, numa náusea fraca, mas constante. Abriu a camisa com a mão boa e apertou o ferimento com a base da palma da mão, tateando o em seguida com o dedo. Não estava saindo muito sangue. “Tudo lá dentro”, pensou. “Será melhor me deitar e tratar de permanecer imóvel.”

A lua estava agora alta e Harry podia ver o estado geral da cabina de comando.

“Que confusão!”, pensou. “Que diabo de confusão!”

“Vai ser melhor me deitar antes que eu desmaie”, pensou, abaixando-se sobre o soalho da cabina. Deitou-se de lado e, em seguida, com o balançar do barco, o luar penetrou na cabina e Harry pôde vê-la claramente à sua volta.

“Está uma bagunça”, pensou. “Cheia de cubanos!” Em seguida, pôs-se a imaginar: “O que vai acontecer aqui? E a Marie, o que ela vai fazer? Talvez lhe deem uma recompensa. Maldito cubano! Acho que ela vai conseguir se arrumar. É uma mulher esperta. Acho que nós todos poderíamos ter nos arrumado. Foi mesmo uma besteira. Mordi mais do que podia mastigar. Não devia nem ter tentado. Levei tudo muito bem até o fim. Ninguém nunca vai saber como aconteceu. Queria poder fazer alguma coisa pela Marie. Tem muito dinheiro neste barco. Nem sei quanto. Suficiente para arranjar a vida de qualquer um. Será que a guarda costeira não vai roubar uma parte? Ah, uma parte, sem dúvida... Queria dar um jeito de a minha velha saber o que aconteceu. O que ela vai fazer agora? Não sei. Ia ser melhor se eu tivesse arranjado emprego numa bomba de gasolina ou uma coisa assim. Devia ter parado com essa besteira de barcos. Não existe mais dinheiro honesto nesse negócio de barcos. Se esta merda pelo menos não balançasse tanto!... Se pelo menos parasse de balançar! Fico sentindo lá dentro de mim todo esse balanço, para a frente e para trás. Eu. O senhor Bico Doce e Albert. Todos os que tinham alguma coisa a ver com o caso. Esses putos cubanos também. É, foi mesmo um negócio azarado! Que negócio infeliz! Acho que um homem como eu devia era ter um estabelecimento qualquer, um posto de gasolina, por exemplo. Diabo, mas eu não ia conseguir trabalhar num posto de gasolina. Marie, sim, ela é capaz de dirigir um estabelecimento. Está velha demais para ganhar dinheiro com aquelas ancas. Queria tanto que esta merda de barco não balançasse tanto. Tudo o que tenho que fazer é me manter calmo. Tenho de manter-me o mais calmo que puder. Dizem que a gente não deve beber água e que deve ficar deitado, imóvel. Dizem que o principal é a gente não beber água...”

E ele voltou-se de novo para olhar a bagunça no convés que o luar iluminava.

“Bem, não vou precisar limpar o barco”, pensou. “Tenho de manter a calma. Disso é que preciso. Manter a calma. Manter a calma o mais que puder. Tenho uma pequena chance... É só ficar imóvel e não beber água nenhuma.”

Ele deitou-se de costas e tentou respirar mais compassadamente. O barco balançava na corrente do Golfo e Harry Morgan mantinha-se deitado de costas, na cabina de comando. A princípio, tentou segurar-se contra o balanço, utilizando o braço bom. Depois, ficou deitado, aguentando o balanço sem reação.



Na manhã seguinte, em Key West, Richard Gordon estava a caminho de casa, após uma rápida passada no Freddy's, onde fora se informar a respeito do assalto ao banco. Dirigindo sua bicicleta, passou junto a uma mulher pesada e grandalhona, de olhos azuis e cabelos loiros descorados, debaixo de seu chapéu de feltro já gasto, atravessando apressadamente a rua, com os olhos vermelhos de choro. “Olha só aquela vaca enorme”, pensou. “Em que será que uma mulher como essa fica pensando? E como ela será na cama? Como será que o marido se sente a respeito do tamanho todo dela? E com quem será que ele se dá, aqui na cidade? Mas ela tem uma aparência realmente espantosa, não é? Parece um couraçado! Impressionante!”

Estava quase chegando a sua casa. Deixou a bicicleta na varanda e entrou para o vestibulo, fechando a porta da frente, já toda esburacada e comida por cupins.

— O que você descobriu, Dick? — perguntou sua mulher, falando da cozinha.

— Não fale comigo — respondeu ele. — Preciso escrever imediatamente, enquanto tenho uma boa cena na cabeça.

— Ótimo — disse ela. — Vou deixar você sozinho.

Ele sentou-se à grande mesa da sala da frente. Estava escrevendo um romance sobre uma greve numa fábrica têxtil. No capítulo de hoje iria utilizar a mulher grande de olhos vermelhos e cheios de lágrimas que vira ao voltar para casa. Seu marido, quando chegava à noite, odiava-a, odiava o fato de ela ter se tornado desgraciosa e pesadona, sentia repulsa em relação aos seus cabelos descorados, seus seios grandes demais, a falta de interesse pelo seu trabalho de organizador sindical. Ia acabar comparando-a à jovem judia de seios firmes e lábios cheios que falara na assembleia daquela noite. Estava muito bom. Sim, estava, era natural, impactante, verdadeiro. Ele havia captado, numa fração de segundo, toda a vida interior de uma mulher como aquela.

Sentira sua indiferença, já de há muito, em relação às carícias do marido. Seu desejo de ter filhos e segurança. Sua falta de compreensão para com os projetos do líder sindical. Suas melancólicas tentativas de fingir interesse pelo ato sexual, que, na verdade, se tornara repugnante para ela. Seria um belo capítulo.

A mulher que ele vira era Marie, a esposa de Harry Morgan, que voltava para casa, depois de ter ido falar com o xerife.



O barco de Freddy Wallace, o *Queen Conch*, com trinta e quatro pés de comprimento e licenciado em Tampa, na Flórida, era branco; o convés dianteiro e a parte de dentro da cabina de comando eram de uma cor conhecida como “verde alegre”. O teto da cabina também. Seu nome e porto de registro, Key West, Flórida, estavam pintados com tinta preta ao longo da popa. O barco não estava equipado com paus de carga e não tinha mastros. Possuía, porém, para-brisas, um dos quais, situado na frente do leme, estava quebrado. Havia certo número de buracos recentes e lascados na madeira recém-pintada do casco. Havia sinais de lascas arrancadas também nos dois lados do casco, cerca de trinta centímetros abaixo da amurada, e um pouco à frente do centro da cabina. Havia outra concentração de pontos lascados quase à altura da linha-d’água, a estibordo do casco, do lado oposto da armação traseira que sustentava o abrigo de popa, ou toldo. Dos buracos mais baixos alguma substância escura havia escorrido e estendia-se em linhas viscosas sobre o casco pintado recentemente.

O barco ia à deriva, de costado, impulsionado pelo delicado vento norte e a cerca de dez milhas da rota dos petroleiros que navegavam para o norte, destacando-se alegre em seu colorido branco e verde contra as águas azul-escuras da corrente do Golfo. Havia tufos de sargaço amarelo flutuando na água e passando lentamente junto ao barco, em direção norte e leste, enquanto o vento continha em parte a deriva do barco, levando-o cada vez mais para dentro da corrente. Não havia sinal de vida a bordo, embora por sobre a amurada se pudesse ver o corpo de um homem, com aparência bastante inchada, deitado num banco sobre o tanque de gasolina de bombordo e, do grande banco que se estendia ao longo da amurada de estibordo, outro homem parecesse estar se inclinando para enfiar a mão no mar. Sua cabeça e seus braços estavam expostos ao sol e, no ponto em que seus dedos quase tocavam a água, havia um cardume de pequenos peixes, com mais ou menos dez centímetros de comprimento cada um, em forma oval e cor dourada, com listras bastante vermelhas, que tinham abandonado as algas marinhas para se abrigarem à sombra do casco da lancha levada pela corrente. Cada vez que aquela coisa pingava sobre a água, os pequenos peixes corriam em direção à gota, empurrando-se e agrupando-se em torno até a gota ter desaparecido. Duas grandes rêmoras, com aproximadamente quarenta centímetros de comprimento, nadavam em círculos ao redor do barco, na sombra projetada na água, com suas bocas rasgadas abrindo-se e fechando-se bem no alto das cabeças achatadas. Não pareciam ter percebido, porém, a regularidade das gotas de que se estavam alimentando os pequenos peixes e, quando caía uma delas, tanto podiam estar perto quanto do lado oposto. Já há algum tempo vinham abocanhando os coágulos e filetes viscosos e vermelhos que deslizavam para a água dos furos lascados mais baixos, sacudindo suas cabeças feias cobertas de ventosas, assim como seus corpos alongados, adelgaçados e de caudas finas, ao recuarem. Relutavam agora em deixar o local onde haviam sido alimentadas de maneira tão farta e inesperada.

Dentro da cabine de comando, havia três outros homens. Um, morto, jazia deitado de costas onde havia tombado, debaixo da banqueta do leme. Outro, grandalhão, também morto, jazia encostado ao bornal ao lado do pontalete traseiro de estibordo. O terceiro, ainda vivo, mas há muito tempo inconsciente, estava deitado de lado com a cabeça entre os braços.

O bojo da lancha estava cheio de gasolina e, com os balanços do mar, ouvia-se um ruído chapinhante. O homem, Harry Morgan, acreditava que esse som vinha de sua própria barriga e parecia-lhe agora que ela era grande como um lago que se agitava dos dois lados ao mesmo tempo. Por isso se estendera agora de costas, com os joelhos erguidos e a cabeça para baixo. A água do lago que parecia existir em sua barriga era muito fria; tão fria que, quando chegava às margens, deixava-o gelado. Ele sentia um frio extremo e tudo cheirava a gasolina, como se naquele instante tivesse estado a chupar uma mangueira para esvaziar um tanque. Sabia que não existia tanque algum, embora pudesse sentir uma fria mangueira, que parecia ter entrado por sua boca e estava agora enrolada, grande, fria e pesada, em todo o interior de seu corpo. Toda vez que respirava, a mangueira enrolava-se mais fria e mais firme em seu baixo abdômen. Ele a sentia ali, dentro dele, como uma grande serpente de movimentos suaves, acima da agitação do lago. Sentia medo dela, mas, embora estivesse dentro de seu corpo, parecia agora ter se distanciado muito. O que mais o preocupava no momento era o frio.

O frio estendia-se por todo o seu corpo. Era um frio doloroso, que não o abandonava. Sentia-o agora, deitado e imóvel. Durante algum tempo pensou que, se pudesse dobrar-se sobre si próprio, isso o aqueceria como um cobertor; pensou por um momento que se havia dobrado sobre si próprio e estava começando a se aquecer. Mas o calor que sentiu era apenas a hemorragia causada por ter erguido os joelhos. Quando o calor desapareceu, compreendeu que não podia dobrar-se sobre si próprio e que não havia outra coisa a fazer sobre aquele frio senão aceitá-lo. Permaneceu lá deitado, tentando com todo o ânimo de que dispunha não morrer, e isso durou até muito tempo depois de já não poder mais pensar. Encontrava-se agora na sombra, enquanto o barco vagava ao sabor das ondas, e sentia cada vez mais frio, todo o tempo.

A lancha estava sendo arrastada pelas ondas desde as dez horas da noite anterior. O fim da tarde já estava se aproximando. Não havia nada à vista na superfície da corrente do Golfo a não ser algas, algumas visões róseas, infladas e membranosas de caravelas erguendo-se aiosamente sobre o mar, e a fumaça distante de um petroleiro carregado, navegando de Tampico para o norte.



— E então? — disse Richard Gordon a sua mulher.

— Você está com batom na camisa — respondeu ela. — E também na orelha.

— Mas e sobre isto?

— Isto o quê?

— De encontrá-la deitada no sofá com esse palerma bêbado.

— Não aconteceu nada disso.

— Bem, onde foi que a encontrei?

— Você nos encontrou *sentados* no sofá.

— No escuro.

— E onde é que você estava?

— Em casa dos Bradleys.

— Sim — disse ela. — Já sei. Não chegue perto de mim. Está com o cheiro daquela mulher.

— E você, está com cheiro de quê?

— De nada. Estive apenas sentada, conversando com um amigo.

— Você o beijou?

— Não.

— Ele a beijou?

— Sim. E eu gostei de ele ter feito isso.

— Sua cadela!

— Se me chamar desse nome, abandono você.

— Cadela!

— Está bem — disse ela. — Tudo terminado. Se você não fosse tão metido a besta e eu não fosse tão boa para você, já teria percebido que acabou há muito tempo.

— Cadela!

— Não! — protestou ela. — Não sou uma cadela. Tentei ser uma boa mulher, mas você é tão egoísta e tão presunçoso quanto um galo de terreiro. Está sempre cantando de galo. “Olhe o que eu fiz. Olhe como eu a faço feliz.” Agora pode ficar correndo e cacarejando por aí. Você não me faz feliz e já estou cansada de você. Estou cheia de ouvir cacarejos!

— Cacarejos? Pura inveja sua. Você é que nunca produziu algo sobre o que pudesse cacarejar.

— De quem foi a culpa? Eu não queria ter filhos? Mas não podíamos nos dar a esse luxo. Podíamos nos dar ao luxo de ir a Cap d’Antibes nadar e à Suíça praticar esqui. Pudemos vir até aqui, Key West. Não aguento mais a sua cara. Você me dá nojo! E essa história com a tal Bradley, hoje, foi a última gota.

— Ora, não a meta nisto.

— Onde já se viu, chegar em casa todo cheio de batom! Não podia pelo menos ter se lavado? Tem batom até na sua testa.

— E você beijou aquele bêbado nojento!

— Não, não beijei. Mas teria beijado, se soubesse o que você estava fazendo.

— Por que deixou que a beijasse?

— Estava furiosa com você. Cansamos de esperar e esperar. Você nunca voltava. Saiu com aquela mulher e ficou horas com ela... John me trouxe para casa.

— Ah! O John, é?

— Sim, John. JOHN. John.

— E qual é o sobrenome dele? Thomas?

— É MacWalsey.

— Por que não o soletra?

— Não sei soletrá-lo — respondeu ela, rindo. Mas foi a última vez que riu. — Não pense que está tudo resolvido só porque eu ri — acrescentou, com lágrimas nos olhos. — Nada está resolvido. Esta não é uma briguinha sem importância. Está tudo acabado. Não odeio você. Não estou apelando para a violência. Apenas sinto aversão por você. Sinto total aversão e estou cheia de você.

— Está bem — disse ele.

— Não. Não está bem. Está acabado! Não se convenceu?

— Acho que sim.

— Não ache.

— Não seja tão melodramática, Helen.

— Você me acha melodramática, não acha? Bem, não sou! Estou apenas cheia de você.

— Não, não está.

— Já disse tudo o que tinha para dizer.

— Que vai fazer, então?

— Não sei ainda. Talvez me case com John MacWalsey.

— Não vai fazer nada disso.

— Caso, sim, se me der vontade!

— Ele não vai se casar com você.

— Ah, sim, ele se casaria, sim! Pediu-me esta tarde para me casar com ele.

Richard Gordon não disse coisa alguma. Um vazio havia surgido no lugar onde ficava seu coração e tudo o que ouvia ou dizia parecia estar sendo ouvido a muita distância, sem que estivesse envolvido na conversa.

— Ele pediu o quê? — perguntou a voz que parecia vir de muito longe.

— Que eu me casasse com ele.

— Por quê?

— Porque ele me ama. Porque quer que eu viva com ele. Tem dinheiro suficiente para me manter.

— Você está casada comigo.

— Na verdade, não estou. Não sou casada na Igreja. Você não quis se casar na Igreja e isso despedaçou o coração de minha pobre mãe, como bem sabe. Eu estava tão loucamente fascinada por você

que teria despedaçado o coração de qualquer pessoa por sua causa. Meu Deus, como era tola! Parti o meu coração também. Está partido e perdido. Tudo aquilo em que acreditava e tudo aquilo por que me interessava eu abandonei por sua causa, porque você era tão maravilhoso e me amava tanto que o amor era a única coisa que importava. O amor era a maior das coisas, não era? Era o amor o que nos unia, algo que ninguém mais tinha nem jamais podia ter. E você era um gênio e eu significava tudo para você! Eu era sua companheira, a sua florzinha morena. Que porcaria! O amor não passa de mais uma mentira suja. Esse amor não ia além das pílulas anticoncepcionais que você me fazia tomar porque tinha medo de que eu engravidasse! Esse amor era quinino, quinino e mais quinino até eu ficar quase surda! Esse amor é aquele aborto horrível que você me obrigou a fazer! E que me deixou com as entranhas massacradas! É metade os cateteres e metade as duchas giratórias! Conheço bem o amor! O amor sempre está pendurado por trás da porta do banheiro. Tem cheiro de lisol. Que vá para o diabo o amor! O amor era você me fazer feliz e, em seguida, cair no sono com a boca aberta enquanto eu ficava acordada durante toda a noite, com medo até de rezar minhas orações, porque sabia que não tinha mais esse direito. O amor são todos aqueles truquezinhos imundos que me ensinou e que provavelmente descobriu em algum livro. Muito bem! Estou cheia de você e estou cheia do amor! Desse seu amor safado! Seu escritor de merda!

— Sua putinha papa-hóstias irlandesa!

— Não me xingue. Sei muito bem de que tenho vontade de chamar você.

— Certo, tudo bem.

— Não, não está nada bem! Está tudo mal e muito mal! Se pelo menos você fosse um bom escritor, eu talvez suportasse o resto. Mas eu o vi azedo e cheio de inveja, modificando seu estilo para se

adaptar à moda, rastejando diante das pessoas e falando mal delas pelas costas. Vi como você é de verdade, o bastante para me enojar de você. E agora você me vem com aquela cadela suja e rica da Bradley. Já estou cheia disso tudo. Tentei cuidar de você, animá-lo, cozinhar para você, manter-me quieta ou alegre, conforme você desejasse, aguntei suas fúteis explosões de raiva e fingi que isso me deixava feliz, aguntei seus acessos de cólera, seus ciúmes e suas baixezas. Agora chega!

— E você acha mesmo que vai começar vida nova com esse professor bêbado?

— Pelo menos ele é um homem. É gentil, carinhoso, e faz a gente se sentir à vontade. Temos muitas coisas em comum, inclusive respeitamos valores que você nunca teve. Ele até me lembra meu pai.

— Ele é um bêbado.

— Verdade, ele bebe. Meu pai também bebia. E usava meias de lã, punha os pés sobre uma cadeira e lia o jornal à noite. Quando tivemos crupe, cuidou de nós. Era um metalúrgico e tinha as mãos bastante marcadas pelo trabalho. Gostava de brigar quando estava bêbado, mas às vezes também brigava quando estava sóbrio. Ia à missa porque minha mãe queria e cumpria seu dever na Páscoa por ela e por Nosso Senhor, mas principalmente por ela. Era dedicado ao seu sindicato e, se alguma vez esteve com outra mulher, minha mãe nunca soube disso.

— Aposto como esteve, e com muitas.

— Talvez. Mas, então, confessou ao padre, não à minha mãe. E se isso aconteceu foi alguma coisa mais forte do que ele, e era algo que ele lamentava, e do que se arrependia. Não fazia por curiosidade ou por vaidade de galo de terreiro, nem para ficar se gabando diante de sua mulher, dizendo que tremendo homem ele era. Se ele fazia mesmo isso, era porque minha mãe ficava conosco, as crianças, durante o verão, e ele saía com os rapazes e se embebedava. Ele era um homem!

— Você devia virar uma escritora e escrever a respeito dele.

— Eu seria melhor escritora do que você. E John MacWalsey também é um homem bom. Coisa que você não é! Nem conseguiria ser! Não importam nem suas ideias nem a sua religião.

— Eu não tenho religião.

— Eu também não tenho. Mas já tive e vou ter de novo. E você não vai chegar nem sequer perto de mim, para tomá-la, desta vez, como me tomou tudo o que eu tinha.

— Não é verdade!

— Não? Então vá se deitar com uma mulher rica dessas, como a tal da Hélène Bradley. Ela gostou mesmo de você? Será que achou você maravilhoso?

Diante daquele rosto, triste e cheio de raiva, que o choro só tornava mais bonito, com os lábios frescos e inchados como alguma coisa molhada pela chuva, o cabelo encaracolado e preto caído sobre suas faces, Richard Gordon finalmente desistiu de convencê-la:

— Quer dizer que você não me ama mais, é isso?

— Odeio até mesmo essa palavra.

— Perfeitamente — disse ele, e a esbofeteou sem dar aviso, com toda a força, um golpe em cheio na face.

Ela chorou, agora, de dor, não de raiva, com o rosto caído sobre a mesa.

— Você não precisava ter feito isso — gemeu.

— Ah, precisava sim — respondeu ele. — Você parece que sabe muita coisa, mas não sabe como eu precisava fazer isso.

Naquela tarde, ela não percebera sua entrada, quando a porta se abriu. Não via mais nada além do forro branco, com seus ornamentos em gesso, como se fosse decoração de um bolo, reproduzindo cupidos, pombos e espirais, que a luz, entrando pela porta aberta, repentinamente tornou claros.

Richard Gordon virou a cabeça e o viu, corpulento, barbudo, em pé na soleira da porta.

— Não pare — exigiu Hélène. — Por favor, não pare! — Seus cabelos brilhantes espalhavam-se pelo travesseiro.

Richard Gordon, porém, havia interrompido seus movimentos, com a cabeça ainda virada, os olhos fixos na porta.

— Não se incomode com ele. Não se incomode com nada. Não podemos parar agora, você entende? — disse a mulher, em desesperada urgência.

O homem barbudo havia fechado suavemente a porta. Estava sorrindo.

— Que aconteceu, querido? — perguntou Hélène Bradley, com eles novamente no escuro.

— Nada! Tenho de ir embora.

— Não vê que não me pode deixar assim?

— Aquele homem...

— Ora, é só o Tommy — respondeu Hélène. — Ele sabe de tudo. Não se incomode com ele. Venha, querido. Por favor!

— Não posso.

— Mas precisa! — replicou Hélène.

Richard Gordon podia sentir todo o corpo dela vibrando, e a cabeça tremendo sobre seus ombros.

— Ah, meu Deus! — exclamou ela. — Você não sabe nada mesmo? Não tem consideração alguma por uma mulher?

— Tenho de ir — respondeu Richard Gordon.

No escuro, ele sentiu a bofetada em seu rosto, que lhe fez surgirem estrelas nos olhos. Em seguida, outra bofetada. Na boca, desta vez.

— Então, é esse o tipo de homem que você é! — disse ela. — Pensei que você fosse um homem do mundo! Dê o fora daqui.

Fora assim que passara a tarde. Fora assim que terminara sua visita à casa dos Bradleys.

Agora, sua mulher estava sentada, com a cabeça entre as mãos, na mesa, e nenhum deles dizia coisa alguma. Richard Gordon podia ouvir o tique-taque do relógio e sentia-se tão vazio quanto o quarto estava silencioso. Depois de algum tempo, ela lhe disse:

— Sinto muito que tenha acontecido. Mas pode ver que tudo terminou, não é?

— Sim, se é assim que as coisas têm sido.

— Não foi sempre assim, mas é assim há muito tempo.

— Sinto ter esbofeteado você.

— Ora, isso não foi nada. Não tem nada a ver com o caso. Foi apenas uma maneira de dizer adeus.

— Não diga isso.

— Vou embora, agora — disse ela num tom muito cansado. — Sinto muito, mas vou ter de levar aquela mala grande.

— Deixe isso para amanhã de manhã — disse ele. — Pode fazer tudo isso amanhã.

— Prefiro fazer agora, Dick. Vai ser mais fácil. Mas estou tão cansada... Estou caindo aos pedaços, e com uma dor de cabeça danada...

— Faça como achar melhor.

— Oh, meu Deus — disse ela. — Desejaria que não tivesse acontecido nada disso. Mas aconteceu! Vou deixar tudo arrumado para você. Vai precisar de alguém para cuidar de você. Se eu não tivesse dito tudo o que disse, ou se você não tivesse me batido, talvez pudéssemos dar um jeito...

— Não, acho que já estava tudo acabado antes.

— Tenho tanta pena de você, Dick.

— Não tenha pena de mim, senão lhe dou outro tapa.

— Acho que eu ia me sentir melhor se você me batesse outra vez. Tenho tanta pena de você. Muita, mesmo.

— Vá para o inferno.

— Lamento ter dito que você não era bom de cama. Estava fora de mim. Acho você maravilhoso.

— Você também não é nenhuma maravilha — disse ele, e ela começou novamente a chorar.

— Isso é pior que uma bofetada — disse.

— Bem, o que foi mesmo que você disse?

— Nem sei. Não me lembro. Estava tão zangada e você me humilhou tanto!...

— Bem, está tudo acabado, não está? Por que ficarmos remexendo nisso?

— Eu não queria que estivesse acabado. Mas está e não há mais nada a fazer.

— Você pode se virar com seu professor bêbado...

— Não diga isso — protestou ela. — Não podíamos calar a boca, ficar em silêncio?

— Podíamos.

— Concorda?

— Sim.

— Vou dormir aqui no sofá.

— Não. Fique você com a cama. Eu insisto. Vou sair para dar uma volta.

— Por favor, não saia.

— Tenho de sair — respondeu ele.

— Até logo — disse ela.

Richard Gordon viu aquele rosto que sempre amara tanto e que mesmo o choro jamais enfeara, aqueles cabelos pretos e encaracolados, aqueles seios firmes por baixo do suéter encostados à beira da mesa, e não podia ver o restante do corpo dela, que também amava tanto e que julgara ter satisfeito, mas ao qual evidentemente não dera tanto prazer assim. Essa parte estava coberta pela mesa e, quando saiu pela porta, ela o olhava por sobre o móvel. Tinha o queixo nas mãos e estava chorando.



Ele não pegou a bicicleta, foi caminhando pela rua. A lua agora estava alta e as árvores destacavam-se escuras contra ela. Passou pelas casas com varandas de madeira e quintais estreitos, a luz escapando através das persianas fechadas; alamedas não pavimentadas, com casas de ambos os lados, em fileira; o bairro dos *conchos*, onde tudo era engomadíssimo e bem protegido; virtude, fracasso, peixe cozido com pirão, subnutrição, preconceito, retidão, mistura racial e o consolo da religião; as casas cubanas de *bolito*, com as portas abertas e iluminadas, cabanas cujo único charme eram seus nomes: The Red House, Chicha's. A igreja com paredes de pedra britada, suas torres feios triângulos destacando-se contra o luar. Os grandes terrenos e a massa alongada e escura do convento, tão bonito sob o luar; uma bomba de gasolina, uma loja de sanduíches, bastante iluminada, ao lado de um terreno vazio, onde fora instalado um campo de golfe em miniatura. Ele passou a seguir pela rua principal, também brilhantemente iluminada, com suas três drogarias, a loja de música, as cinco lojas judaicas, os três salões de bilhar, duas barbearias, cinco cervejarias, três sorveterias, cinco restaurantes medíocres e um bom, duas bancas de revistas e jornais, quatro lojas de artigos de segunda mão (uma das quais fabricava chaves), um estúdio fotográfico, um prédio de escritórios com quatro consultórios de dentista nos andares superiores, a grande loja de preços populares, um hotel na esquina, com os táxis do lado oposto; e, por trás do hotel, do outro lado, na rua que levava para a zona do meretrício, a grande casa sem pintura com luzes e garotas na porta, o piano mecânico funcionando e um marinheiro sentado na calçada; em seguida, no fundo, passou por trás do edifício de tijolos do tribunal com seu relógio luminoso marcando dez e meia, e depois pelo prédio branco da cadeia brilhando ao luar, até a entrada coberta de folhagens do Lilac Time, onde automóveis enchiam a alameda.

O Lilac Time estava muito iluminado e cheio de gente. Quando entrou, Richard Gordon viu que o salão de jogo estava apinhado, com a roleta girando e a bolinha batendo suavemente contra as repartições de metal da roda, que girava cada vez mais lenta, com a bola zumbindo, em seguida saltando vivamente até cair numa das repartições. Ouvia-se então apenas o girar da roda e o bater das fichas. No bar, o proprietário, que estava servindo junto com dois garçons, cumprimentou:

— Olá, Mister Gordon. O que vai tomar?

— Não sei — respondeu Richard Gordon.

— O senhor não está com cara boa. Que foi que houve? Não está bem?

— Não.

— Então, deixe comigo. Vou preparar uma boa bebida para o senhor! Vai deixar o senhor ótimo. Já experimentou um absinto espanhol, o *ojen*?

— Pode servir.

— É só beber e vai se sentir bem! Vai querer brigar com todo mundo que está aqui na casa — garantiu o proprietário. — Prepare para Mister Gordon um *ojen* especial.

Em pé, junto ao balcão, Richard Gordon bebeu três *ojens* especiais seguidos, mas isso não o fez se sentir melhor. A bebida opaca, adocicada, fria e com gosto de licor não o fazia sentir absolutamente mais animado.

— Quero beber outra coisa qualquer — pediu ao garçon.

— Que foi? Não gostou do *ojen* especial? — perguntou o proprietário. — Não se sente bem?

— Não.

— Melhor ter cuidado com o que vai beber por cima do absinto.

— Quero uísque puro.

O uísque aqueceu sua língua e o fundo de sua garganta, mas não alterou suas ideias. De repente, vendo-se no espelho por trás do bar, percebeu que beber não lhe faria bem algum. O que estivesse sentindo continuaria sentindo, e podia beber até desmaiar que também não iria acordar sentindo-se melhor.

Um jovem alto e muito magro, com alguns fios esparsos de barba loura no queixo, que se encontrava em pé ao lado dele no bar, perguntou:

— Você não é o Richard Gordon?

— Sou.

— Eu sou Herbert Spellman. Nós nos conhecemos numa festa no Brooklyn, faz um tempo, se não estou enganado.

— Pode ser — respondeu Richard Gordon. — Por que não?

— Gostei muito de seu último livro — disse Spellman. — Gostei de todos.

— Que bom! — disse Richard Gordon. — Toma um trago comigo?

— Tome um comigo! — respondeu Spellman. — Já experimentou este tal de *ojen*?

— Não me adiantou nada.

— Mas o que há com você?

— Estou me sentindo deprimido.

— Por que não toma mais um?

— Não. Já passei para o uísque.

— Sabe, para mim é uma honra conhecê-lo — falou Spellman. — Não creio que se recorde de mim naquela festa.

— Não. Mas talvez tenha sido uma boa festa. Quando a festa é boa mesmo, ninguém se lembra dela, certo?

— Acho que não — disse Spellman. — Foi em casa de Margaret Van Brunt. Lembra-se? — perguntou num tom esperançoso.

— Estou tentando lembrar.

— Fui eu quem pôs fogo na casa — explicou Spellman.

— Não me diga! — exclamou Gordon.

— É verdade — disse Spellman, alegremente. — Fui eu. Aquela foi a melhor festa em que já estive.

— Que anda fazendo agora? — perguntou Gordon.

— Pouca coisa — respondeu Spellman. — Fico por aí. Gozando a vida um pouco. Está escrevendo algum novo livro?

— Estou — respondeu Gordon. — Está quase na metade.

— Ótimo — exclamou Spellman. — A respeito de quê?

— Uma greve numa fábrica têtil.

— Excelente! Sabe, sou louco por tudo o que se refere a conflito social.

— Ora, veja só!

— Adoro, de verdade — explicou Spellman. — Mais que qualquer outra coisa. Mas você é incontestavelmente o melhor de todos. Ouça, não há nenhuma bela agitadora judia no seu livro?

— Por quê? — perguntou Gordon, desconfiado.

— É o papel perfeito para Sylvia Sidney. Estou apaixonado por ela. Quer ver o filme com ela?

— Já vi — respondeu Richard Gordon.

— Vamos então tomar um trago — disse Spellman, alegremente. — Imagine só eu encontrá-lo aqui! Sabe, sou um camarada sortudo. Realmente sortudo.

— Por quê? — perguntou Richard Gordon.

— Porque sou louco — respondeu Spellman. — Puxa, é maravilhoso! É como estar apaixonado, com a única diferença de que no fim tudo dá certo.

Richard Gordon afastou-se um pouco.

— Não se afaste — disse Spellman. — Eu não sou violento. Isto é, quase nunca. Vamos, que tal um trago?

— Faz tempo que é louco?

— Acho que sempre fui — explicou Spellman. — Mas vou lhe dizer, essa é a única maneira de ser feliz numa época como a nossa. Que me importa o que faz a Douglas Aircraft? Que me importa o que faz a AT&T? Não podem me atingir. É só eu pegar um dos livros que você escreveu, tomar um trago ou assistir a um filme com a Sylvia Sidney e fico feliz. Sou como um pássaro. Melhor que um pássaro. Sou uma...

Spellman interrompeu-se, parecendo hesitar à procura da palavra certa.

— Sou uma cegonha adorável e pequena — explodiu por fim, corando.

Então, olhou bem dentro dos olhos de Richard Gordon, seus lábios remexendo-se. Um jovem louro e corpulento destacou-se de um grupo que estava no fundo do bar e, aproximando-se, colocou a mão sobre o braço de Spellman, dizendo:

— Vamos, Harold. Está na hora de ir para casa.

Spellman olhou furioso para Richard Gordon e disse:

— Ele zombou da minha cegonha. Afastou-se da minha cegonha. Uma cegonha que gira em voo circular...

— Vamos, Harold — disse o rapagão louro.

Spellman estendeu a mão para Richard Gordon, dizendo:

— Sem ressentimento. Você é um bom escritor. Continue sempre assim. Lembre-se de que estou sempre feliz. Não permita que o enrolem. Até breve!

Com o braço do rapaz corpulento sobre seu ombro, os dois atravessaram a multidão até a porta. Spellman olhou para trás e piscou para Gordon.

— Bom rapaz — disse o proprietário, batendo levemente com a mão na cabeça. — Muito bem-educado. Creio que estudou demais. Gosta de quebrar copos, mas sem qualquer intenção ruim. Ele sempre paga tudo o que quebra.

— Vem sempre aqui?

— Todo começo de noite. O que ele disse que era? Um cisne?

— Uma cegonha.

— Na outra noite era um cavalo. Com asas. Como o cavalo de uma garrafa do White Horse, mas com um par de asas. Bom rapaz, é sim. Tem muito dinheiro. Tem ideias estranhas. A família o mantém aqui, com aquele sujeito para cuidar dele. Ele me disse que gosta de seus livros, Mistar Gordon. O que quer beber? Por conta da casa.

— Um uísque — pediu Richard Gordon.

Nesse momento, avistou o xerife, vindo em sua direção. O xerife era um homem alto, quase cadavérico, embora cordial. Richard Gordon o conhecera naquela tarde, na festa dos Bradleys, e conversara com ele a respeito do assalto ao banco.

— Escute — disse o xerife. — Se não tem nada para fazer, venha comigo daqui a pouco. A guarda costeira está trazendo o barco do Harry Morgan. Um petroleiro localizou-o ao largo de Matakumbe. Apanharam todo o grupo.

— Meu Deus — disse Richard Gordon. — Apanharam todos?

— Estavam todos mortos, com exceção de um homem, segundo a mensagem que recebemos.

— Ainda não sabe quem é o sobrevivente?

— Não. Não disseram. Só Deus sabe o que aconteceu.

— Apanharam o dinheiro?

— Ninguém sabe. Mas devia estar a bordo, já que não chegaram a Cuba com ele.

— Quando vão chegar aqui?

— Acho que vão demorar ainda duas ou três horas.

— Onde vão encostar o barco?

— No estaleiro naval, acho eu. No lugar onde a guarda costeira atraca.

— Onde encontro você para irmos até lá?

— Posso passar por aqui para apanhá-lo.

— Aqui ou lá embaixo, no Freddy's. Não vou aguentar isto aqui por muito tempo.

— Vai ser uma noite bem agitada lá no Freddy's. Está cheio daqueles veteranos de lá mais para cima, das Keys. Esses caras sempre provocam encrenca.

— Vou até lá embaixo dar uma olhada — disse Richard Gordon. — Estou me sentindo muito deprimido.

— Bem, não se meta em encrencas — recomendou o xerife. — Procuo você dentro de umas duas horas. Quer uma carona até lá embaixo?

— Quero. Muito obrigado.

Saíram, passaram pelo meio da multidão, e Richard Gordon sentou-se ao lado do xerife no automóvel.

— Que será que aconteceu lá no barco do Morgan? — perguntou.

— Só Deus sabe.

— Não receberam nenhuma outra informação?

— Nada — respondeu o xerife. — Ei, olha só como está aquilo!

Encontravam-se do lado oposto à entrada do Freddy’s, brilhantemente iluminado e cheio até a calçada. Homens com calças *jeans*, outros com a cabeça descoberta, outros com bonés, velhos quepes militares e capacetes de papelão amontoavam-se em fileira tripla diante do balcão do bar, enquanto o alto-falante da vitrola, daquelas que tocam quando se coloca um níquel, tocava “Ilha de Capri”. Quando procuraram entrar, um homem saiu bruscamente pela porta aberta, com outro quase montado nele. Os dois caíram e rolaram pela calçada. O homem que estava por cima segurou os cabelos do outro com ambas as mãos e bateu a cabeça dele diversas vezes contra o cimento, fazendo um barulho chocante. Ninguém no bar lhes deu a menor atenção.

O xerife saiu rápido do carro e agarrou pelos ombros o homem que estava por cima.

— Pare já! — ordenou. — Levante-se!

O homem endireitou-se e encarou o xerife.

— Pelo amor de Deus, por que não vai cuidar da sua vida?

O outro homem, com os cabelos ensanguentados, sangue correndo de uma das orelhas e mais sangue descendo pelo rosto sardento, dirigiu ao xerife um olhar desnorreado.

— Deixe meu companheiro em paz — disse com voz fraca. — Qual é o problema? Acha que não dou conta dele sozinho?

— Claro que pode, Joey — disse o homem que lhe estivera martelando a cabeça. — Escute, xerife, pode me emprestar um dólar?

— Não — respondeu ele.

— Então vá para o inferno. — E, voltando-se para Richard Gordon, pediu: — E você, companheiro?

— Pago uma bebida para você — respondeu Gordon.

— Assim é que se fala! — alegrou-se o veterano, tomando o braço de Gordon.

— Passo por aqui mais tarde — disse o xerife.

— Muito bem. Vou estar esperando por você.

Quando se aproximaram da extremidade do bar, o homem de cabelos vermelhos e rosto sardento, o que estava com sangue escorrendo pela orelha e pelo rosto, agarrou o braço de Gordon.

— Amigo! Bom amigo! — disse.

— Ele está bem — informou o outro veterano. — Ele aguenta bem pancada.

— Aguento mesmo, está ouvindo? — disse o de rosto ensanguentado. — É por isso que ganho sempre deles!

— Mas continua levando pancada assim mesmo! — disse alguém. — E pare de empurrar a gente!

— Deixem a gente passar! — berrou o de rosto ensanguentado. — Deixem eu e meu velho amigo chegarmos ao balcão! — E, segredando no ouvido de Richard Gordon, disse: — Não faz mal continuar levando pancada! Eu aguento bem, entende?

— Escute — disse o outro veterano, quando chegaram finalmente ao balcão do bar todo molhado de cerveja. — Você tinha de vê-lo hoje, aí pelo meio-dia, na cantina do Campo Cinco. Eu tinha derrubado ele e estava batendo na cabeça dele com uma garrafa, como se estivesse batendo num tambor. Aposto que bati nela umas cinquenta vezes.

— Mais — disse o homem de rosto ensanguentado.

— E ele nem gemeu.

— Eu aguento bem! — disse o outro, segredando no ouvido de Richard Gordon. — É um segredo meu!

Richard Gordon apanhou duas das três cervejas que o garçom negro, de jaqueta branca e barriga saliente, lhe estendera e trouxe-as em sua direção.

— Que segredo? — perguntou.

— Meu — disse o de rosto ensanguentado. — Meu segredo!

— Ele tem um segredo — explicou o outro veterano. — Não está mentindo.

— Quer ouvir? — perguntou o de rosto ensanguentado, falando no ouvido de Richard Gordon. Gordon fez que sim com a cabeça.

— Não dói.

E o outro, concordando com a cabeça, disse:

— Conte aquilo! O melhor de tudo!

O homem de cabelos vermelhos encostou seus lábios ensanguentados quase na orelha de Gordon.

— Tem vezes que eu até gosto! — confessou ele. — Que tal?

Junto ao cotovelo de Gordon estava um homem alto e magro, com uma cicatriz que se estendia do canto do olho até o queixo. Ele virou-se para o homem de cabelos vermelhos e sorriu, mostrando os dentes.

— No começo, era uma arte — disse ele. — Agora, virou prazer. Se há coisas que me dão nojo, você é uma delas, Red.

— Você fica com nojo à toa — disse o primeiro veterano. — Em que companhia você está?

— Nem adianta lhe dizer, seu bêbado descarado — disse o homem alto.

— Não quer um trago? — perguntou Richard Gordon, dirigindo-se ao homem alto.

— Obrigado — respondeu o outro. — Já estou bebendo.

— Não se esqueça de nós — disse um dos homens com os quais Gordon havia entrado.

— Mais três cervejas — pediu Gordon.

O negro pegou as cervejas e empurrou-as na direção de Gordon. Não havia espaço suficiente para erguê-las naquela multidão e Gordon viu-se imprensado contra o homem alto.

— Você é marujo? — perguntou o homem alto.

— Não. Estou hospedado aqui. Chegou das Keys?

— Chegamos esta noite das Tortugas — explicou o homem alto. — Fizemos tanta zorra que não quiseram nos deixar lá.

— Ele é um comuna — disse o primeiro veterano.

— E você também seria se tivesse mais cabeça — disse o homem alto. — Mandaram um bando dos nossos para lá, para se livrarem de nós, mas fizemos tanta bagunça que foi demais para eles. — Ele sorriu para Richard Gordon, mostrando os dentes.

— Agarrem esse cara! — gritou alguém.

Richard Gordon viu um punho atingir o rosto que estava junto a ele. O homem que recebeu o golpe foi arrastado para fora do bar por dois outros. Aberto o espaço, um dos homens golpeou-o outra vez, duramente, no rosto, enquanto o outro distribuía-lhe pancadas pelo corpo. O homem tombou no chão de cimento e cobriu a cabeça com as mãos, enquanto um outro chutava-lhe as costas. Durante todo o tempo, o homem espancado não emitiu um som sequer. Um dos homens ergueu-o e empurrou-o contra a parede.

— Apague esse filho da puta! — disse ele, enquanto o homem se debatia, com o rosto pálido de encontro à parede. O segundo homem preparou-se para atacar, com os joelhos ligeiramente curvados, e em seguida lançou seu punho direito, que veio de baixo, quase junto ao chão de cimento, e acertou num lado do maxilar do homem de rosto pálido. Este caiu para a frente sobre os joelhos e em seguida dobrou-se lentamente, com a cabeça enfiando-se num pequeno charco de sangue. Os dois homens deixaram-no lá jogado e voltaram para o bar.

— Puxa, você sabe bater — disse um deles.

— Aquele filho da puta vem pra cidade e aplica todo o seu soldo em bônus postais. Depois, fica por aí catando bebidas esquecidas no bar. É a segunda vez que apago ele.

— E apagou mesmo, desta vez.

— Quando dei aquele soco, agora, senti o maxilar dele como se fosse um saco cheio de bolinhas de gude — contou o outro com satisfação.

O homem continuava caído junto à parede e ninguém lhe prestava atenção.

— Escute, se você me desse um soco daqueles, eu nem ia sentir — disse o veterano de cabelos ruivos.

— Cale a boca, palhaço! — disse o espancador. — Você está malinado!

— Não estou, não.

— Vocês bêbados me deixam enojado — disse o espancador. — Por que iria quebrar minhas mãos em você?

— É isso mesmo que você ia fazer, quebrar as mãos — respondeu o ruivo. — Ei, companheiro — exclamou, dirigindo-se a Richard Gordon. — Que tal mais uma bebida?

— Mas que ótimos sujeitos, não é? — disse o homem alto. — A guerra é uma força purificadora, enobrecedora. Resta saber se apenas gente como nós serve para ser soldado ou se todos esses anos servindo é que nos fizeram assim.

— Não tenho a menor ideia — disse Richard Gordon.

— Gostaria de apostar com você que não há sequer três homens neste salão que tenham sido convocados — disse o homem alto. — Estes aqui são a elite. A verdadeira nata da ralé. Foi com homens como estes que Wellington venceu em Waterloo. Muito bem, o senhor Hoover nos expulsou das cabeças de porco e o senhor Roosevelt nos embarcou para cá, só para ficarem livres de nós. Eles dirigem o diabo da guarnição de um jeito tão esculhambado que está à beira de uma epidemia, mas estes pobres-coitados aqui não morrem. Embarcaram alguns de nós para Tortugas, mas agora aquilo já melhorou bastante. Além do mais, não demos a menor bola para a coisa por lá. Por isso, nos trouxeram de volta. Qual será o próximo lance? Eles querem ver a gente pelas costas, entende?

— Por quê?

— Porque nós somos os desesperados — respondeu o homem. — Os que nada têm a perder. Somos os completamente embrutecidos. Somos piores que aquela gentinha que o Espártaco original reuniu. É duro tentar fazer alguma coisa conosco, porque fomos tão massacrados até agora que o único consolo é a bebida e o único orgulho é a capacidade de beber bastante sem cair. No entanto, nem todos somos assim. Tem alguns entre nós que vão dar o troco.

— Há muitos comunistas na guarnição?

— Somente uns quarenta — explicou o homem alto. — Entre dois mil homens. É necessário disciplina e abnegação para ser comunista. Paus-d'água não podem ser comunistas.

— Não lhe dê atenção — recomendou o veterano ruivo. — Ele não passa de um maldito radical.

— Ouça — disse o outro veterano que estava bebendo cerveja com Richard Gordon. — Deixe eu contar o que acontece na Marinha. Deixe eu contar, seu maldito radical.

— Não ouça o que ele diz — insistiu o ruivo. — Quando a esquadra está em Nova York e vamos para terra, à noite, ali por perto do Riverside Drive há uns velhos de barbas compridas que descem e a gente pode mijar na barbas deles por um dólar. Que tal?

— Pago outro drinque para você — propôs o homem alto — se tirar essa bobagem da cabeça. Não gosto de ouvir falar nisso.

— Não tiro nada da cabeça — respondeu o ruivo. — Qual é o problema com você, cara?

— É verdade essa história das barbas? — perguntou Richard Gordon, que estava se sentindo um tanto enjoado.

— Juro por Deus e por minha mãe — afirmou o ruivo falador. — Diabo, e isso ainda não é nada!

Ali perto, no balcão, um veterano estava discutindo com Freddy a respeito do pagamento de um drinque.

— Foi isso mesmo o que você tomou — disse Freddy. Richard Gordon observou a fisionomia do veterano. Estava muito bêbado, com os olhos injetados de sangue, e procurava encrenca.

— Você é um maldito mentiroso — disse a Freddy.

— Oitenta e cinco centavos — cobrou Freddy.

— Olhem só! — exclamou o veterano de cabelos vermelhos.

Freddy abriu as mãos sobre o balcão. Estava atento ao veterano.

— Você é um maldito mentiroso — esbravejou o veterano, apanhando uma garrafa de cerveja para arremessá-la. Quando sua mão agarrou a garrafa, a mão direita de Freddy descreveu meio círculo sobre o balcão e deu com um grande saleiro coberto por uma toalha na cabeça do veterano.

— Essa foi linda! — exclamou o veterano ruivo. — Foi ótima, não foi?

— Precisava ver quando esse cara do bar acerta neles com aquele taco de bilhar — disse o outro.

Dois veteranos que se encontravam perto de onde caíra o homem atingido pelo saleiro olharam com raiva para Freddy.

— Que ideia foi essa de apagar nosso amigo?

— Calma, vocês. — pediu Freddy. — A próxima é por conta da casa! Ei, Wallace! Encoste mais esse sujeito na parede.

— Foi muito boa, não foi? — insistia o ruivo. — Uma beleza mesmo.

Um jovem parrudo saiu arrastando o homem derrubado pelo saleiro por entre a multidão. Ele ergueu-o sobre os pés e, enquanto o homem o olhava com expressão vazia, disse:

— Vamos, dê o fora! Vá tomar um pouco de ar.

Ali junto, também contra a parede, o homem que havia sido espancado levou as mãos à cabeça. O jovem parrudo foi até ele:

— Fora, você também. Você sempre arranja confusão por aqui.

— Meu maxilar está quebrado — queixou-se o homem espancado com voz fraca. Havia sangue correndo de sua boca e sobre o queixo.

— Tem sorte é de não estar morto, depois de levar um soco daqueles — disse o jovem robusto. — Suma daqui!

— Meu maxilar está quebrado — repetiu o outro com voz murcha. — Quebraram meu maxilar.

— Já disse que o melhor é ir embora depressa — disse o jovem. — Aqui, você só vai arranjar encrenca.

O jovem auxiliou o homem de maxilar quebrado a se levantar e ele saiu cambaleando sem firmeza para a rua.

— Nas melhores noites, já vi mais de uma dúzia de sujeitos deitados contra aquela parede — contou o veterano ruivo. — Uma manhã dessas, vi aquele crioulo ali do bar lavando o chão com um balde. Você não estava lavando o chão com um balde, amigão?

— Estava, sim — respondeu o *barman* negro. — Faço isso muitas vezes. Sim, senhor. Mas nunca me viu brigar com ninguém, não é?

— Não disse? — exclamou o ruivo. — Com um balde.

— Hoje parece que vamos ter uma noite das boas — disse o outro veterano. E voltando-se para Richard Gordon, perguntou: — E então, companheiro? Vamos tomar mais uma?

Richard Gordon percebeu que estava ficando embriagado. Seu rosto, refletido no espelho por trás do balcão, começava a lhe parecer o de outra pessoa.

— Qual é seu nome? — perguntou ao comunista alto.

— Jacks — disse o homem alto. — Nelson Jacks.

— Onde esteve antes de vir para cá?

— Por aí. Por toda parte — respondeu o homem. — México, Cuba, América do Sul e arredores.

— Eu o invejo — comentou Richard Gordon.

— Por quê? Por que não arranja um trabalho assim?

— Escrevi três livros — disse Richard Gordon. — Estou escrevendo um agora sobre a Gastônia.

— Muito bem! — disse o homem alto. — Isto é bacana! Como é mesmo que se chama?

— Richard Gordon.

— Não me diga! — exclamou o homem alto.

— O que foi?

— Nada — respondeu o homem alto.

— Já leu meus livros? — perguntou Richard Gordon.

— Li.

— Não gostou deles?

— Não.

— Por quê?

— Prefiro não dizer.

— Vamos, diga!

— Achei que eram uma merda! — respondeu o homem alto, afastando-se.

“Parece que esta é minha noite!”, pensou Richard Gordon. “Esta é minha grande noite.”

Dirigindo-se ao veterano de cabelos vermelhos, perguntou:

— O que você pediu para beber? Só tenho mais dois dólares.

— Uma cerveja — respondeu o ruivo. — Ouça, você é um cara muito legal! Acho que seus livros são ótimos. Não ligue para aquele puto radical!

— Não tem um dos seus livros aí com você? — perguntou o outro veterano. — Gostaria de ler um deles, companheiro. Já escreveu para *Western Stories* ou *War Aces*? Se deixarem, sou capaz de ler a *War Aces* todo dia.

— Mas afinal quem é aquele altão? — perguntou Richard Gordon.

— Já disse, é só um filho da puta de um radical — afirmou o segundo veterano. — A guarnição está cheia deles. Tínhamos era de expulsar todos eles, mas para dizer a verdade, na metade do tempo, pelo menos, a maior parte dos rapazes do campo nem se lembra da cara deles.

— Não se lembram do quê? — perguntou o de cabelos vermelhos.

— De coisa nenhuma — respondeu o outro.

— Está me vendo, não está? — perguntou o ruivo.

— Estou — respondeu Richard Gordon.

— Poderia imaginar que eu tenho a mulherzinha mais linda do mundo?

— Por que não?

— Bem, no duro que tenho! — disse ele. — E a garota é louca por mim. É como se fosse minha escrava. “Me dá outra xícara de café”, eu mando, e ela: “OK, querido.” E me dá o café. É tudo assim.

Ela faz qualquer coisa por mim. Qualquer capricho meu é lei para ela.

— Só falta saber onde ela está — emendou o outro veterano.

— Isso mesmo! — disse o de cabelos vermelhos. — É isso, companheiro! O problema é saber onde ela está.

— Ele não sabe onde ela está — explicou o segundo veterano.

— Não é só isso — continuou o ruivo. — Não sei também onde foi que a vi pela última vez.

— Você nem sabe em que país ela pode estar!

— Mas, escute aqui, companheiro — disse o ruivo. — Pode ser onde for, aquela menina é fiel a mim.

— Isso é uma verdade sagrada — confirmou o outro veterano. — Pode apostar até a sua vida nisso.

— Tem vezes — continuou o de cabelos vermelhos — que chego a pensar que ela é Ginger Rogers, e quem sabe virou estrela de cinema.

— Por que não? — exclamou o outro.

— Mas tem vezes também que eu a vejo muito nitidamente. E ela está esperando por mim, lá onde eu moro.

— Mantendo acesa a lareira — completou o outro.

— Isso — concordou o ruivo. — Ela é a melhor mulher do mundo.

— Bem — disse o outro —, minha mãe também é legal.

— Tem razão.

— Mas já morreu — disse o segundo veterano. — Não vamos ficar falando nela.

— Você não é casado, companheiro? — perguntou o veterano ruivo dirigindo-se a Richard Gordon.

— Claro que sou.

Um pouco à frente, no bar, uns quatro homens adiante, ele enxergou o rosto vermelho, os olhos azuis e o bigode ruivo e molhado de cerveja do professor MacWalsey. O professor MacWalsey olhava fixamente para a frente e, enquanto Richard Gordon o observava, terminou seu copo de cerveja, ergueu o lábio inferior e limpou a espuma do bigode. Richard Gordon reparou o quanto seus olhos azuis eram brilhantes.

Ao dar com ele, Richard Gordon teve uma sensação estranha no peito. Percebeu pela primeira vez o que sente alguém quando olha para o homem por quem sua mulher vai deixá-lo.

— Que aconteceu, companheiro? — perguntou o veterano de cabelos vermelhos.

— Nada.

— Não está se sentindo bem? Sua cara me diz que está passando mal.

— Não estou — disse Richard Gordon.

— Parece ter visto um fantasma.

— Vê aquele camarada de bigode, ali? — perguntou Richard Gordon.

— Aquele?

— É.

— Que tem ele? — perguntou o segundo veterano.

— Nada — disse Richard Gordon. — Que ele se dane!

— Ele é um problema seu, amigão? Podemos dar umas porradas nele. Nós três o agarramos e você dá nele umas botinadas.

— Não — respondeu Richard Gordon. — Não vai resolver nada.

— Podemos apanhar o sujeito quando ele sair — propôs o veterano de cabelos vermelhos. — Não gosto da cara dele. O filho da puta parece ser um verme!

— Eu o odeio — disse Richard Gordon. — Ele arruinou a minha vida.

— Vamos dar um jeito nele — disse o segundo veterano. — Que rato amarelo! Escute, Red, pegue aí duas garrafas. Vamos bater até ele apagar. Me diga, quando foi que ele fez a tal coisa contra você, companheiro? Vamos tomar mais uma?

— Temos um dólar e setenta — disse Richard Gordon.

— Então, deve ser melhor a gente pedir uma de meio litro — disse o veterano de cabelos vermelhos. — Meus dentes já estão rangendo.

— Não — respondeu o outro. — Você está precisando dessa cerveja. É chope. Beba mais um pouco. Vamos dar uma surra naquele safado e voltamos em seguida para tomar mais uma cerveja.

— Não. Deixem o homem em paz!

— Não, companheiro. Nem pensar! Você disse que aquele rato arruinou sua mulher.

— Minha vida, não a minha mulher.

— Diabo! Então ouvi mal. Sinto muito, companheiro.

— Ele deu um desfalque e arruinou o banco — disse o outro veterano. — Aposto que tem uma recompensa para quem o agarrar. Meu Deus! Juro que vi um retrato dele hoje no correio.

— E o que estava fazendo no correio? — perguntou o outro, desconfiado.

— Não posso receber uma carta?

— E por que não recebe suas cartas lá na guarnição?

— Está pensando que fui lá atrás dos tais bônus postais?

— O que estava fazendo no correio?

— Apenas parei por lá.

— Pois então tome — berrou o outro, dando um soco no primeiro da melhor maneira que podia no meio daquela multidão.

— Já começaram de novo, aqueles dois companheiros de barraca — disse alguém.

Sempre agarrando-se, socando-se, dando-se chutes e cabeçadas, os dois foram postos porta afora.

— Vamos vê-los lutar na calçada — disse o rapaz de ombros largos. — Toda noite, esses filhos da puta brigam três, quatro vezes. Sempre a mesma coisa.

— Dupla de bêbados cretinos! — disse outro veterano. — Já foi o tempo que Red podia lutar. Hoje, está malinado.

— Ambos estão.

— Red ficou malinado lutando boxe com um camarada no ringue — contou um veterano gordo e baixo. — O tal camarada tinha feridas nos ombros e nas costas. Toda vez que se agarravam, ele esfregava o ombro no nariz e na boca do Red.

— Ora, mas por que diabo ele não erguia a cabeça?

— Porque quando lutava de perto, o Red sempre mantinha a cabeça assim, abaixada. E o tal rapaz ficava agarrando o outro o tempo todo.

— Ora, que besteira! Isso é mentira da grossa! Ninguém jamais ficou malinado por causa de uma luta.

— É o que você pensa. Escute, o Red era um camarada de boa aparência, limpo, um sujeito como você nunca viu. Eu o conheci. Estava no meu grupo. Era também um bom lutador. Quero dizer, bom mesmo! Era casado com uma bela jovem. Quero dizer, casado mesmo! E aquele Benny Sampson passou a doença para ele, foi isso mesmo, juro pela minha vida.

— Então, você está morto e não sabe — disse outro veterano. — E como foi que o Poochy pegou?

— Em Xangai.

— E você, onde pegou?

— Eu não estou malinado.

— Onde Suds pegou a dele?

— Com uma garota de Brest, pouco antes de voltar para casa.

— Vocês só falam sobre isso. Que importância tem estar malinado?

— Nenhuma, se a gente ficar como está agora. Podemos estar malinados e muito felizes da vida.

— Poochy é mais feliz agora. Não sabe onde está.

— O que é estar malinado? — perguntou o professor MacWalsey, dirigindo-se ao homem que estava a seu lado no bar.

Depois de o homem lhe ter explicado, o professor disse:

— Gostaria de saber de onde vem essa expressão.

— Não sei — disse o homem. — Sempre ouvi dizer malinado, desde a primeira vez que me alistei. Alguns a chamam de “mal turco” ou “mal francês”. Mas a gente costuma mesmo dizer que o cara está malinado, quer dizer, está com sífilis.

— Gostaria de descobrir por quê — disse o professor MacWalsey. — A maioria dessas expressões tem origem em velhas palavras inglesas.

— Por que dizem “estar malinado”? — perguntou um veterano que estava ao lado do professor MacWalsey a um companheiro de bar.

— Sei lá.

Ninguém parecia saber, mas todos estavam apreciando aquela atmosfera de séria discussão filológica.

Richard Gordon estava agora junto ao professor MacWalsey, no bar. Quando Red e Poochy começaram a lutar, Gordon fora empurrado para aquele lado e não resistira ao movimento.

— Olá — disse o professor MacWalsey. — Não quer uma bebida?

— Não com você — respondeu Richard Gordon.

— Creio que tem seus motivos — concordou o professor MacWalsey. — Já tinha visto uma coisa dessas?

— Não — disse Richard Gordon.

— É uma loucura! — disse o professor MacWalsey. — Mas é muito divertido. Sempre venho aqui à noite.

— Nunca se mete em encrencas?

— Não. Por que iria acontecer?

— Bêbados gostam de brigar.

— Pois comigo nunca se meteram.

— Uma dupla de amigos estava para lhe dar uma surra faz apenas alguns minutos.

— É mesmo?

— Eu devia ter deixado.

— Não creio que isso fizesse grande diferença — disse o professor MacWalsey, com aquela sua estranha maneira de falar. — Mas se minha presença aqui incomoda tanto assim a você, posso ir embora.

— Não — respondeu Richard Gordon. — Até acho graça estar perto de você.

— É mesmo? — disse o professor MacWalsey.

— Já foi casado? — perguntou Richard Gordon.

— Já.

— O que aconteceu?

— Minha mulher faleceu durante a epidemia de gripe em 1918.

— Por que quer tornar a se casar agora?

— Penso que agora talvez me adapte melhor ao casamento. Creio que agora serei um marido melhor.

— E para isso escolheu minha mulher...

— Sim — disse o professor MacWalsey.

— Seu maldito! — exclamou Richard Gordon, socando-o no rosto.

Alguém agarrou seu braço. Ele conseguiu se soltar, mas foi atingido violentamente por trás da orelha. Podia ver o professor MacWalsey à sua frente, imóvel no bar, com o rosto vermelho e os olhos piscando. Estava apanhando outra cerveja para substituir a que Gordon havia derramado. Richard Gordon recuou o braço para dar-lhe outro soco, e nisso algo explodiu por trás de sua orelha, fazendo todas as luzes brilharem fortemente, em seguida girarem e, então, se apagarem.

Voltou a si de pé, na porta do Freddy’s. Sua cabeça zunia e o salão repleto parecia instável, girando ligeiramente. Sentia-se nauseado. Reparou que a multidão o observava. O jovem de ombros largos estava de pé junto a ele.

— Ouça — dizia ele. — Não vai começar nenhum barulho aqui. Já temos brigas suficientes com todos esses bêbados.

— Quem bateu em mim? — perguntou Richard Gordon.

— Fui eu mesmo — disse o jovem de ombros largos. — Aquele camarada é um freguês habitual daqui. Tenha calma, vai ser muito ruim para você se arrumar uma briga aqui dentro.

Richard Gordon cambaleava, quando viu o professor MacWalsey aproximar-se, afastando-se do bar cheio de gente.

— Sinto muito — disse ele. — Não queria que ninguém o ferisse. Não o condeno por sentir-se desse jeito.

— Maldito! — exclamou Richard Gordon, avançando contra ele. E foi essa a sua última lembrança, porque o jovem posicionou-se, descendo os ombros ligeiramente e o esmurrou de novo, fazendo-o cair, desta vez com o rosto contra o chão de cimento. O jovem robusto voltou-se para o professor MacWalsey e disse em tom temporizador:

— Está tudo bem, doutor. Ele não vai aborrecer mais o senhor. Que aconteceu com ele?

— Preciso levá-lo para casa — respondeu o professor MacWalsey. — Ele ficará bom?

— Claro!

— Ajude-me a colocá-lo num táxi — pediu o professor.

Levaram Richard Gordon para fora e, com o auxílio do motorista de um táxi, colocaram-no num velho Ford modelo T.

— Tem certeza de que ele ficará bom? — perguntou o professor MacWalsey.

— É só dar um bom puxão de orelhas nele, com força, quando quiser que acorde. E jogue um pouco de água no rosto dele. Cuidado, ele pode querer brigar quando voltar a si. Não o deixe agarrá-lo, doutor.

— Não se preocupe — disse o professor MacWalsey.

A cabeça de Richard Gordon descansava num ângulo estranho no banco traseiro do táxi e sua respiração fazia um ruído pesado e áspero. O professor MacWalsey colocou o braço sob sua cabeça e segurou-a, para que não sacudisse contra o assento.

— Para onde vamos? — perguntou o motorista do táxi.

— Saia pelo outro extremo da cidade — disse o professor MacWalsey. Passe pelo parque e desça por aquela rua onde fica a peixaria de tainhas.

— Ah! A Rocky Road — disse o motorista.

— Essa mesma — disse o professor MacWalsey.

Ao passarem pelo primeiro café no alto da rua, o professor MacWalsey mandou o motorista parar. Desejava entrar e comprar cigarros. Descansou cuidadosamente a cabeça de Richard Gordon sobre o assento e entrou no café. Quando voltou para o táxi, Richard Gordon havia desaparecido.

— Para onde ele foi? — perguntou ao motorista.

— Rua acima — respondeu o motorista.

— Alcance-o.

Quando o táxi parou junto a Richard Gordon, o professor saltou. Gordon estava estirado na calçada.

— Vamos, Gordon — disse ele. — Vamos para casa.

Richard Gordon fitou-o:

— Nós dois? — disse ele, cambaleando.

— Pretendo levá-lo para casa neste táxi.

— Vá para o inferno.

— Queria que você viesse comigo — disse o professor MacWalsey. — Desejo que você chegue em casa com segurança.

— Onde está seu bando? — perguntou Richard Gordon.

— Que bando?

— O que me espancou.

— Foi aquele leão de chácara. Eu não sabia que ele ia bater em você.

— Está mentindo — disse Richard Gordon, e tentou atingir com um soco o homem de rosto vermelho que tinha à sua frente, mas errou o alvo. Então, deslizou para a frente sobre os joelhos e levantou-se lentamente. Seus joelhos estavam arranhados pelo tombo na calçada do Freddy’s, mas não sabia disso. — Vamos lutar — disse ele, com voz trôpega.

— Não entro em brigas — respondeu o professor MacWalsey. — Se vier para o táxi, eu o deixarei em sua casa.

— Vá para o inferno — disse Richard Gordon. A seguir, virou-se e começou a descer a rua.

— Deixe-o ir — aconselhou o motorista do táxi. — Ele já está bem.

— Acha mesmo?

— Que diabo — disse o motorista. — Ele está ótimo.

— Estou preocupado com ele — disse o professor MacWalsey.

— Não poderá levá-lo sem brigar com ele — comentou o motorista. — Deixe-o ir. Ele está muito bem. É seu irmão?

— De certa maneira — respondeu o professor MacWalsey.

Ele ficou observando Richard Gordon embrulhar os passos rua abaixo, até perdê-lo de vista sob a sombra das grandes árvores, cujos ramos fincavam-se no terreno como se fossem raízes. O que pensava ao observar Richard Gordon não era nada agradável. “É um pecado mortal”, pensava ele, “um pecado grave e mortal, além de uma grande crueldade. Embora tecnicamente nossa religião possa permitir um arranjo adequado, não posso perdoar a mim mesmo. Por outro lado, um cirurgião não pode desistir de uma operação apenas pelo temor de machucar o paciente. No entanto, por que deverão todas as operações na vida ser realizadas sem anestésicos? Se eu fosse um homem melhor, teria deixado que ele batesse em mim. Ia fazer bem a ele. Pobre coitado! Pobre-diabo sem lar! Devia ter ficado a seu lado, mas sei que isso seria demais para ele suportar.”

“Estou envergonhado, desgostoso comigo mesmo, e odeio o que fiz. Sem levar em conta que tudo pode acabar não dando certo... Entretanto, não devo pensar assim. Voltarei ao anestésico que usei durante dezessete anos e de que não devo necessitar por muito tempo. Embora provavelmente se trate de um vício para o qual apenas invento desculpas. Mas de qualquer forma é um vício ao qual eu me adaptei. Ainda assim, queria poder auxiliar aquele pobre homem a quem estou prejudicando...”

— Leve-me de volta para o Freddy’s — ordenou ao motorista.



O barco da guarda costeira que rebocava o *Queen Conch* estava descendo o estreito canal entre os recifes e as Keys. A pequena embarcação oscilava com as ondas suaves formadas pelo vento norte que soprava contra a maré alta, mas o barco branco vinha sendo rebocado sem problemas.

— Vai correr tudo bem, se não ventar — disse o capitão da guarda costeira. — Está vindo que é uma beleza. Aquele Robby constrói barcos muito bons. Você conseguiu compreender alguma coisa do que o sujeito estava dizendo?

— Não era coisa com coisa — respondeu o ajudante. — Ele está delirando.
 — Acho que não vai escapar — comentou o capitão. — Um tiro feio na barriga... Acha que foi ele quem matou aqueles quatro cubanos?
 — Não dá para dizer, eu perguntei, mas ele não entendeu. Que tal a gente tentar conversar com ele de novo?
 — Vamos dar outra olhadela nele — sugeriu o capitão.

Deixando o contramestre no leme seguindo as boias canal abaixo, os dois foram da cabina de comando até a do capitão. Harry Morgan estava lá, deitado sobre o catre de canos de ferro. Seus olhos estavam fechados, mas ele os abriu quando o capitão lhe tocou os ombros largos.

— Como se está sentindo, Harry? — perguntou o capitão.
 Harry olhou para ele sem responder.
 — Quer alguma coisa, rapaz? — perguntou o capitão.

Harry Morgan fitou-o.
 — Ele não está ouvindo — disse o ajudante.
 — Harry — disse o capitão —, podemos fazer alguma coisa por você, rapaz?

Ele molhou uma toalha na garrafa de água que se encontrava sobre a mesa à prova de balanço ao lado da cama e umedeceu os lábios de Harry Morgan. Estavam secos e escurecidos. Olhando direto no rosto dele, Harry começou a falar:

— Um homem — disse ele.
 — Muito bem — disse o capitão. — Continue!
 — Um homem — repetiu Harry Morgan, vagarosamente — não tem não consegue não é capaz na verdade não existe saída...
 Ele se calou. Mas, ao falar, seu rosto não exibia expressão alguma.
 — Vamos, Harry! — insistiu o capitão. — Conte para a gente quem fez isso. Como foi que aconteceu, rapaz?
 — Um homem — disse Harry, olhando agora para o capitão com seus olhos estreitos naquele rosto largo e de maçãs salientes, esforçando-se agora para lhe dizer o que queria.
 — Quatro homens — disse o capitão, tentando ajudar.

Ele umedeceu então, novamente, os lábios de Harry, apertando a toalha a fim de que algumas gotas passassem entre eles.
 — Um homem — corrigiu Harry, detendo-se em seguida.
 — Está bem. Um homem — concordou o capitão.
 — Um homem — repetiu Harry num tom impessoal, muito devagar, falando com a boca seca. — Do jeito que estão, as coisas do jeito que correm, seja o que for nada...
 O capitão olhou para o ajudante, balançando a cabeça.
 — Quem fez isso, Harry? — perguntou o ajudante.
 Harry olhou-o no rosto.
 — Não se iluda — disse Harry.

O capitão e o ajudante inclinaram-se sobre ele. Parecia que estava se reanimando.
 — É o mesmo que tentar uma ultrapassagem no alto de uma lombada. Naquela estrada de Cuba... em qualquer estrada... em qualquer parte. É isso mesmo! Eu sei que as coisas são assim. Digo, é como são as coisas. Por algum tempo, sim, claro, tudo parecia muito bem. Talvez desse certo. Um homem...

Interrompeu-se outra vez. O capitão balançou de novo a cabeça para o ajudante. Harry Morgan olhou para ele com uma expressão vazia. O capitão tornou a umedecer os lábios dele, que deixaram na toalha uma marca sangrenta.

— Um homem — repetiu Harry, olhando para ambos. — Um homem sozinho não pode. Nenhum homem sozinho...

Após uma pausa, acrescentou:
 — Não importa como, mas um único homem não tem merda de chance nenhuma.
 Harry fechou os olhos. Fizera grande esforço para botar aquilo para fora, e levava toda a vida para compreendê-lo. Ele ficou imóvel, com os olhos novamente abertos.
 — Vamos — disse o capitão ao ajudante. — Tem certeza de que não quer nada, Harry?
 Harry Morgan olhou-o, mas não respondeu. Já lhes explicara tudo, mas eles não tinham entendido.

— Daqui a pouco voltaremos — disse o capitão. — Fique calmo, garoto.

Harry Morgan ficou a olhá-los quando saíram da cabina.

Na frente, na casa do leme, vendo a escuridão baixar, e a luz do Sombbrero que começava a correr pelo mar, o ajudante disse:

— Ele dá nos nervos da gente, delirando daquele jeito.

— Pobre coitado! — disse o capitão. — Bem, daqui a pouco estaremos chegando. Ele vai estar recebendo cuidados logo depois da meia-noite. Se não tivermos que retardar a marcha por causa do reboque.

— Acha que ele vai resistir?

— Não — respondeu o capitão. — Mas quem pode garantir?



Havia muita gente na rua escura que se estende além dos portões de ferro que fecham a entrada da antiga base de submarinos, transformada agora em marina. O vigia cubano tinha ordem de não deixar entrar ninguém, e a multidão comprimia-se contra a cerca para olhar pelas grades, tentando distinguir algo no espaço escuro, iluminado ao longo da água pelas luzes dos iates atracados nos molhes do cais. A multidão mantinha-se silenciosa, como só acontece com aquela gente de Key West. Mas os dois iatistas abriram caminho empurrando e se acotovelando, passando pelo portão e pelo guarda.

— Ei! Ninguém pode entrar — disse o guarda.
 — Mas que diabo! Nosso barco está aí dentro!
 — Ninguém pode entrar — repetiu o guarda. — Voltem.
 — Não seja estúpido! — disse um dos iatistas, empurrando o guarda para um lado a fim de subir pelo caminho que levava até a doca.

Por trás deles amontoava-se a multidão do lado de fora dos portões, onde o pequeno guarda permanecia constringido e agoniado, com seu boné, seu longo bigode e sua autoridade desobedecida, desejando que lhe tivessem dado uma chave para fechar o grande portão. Quando os homens do tal iate avançaram a grandes passadas pela íngreme subida à sua frente, viram, de relance, um grupo de homens esperando no molhe da guarda costeira. Não prestaram atenção ao grupo, mas continuaram caminhando ao longo da doca, passaram pelos locais onde estavam atracados os outros iates e chegaram até onde um pranchão se estendia, sob a claridade de um holofote, desde o cais de madeira bruta até o convés de teca do *New Exuma II*. Na cabine principal, sentaram-se em grandes cadeiras de couro, ao lado de uma mesa sobre a qual se espalhavam revistas. Um deles tocou a campainha para chamar o camareiro.

— Uísque com soda — disse ele. — E você, Henry?
 — O mesmo — disse Henry Carpenter.
 — Quem será que botou aquele cretino lá na entrada?
 — Não tenho a menor ideia — respondeu Henry Carpenter.
 O camareiro, com sua jaqueta branca, trouxe dois copos.
 — Bote para tocar um daqueles discos que separei depois do jantar — disse o dono do iate, que se chamava Wallace Johnston.
 — Acho que já os guardei, senhor — respondeu o camareiro.
 — Seu desgraçado! — exclamou Wallace Johnston. — Toque então aquele novo álbum de Bach.
 — Pois não, senhor.

O camareiro foi até o armário de discos e tirou um álbum, que levou para a vitrola. Começou pondo para tocar a *Sarabanda*.
 — Viu Tommy Bradley hoje? — perguntou Henry Carpenter. — Eu o vi quando o avião chegou.
 — Não aguento aquele sujeito — respondeu Wallace. — Nem ele nem aquela puta da mulher dele.
 — Gosto de Hélène — disse Henry Carpenter. — Ela é tão divertida!
 — Já experimentou, então?
 — Claro! Ela é ótima!
 — Mas eu é que não ia querer nada com ela, nem que me pagassem — afirmou Wallace Johnston. — Pelo amor de Deus, por que ela veio morar aqui?
 — Eles têm uma casa adorável.
 — Bem, aqui é mesmo uma marina bem jeitosa e limpa — disse Wallace Johnston. — É verdade que Tommy Bradley é impotente?
 — Não creio. Você sabe que dizem isso a respeito de todo mundo. Ele apenas tem um espírito aberto.
 — Espírito aberto, essa é boa! Já ela deve ter tudo aberto.
 — É uma mulher extraordinária — disse Henry Carpenter. — Você gostaria dela, Wally.
 — Não gostaria — garantiu Wallace. — Ela representa tudo o que odeio numa mulher e Tommy Bradley reúne tudo o que odeio num homem.
 — Puxa! Como você está azedo esta noite!
 — Você nunca se sentirá assim porque não leva nada a sério — disse Wallace Johnston. — Não se define, nem mesmo sabe o que é.
 — Não me ponha na roda — disse Henry Carpenter, acendendo um cigarro.
 — Por que não?

— Bem, um dos motivos é que estou com você aqui neste seu maldito iate, e pelo menos metade do tempo atendo a todos os seus desejos. Isso evita que você seja chantageado pelos condutores de ônibus, marinheiros e outras pessoas que sabem o que são e o que você é.
 — Você é que está de mau humor! — disse Wallace Johnston. — Sabe que nunca paguei a nenhum chantagista.
 — Não. Mas só porque é um pão-duro. Em vez disso, tem amigos como eu.
 — Não tenho qualquer outro amigo que seja como você.
 — Não me venha com charme — disse Henry. — Não estou com saco para isso esta noite. Continue tocando Bach, chateie seu garçom, beba até capotar, e depois vá para a cama.

— Que bicho mordeu você? — perguntou o outro, levantando-se. — Por que está tão desagradável assim? Você não é nenhuma maravilha, sabia?

— Sabia — respondeu Henry. — Provavelmente estarei muito alegre amanhã, mas esta noite está péssima. Você nunca notou que as noites têm diferenças, notou? Acho que gente muito rica não consegue notar qualquer diferença entre elas.

— Você está falando como uma garota de colégio.

— Boa-noite — disse Henry Carpenter. — Não sou garota de colégio, nem garoto de colégio. Vou para a cama. Tudo vai estar miseravelmente alegre amanhã de manhã.

— Quanto perdeu hoje? É o que está amargurando você?

— Foram trezentos.

— Está vendo? Não lhe disse que era isso?

— Você sempre tem razão, não é?

— Mas é isso! Você perdeu trezentos...

— Perdi mais do que isso.

— Quanto mais?

— No çaça-níqueis — disse Henry Carpenter. — Sempre o çaça-níqueis. Estou jogando numa máquina que não me deixa ganhar. Só descobri isso esta noite. Geralmente, não esquento a cabeça. Agora vou me deitar para não enchê-lo mais.

— Você não me chateia. Basta que deixe de grossura.

— Receio que eu seja mesmo um grosso... e que você me encha a paciência. Boa-noite. Amanhã tudo estará maravilhoso.

— Está vendo só? Hoje você está grossíssimo!

— É pegar ou largar — disse Henry. — Estive fazendo as duas coisas durante toda a minha vida.

— Boa-noite — disse Wallace Johnston, em tom conciliador.

Henry Carpenter não respondeu. Estava ouvindo Bach.

— Não vá para a cama nesse estado — disse Wallace Johnston. — Por que ficar tão temperamental de repente?

— Não me chateie!

— Por quê? Eu já o vi nesse estado mais de uma vez.

— Deixe disso.

— Tome um gole e anime-se.

— Não quero beber, e a bebida não me animaria.

— Está bem, então vá para a cama.

— Estou indo — disse Henry Carpenter.

Foi isso o que aconteceu aquela noite no *New Exuma II*, com sua tripulação de doze homens, comandados pelo capitão Nils Larson, mestre, e levando a bordo Wallace Johnston, seu proprietário, de trinta e oito anos, bacharel por Harvard, compositor, herdeiro de uma tecelagem de seda, solteiro, *interdit de séjour* em Paris, figura bastante conhecida desde Argel até Biskra, e seu hóspede, Henry Carpenter, de trinta e seis anos, também bacharelado por Harvard, recebendo agora duzentos dólares por mês de um fundo de investimentos deixado por sua mãe e que rendia antes quatrocentos e cinquenta dólares por mês, até que o banco, que administrava uma boa carteira de ações, a trocar por outra, em seguida por uma carteira não tão boa e finalmente por um investimento num edifício comercial que o banco fora forçado a receber em pagamento, e que não rendia nada. Muito antes dessa redução de rendimentos, já se dizia de Henry Carpenter que, se fosse lançado de uma altura de dois mil metros, sem paraquedas, aterroria a salvo, com os joelhos no chão, sob a mesa de algum homem rico. Mas sabia escolher boas companhias para seu divertimento e, embora apenas recentemente — e muito raramente — se tivesse sentido ou manifestado como nesta noite, seus amigos já vinham notando há algum tempo que ele estava decaindo. Se não tivessem notado que estava decaindo, com aquele instinto natural que os ricos têm para perceber logo que algo está errado com um dos membros do grupo, levando-os a afastá-lo, se for impossível destruí-lo, não teria aceitado a hospitalidade de Wallace Johnston. No pé em que estavam as coisas, porém, Wallace Johnston, com seus prazeres bastante especiais, era a última chance de Henry Carpenter, e a defendia melhor do que pensava, apesar de seu sincero desejo de terminar aquele relacionamento; sua subsequente agressividade e a insegurança de postura intrigavam e seduziam o outro, que, em vista da idade de Henry Carpenter, poderia facilmente sentir-se entediado diante de uma constante complacência. Dessa maneira, Henry Carpenter adiou seu previsível e inevitável suicídio por um período de semanas, se não de meses.

A quantia com a qual considerava que não valia a pena viver era cento e setenta dólares a mais por mês do que o salário com que o pescador Albert Tracy vinha sustentando a família por ocasião de sua morte, três dias antes.

A bordo dos demais iates atracados nos molhes, havia outras pessoas com problemas diversos. Em uma das embarcações maiores, um belo bergantim preto de três mastros, um corretor de cereais de sessenta anos de idade estava em seu beliche, acordado, preocupado com o relatório que recebera de seu escritório a respeito das atividades dos investigadores do Departamento de Imposto sobre a Renda. Habitualmente, a essa hora da noite, já teria acalmado suas preocupações com algumas doses de bom uísque e atingido aquele estado em que estaria se sentindo tão forte e despreocupado em relação aos problemas e suas consequências quanto qualquer dos velhos “irmãos da Costa”, os bucaneiros, com os quais tinha realmente muito em comum, tanto pelo caráter como pelos padrões de conduta. Seu médico, porém, proibira-lhe qualquer bebida durante um mês, durante três meses para ser exato, alegando que a bebida o mataria se não a deixasse de lado pelo menos durante esse período. Diante disso, resolvera fazer abstinência por um mês, e estava agora preocupado com o telefonema que recebera do departamento, antes de deixar a cidade, perguntando-lhe exatamente para onde ia, e se pretendia deixar as águas costeiras dos Estados Unidos.

Vestido de pijama, estava agora deitado em sua larga cama, com dois travesseiros sob a cabeça, a luz de leitura acesa. No entanto, não conseguia manter a atenção no livro, o relato de uma excursão às ilhas Galápagos. Mesmo nos velhos tempos, nunca trazia mulheres para aquela cama. Ele ia até as cabinas delas e em seguida voltava para aquela cama. Aquela era a sua cabina, tão particular quanto seu escritório. Jamais quisera permitir a entrada de uma mulher ali. Quando queria uma mulher, ia até a cabina dela, e quando acabava, estava acabado. Agora, que estava acabado para sempre, seu cérebro possuía a mesma frieza de raciocínio que, nos velhos tempos, o dominava como consequência natural. Estava deitado agora, sem aquela tontura gentil, já que lhe fora negada toda a coragem química que lhe acalmara o espírito e aquecera o coração durante tantos anos, e perguntando-se o que teria conseguido o fisco, o que teria encontrado e o que iria escarafunchar, o que aceitaria como normal e o que interpretaria como sonegação. Não estava com medo deles, apenas os odiava, bem como o poder que às vezes usavam de modo tão insolente que sua própria insolência, tão dura, acalentada, inflexível e duradoura — a única coisa permanente que conquistara e tinha valor real — seria corroída, e, se por acaso se deixasse dominar pelo medo, até mesmo destruída.

Não se voltava para qualquer abstração, mas para negócios, vendas, transferências e lucros. Pensava em ações, fardos, milhares de centímetros cúbicos, opções, companhias de títulos, trustes e corporações subsidiárias. Pensando nisso tudo, compreendia que o fisco teria muita chance de perturbar sua paz durante anos. Se não aceitassem um acordo, seria muito mau. Nos velhos tempos, não se teria preocupado, mas o lado combativo que possuía estava agora esgotado, assim como aquela outra área de seu corpo. Estava agora absolutamente sozinho diante de tudo isso, e se via estirado na velha, grande e larga cama, sem poder ler nem dormir.

Sua mulher divorciara-se dele dez anos antes, após terem mantido as aparências durante vinte anos. Nunca sentira a sua falta, assim como jamais a amara. Ele começou tudo com o dinheiro dela, que também lhe tinha dado dois filhos homens, ambos tão idiotas quanto ela. Tratara-a bem até quando o dinheiro que ganhara com o capital inicial se tornara o dobro do dela, e em seguida pôde dar-se ao luxo de ignorá-la. Depois de sua fortuna ter chegado àquele ponto, nunca mais se preocupou com as dores de cabeça, as queixas e os planos que ela mencionava. Simplesmente ignorou-os.

Havia sido dotado admiravelmente para uma carreira baseada na especulação, pois possuía a extraordinária vitalidade sexual que lhe dava a confiança necessária para jogar bem; além de bom senso, excelente pendor matemático e um ceticismo constante mas controlado, tão sensível ao desastre iminente quanto um acurado barômetro o é à pressão atmosférica; e uma valiosa noção de oportunidade que não o levava a tentar atingir níveis muito altos ou muito baixos. Tudo isso, aliado a uma falta de moral, uma habilidade em fazer com que os outros o apreciassem, sem a contrapartida de apreciá-los ou de confiar neles, convencendo-os ao mesmo tempo de que sua amizade era calorosa e sincera; não desinteressada, mas uma amizade bastante interessada pelo êxito dos outros, a ponto de automaticamente transformá-los em cúmplices; e uma incapacidade de sentir remorso ou piedade, tudo isso o conduziu à situação em que se via. E lá estava ele agora, deitado com seu pijama de seda listrada que lhe cobria o peito murcho e a pequena barriga inchada, seus órgãos genitais que já haviam sido motivo de orgulho e agora eram inúteis e desproporcionalmente grandes, suas pernas pequenas e flácidas. E lá estava ele deitado numa cama, incapaz de dormir, porque finalmente o remorso começara a dominá-lo.

O remorso que sentia era ao pensar no que poderia ter acontecido se não tivesse sido tão esperto cinco anos antes. Poderia ter pagado os impostos naquela época sem qualquer fraude. Se os tivesse pagado, então, hoje estaria sem problemas. Ficou deitado, portanto, pensando naquilo, e finalmente dormiu; mas, como o remorso já havia encontrado o caminho de entrada e começara a aprofundar-se,

não sabia realmente que estava dormindo, pois seu cérebro mantinha-se trabalhando como se ele ainda estivesse acordado. Assim, não teria descanso algum e, na sua idade, não demoraria muito tempo para que aquilo acabasse liquidando com ele.

Ele costumava dizer que apenas os tolos se preocupavam e, agora, evitava preocupar-se, enquanto não chegasse ao ponto de não conseguir mais dormir. Podia evitar preocupações, e até dormir, mas, logo em seguida, o fantasma surgiria. E, na idade em que estava, sua tarefa seria fácil.

Não precisava preocupar-se com o que fizera aos outros, nem com o que lhes acontecera por causa dele, nem sobre como haviam terminado; que se danassem aqueles que se haviam mudado de boas casas à beira do lago para aceitar pensionistas em Austin, e cujas filhas mocinhas eram agora secretárias de dentistas, isso quando tinham a sorte de arranjar emprego; ou aqueles que terminaram como vigias noturnos aos sessenta e três anos, depois daquela última empreitada; aqueles que certa manhã, antes do café, meteram uma bala na cabeça e foram encontrados por seus filhos numa sangueira danada; aqueles que, agora, andavam de metrô para ir trabalhar só quando havia trabalho, vendendo primeiro ações, em seguida automóveis e depois utilidades domésticas — “não queremos mascates por aqui”, “dê o fora logo” —, a porta batendo em suas caras até encontrarem uma variação sobre o jeito que seu pai deu de acabar com tudo, pulando de um quadragésimo segundo andar, sem qualquer ruflar de penas, como uma águia que cai, assim como optando por um passo à frente diante de um trem, com o bolso do capote cheio de quinquilharias impossíveis de vender, como batedores de ovos e espremedores de frutas.

“Deixe-me demonstrar-lhe, minha senhora. A senhora prende-o aqui, aperta este pequeno parafuso. Agora, veja.” “Não, não quero...!” “Experimente um.” “Já disse que não quero. Suma daqui!”

Assim, eles voltavam para aquelas calçadas cercadas de casas, de pátios vazios e árvores nuas, ao longo da qual ninguém desejava comprar aqueles bagulhos, nem nenhum outro, e andavam trôpegos até os trilhos da estrada de ferro.

Alguns decolavam para o seu voo duma janela de um prédio de apartamentos ou de escritórios; outros preferiam uma maneira silenciosa, numa garagem para dois carros, com o motor funcionando; alguns se valiam da tradição americana do Colt ou do Smith and Wesson, esses instrumentos tão bem fabricados, que eliminam insônia, fazem cessar o remorso, curam câncer, evitam falências e, com a simples pressão de um dedo, abrem uma porta de fuga de posições intoleráveis; esses admiráveis instrumentos americanos, tão fáceis de ser transportados, tão eficientes em seus resultados, tão bem concebidos para acabar com o sonho americano quando ele se transforma em pesadelo, e que têm como único inconveniente a sujeira que criam para os parentes limparem.

Os homens a quem ele arruinara haviam recorrido a essas diversas saídas, mas isso nunca o preocupara. Alguém tinha de perder e só os idiotas se preocupam com isso.

Não, ele não perderia tempo com esses homens nem com os subprodutos da especulação bem-sucedida. Alguém vence, alguém tem de perder, e somente os idiotas esquentam a cabeça.

Era-lhe suficiente imaginar como teria sido melhor se não tivesse bancado o esperto cinco anos antes. Dentro de pouco tempo, na sua idade, o desejo de modificar o que não podia mais ser desfeito abriria nele uma brecha para a entrada das preocupações. Somente os idiotas se preocupam. Ele poderia eliminar as preocupações se tomasse um uísque com soda. Para o diabo o que lhe recomendara o médico! Tocou a campainha e o camareiro entrou, sonolento. Ao tomar sua bebida, o especulador se sentiu acima do bem e do mal, não fosse a inevitabilidade da morte.

Enquanto isso, no iate ao lado, uma família agradável, mas chata e absolutamente certinha, estava adormecida. A consciência do pai não lhe pesava, e ele dormia profundamente, de lado, com o quadro de um veleiro enfrentando uma tempestade em uma bela moldura colocado por cima de sua cabeça, com as luzes de cabeceira acesas e um livro caído ao lado da cama. A mãe também dormia tranquila e sonhava com seu jardim. Tinha cinquenta anos, mas era uma mulher ainda bonita, saudável e bem formada de corpo, que parecia atraente enquanto dormia. A filha sonhava com o noivo, que chegaria no dia seguinte, de avião, agitava-se em seu sono, ria de alguma coisa com que sonhava sem acordar, erguia os joelhos quase até o queixo, enrolava-se como um gato, com o cabelo encaracolado e seu rosto bonito e sua pele macia. Dormindo, parecia-se com a mãe quando esta era uma mocinha.

Constituíam uma família feliz, em que todos se amavam uns aos outros. O pai era um homem de grande posição social e de muitas boas ações, que se opunha à proibição de bebidas, não tinha intolerâncias, era generoso, simpático, compreensivo e quase nunca se irritava. A tripulação do iate era bem paga, bem alimentada e tinha bons alojamentos. Todos os tripulantes tinham no melhor conceito o proprietário, bem como sua mulher e filha. O noivo era membro de uma fraternidade universitária, tendo enorme probabilidade de vencer na vida, votado como o mais popular pelos colegas, um rapaz que ainda pensava mais nos outros do que em si próprio e seria bom demais para qualquer garota que não fosse tão adorável como Frances. Talvez até fosse algo bom em excesso para a Frances também, mas transcorreriam anos antes que Frances pudesse descobrir isso e, se tivesse sorte, é possível que nunca chegasse a saber. O tipo de homem adequado àquela fraternidade raramente é também adequado para a cama; com uma mocinha tão adorável como Frances, porém, a intenção vale tanto quanto o desempenho.

Fosse como fosse, todos dormiam muito bem. Mas de onde vinha o dinheiro para que fossem tão felizes, o dinheiro que gastavam de maneira tão elegante e graciosa? O dinheiro vinha da venda de algo que todos consumiam aos milhões de garrafas, cujo custo de produção era de três centavos por garrafa, mas era vendido a um dólar por garrafa de tamanho grande, a cinquenta centavos a de tamanho médio e um quarto de dólar a menor. Era mais econômico, porém, comprar a de tamanho grande e, para quem ganhava dez dólares por semana, o preço era exatamente igual ao que se cobraria de um milionário, além de o produto ser realmente bom. Produzia exatamente o efeito anunciado, e ainda mais. Consumidores agradecidos, de todo o mundo, escreviam cartas contando como haviam descoberto novos usos, e os antigos consumidores eram tão leais ao produto como Harold Tompkins, o noivo, o era para com a sua fraternidade, a Caveira Pirata, ou Stanley Baldwin para com Harrow. Não havia motivos para suicídios quando o dinheiro era ganho daquela maneira, e todos podiam dormir sossegadamente a bordo do iate *Alzira III*, tendo como mestre Jon Jackson, uma tripulação de quatorze homens, proprietário e família a postos.

No molhe número quatro havia um iate de dois mastros, de trinta e quatro pés, com dois dos trezentos e vinte e quatro estonianos que vivem navegando pelas diversas partes do mundo, em barcos de vinte e oito a trinta e seis pés de comprimento, escrevendo longos artigos para os jornais estonianos. Esses artigos eram muito populares na Estônia e rendiam a seus autores de um dólar a um dólar e meio por coluna. Ocupavam o lugar que nos jornais americanos se destinava às notícias de beisebol ou futebol e eram publicados sob o título geral de *Sagas de nossos intrépidos viajantes*. Nenhum bom ancoradouro de iates nas águas do sul podia ser completo sem ter pelo menos dois estonianos, queimados pelo sol e com os cabelos manchados pelo sal, esperando um cheque como pagamento de seu último artigo. Quando o cheque chegava, navegavam para outra marina e escreviam outra saga. Eram também muito felizes. Quase tão felizes quanto a gente do *Alzira III*. É muito bom ser um *intrépido viajante*!

No *Irydia IV* dormem um genro profissional de pessoas muito ricas e sua amante Dorothy, esposa do bem pago diretor de Hollywood, John Hollis, cujo cérebro está em processo de sobreviver a seu fígado, de tal forma que ele terminará por se considerar comunista a fim de salvar sua alma, seus demais órgãos estando demasiadamente corroídos para que possam ser salvos. O genro, forte e de bela aparência, como um modelo de publicidade, está deitado de costas, roncando, mas Dorothy Hollis, a esposa do diretor, está acordada. Veste um penhoar e, saindo para o convés, fica olhando por sobre a água escura do ancoradouro até a linha formada pelo quebra-mar. Faz frio no convés e o vento sopra seus cabelos, que ela arruma para trás, afastando-os de sua testa bronzeada. Apertando o penhoar ao redor do corpo, com seus mamilos rijos por causa do frio, nota as luzes de um barco que se aproxima ao longo do quebra-mar. Observa-o movendo-se firme e rapidamente, olha em seguida para a entrada do ancoradouro, onde o farol do barco é aceso e corta a água numa faixa que a ofusca ao passar, apanhando em seguida o molhe da guarda costeira, onde ilumina um grupo de homens que esperam, e a carroceria negra e brilhante do novo rabecão do estabelecimento funerário, que nos enterros serve também como carro fúnebre.

“Talvez eu devesse tomar um pouco de luminal”, pensa Dorothy. “Preciso dormir um pouco. O pobre Eddy está bêbado como gambá. Estar aqui significa tanto para ele e ele é tão agradável, mas fica tão bêbado que vai diretamente para a cama. Só que é um doce! Mas é bem provável que, se tivesse me casado com ele, estaria procurando alguma outra por aí. Mas ele é tão legal! Pobre querido, está tão bêbado. Espero que não se sinta mal demais pela manhã. Preciso dar um jeito nos cabelos e dormir um pouco. Estou com uma cara horrível! Quero ficar bonita para ele. Ele é tão agradável! Gostaria de ter trazido uma criada de quarto. Mas não podia. Nem mesmo Bates. Como estará o pobre John? Oh, ele também é um doce! Espero que esteja melhor, com o diabo daquele fígado. Gostaria de estar lá para cuidar dele. Bem, devo dormir um pouco para não parecer um espantalho amanhã. Eddy é simpático. John também, apesar daquele pobre fígado. Ele tem de dar um jeito nisso. Eddy é tão agradável. Gostaria que não tivesse ficado tão bêbado. Ele é tão grande, divertido, maravilhoso e tudo o mais. Vamos ver se ele não bebe tanto amanhã.”

Ela desceu e caminhou até sua cabina, onde se sentou diante do espelho, começando a dar as cem escovadas noturnas nos cabelos. Sorriu para si própria no espelho, enquanto a escova de longos pelos corria por sua bela cabeleira. “Eddy é simpático. É, sim. Desejaria que não tivesse ficado tão bêbado. Todos os homens têm alguma coisa errada. Olha só o fígado do John. Naturalmente não se pode vê-lo, mas deve estar realmente horrível. Ainda bem que não se pode vê-lo. Mas não existe nada de realmente feio num homem. É engraçado como eles vivem se queixando. Acho que um problema no fígado é coisa bastante séria. Ou nos rins. Ah, adoro rins *en brochette*. Quantos rins existem? Há um par de quase tudo, com exceção do estômago e do coração. E do cérebro, naturalmente. Pronto! Cem escovadas! Gosto de escovar meus cabelos. É talvez a única dessas coisas que faz bem à gente e que é também divertida de fazer. Quero dizer, daquelas que a gente faz sozinha. É, o Eddy é tão simpático! Acho que devia ir à cabina dele. Não, ele está muito bêbado. Pobre rapaz! Vou tomar o luminal.”

Olhou para si própria no espelho. Era extraordinariamente bonita, com um corpo delicado e muito bonito. “É, vou fazer isso”, pensou. “Um pouco de luminal não tem efeito imediato como outros calmantes, mas ainda posso aguentar algum tempo. Só que preciso dormir um pouco. Gosto de dormir. Gostaria de poder dormir um sono tão natural e repousante como quando era criança. Acho que é no que dá crescer, casar, ter filhos, beber muito e fazer tanta coisa que não se deve fazer. Se a gente pudesse dormir bem, creio que nada disso faria mal. A não ser beber demais, talvez. Pobre John e seu fígado, e Eddy. Eddy é mesmo uma doçura, além de ser muito simpático. Bem, é melhor tomar logo o luminal.”

Fez uma careta para sua imagem no espelho.

“Como é, vai ou não vai tomar seu luminal?”, perguntou a si própria, cochichando.

Tomou o luminal com um copo de água da garrafa térmica prateada que estava sobre o criado-mudo.

“Isso mexe com a gente”, pensou. “Mas precisamos dormir. Como seria Eddy, se fôssemos casados? Creio que estaria correndo por aí, atrás de outra mulher mais jovem. Acho que os homens não conseguem fugir à sua natureza, não mais do que nós, mulheres. Acontece apenas que tenho muita necessidade da coisa, e me sinto tão bem, depois... Se faço com algum outro ou com alguém novo, não faz diferença. O importante é aquilo mesmo, e a gente sempre os amaria se eles pudessem fazer tanto quanto queremos. O mesmo homem nos dá tudo o que queremos. Mas acho que eles não são feitos para isso. Desejam sempre algo novo, alguém mais jovem, alguém que não podem ter, ou alguém que se pareça com alguma outra. Se você é morena, desejam uma loura. Se você é loura, correm atrás de alguma ruiva, se você é ruiva, aparece uma outra coisa qualquer. Uma jovem judia, por exemplo. Quando já tiveram bastante de tudo, querem uma chinesa, uma lésbica ou Deus sabe o quê. Eu não sei. Talvez simplesmente se cansem uma hora. Não é possível recriminá-los por serem o que são. Eu não posso fazer coisa alguma pelo fígado de John e pelo fato de ele ficar tão bêbado que não presta para nada. Ele era bom. Era maravilhoso. Era. Era realmente. Mas Eddy é. Agora, porém, está bêbado. Acho que vou acabar me tornando uma puta. Talvez já seja uma puta. Creio que ninguém sabe quando se torna uma puta. Só os nossos melhores amigos nos diriam. A gente não lê isso nos artigos de Walter Winchell. Mas seria uma boa coisa para ele comentar. ‘Putaria... A senhora John Hollis chegou do litoral e já está disponível por aqui.’ Melhor do que anunciar nascimentos. Mais comum também, creio. Mas as mulheres são realmente azaradas. Quanto melhor tratam um homem, e mais demonstram que o amam, mais depressa ele se cansa delas. Creio que os competentes foram feitos para ter muitas mulheres, mas é realmente desgastante a gente tentar ser muitas mulheres ao mesmo tempo, para depois aparecer uma garota qualquer e fisgá-lo, quando ele se cansa de nós. Acho que é por isso que acabamos virando putas, mas de quem é a culpa? As putas levam vantagem, mas é preciso ser realmente uma debiloide para ser uma boa puta. Como Hélène Bradley. É preciso ser idiota, bem-intencionada e realmente egoísta para ser bem-sucedida. Provavelmente já sou uma puta. Dizem que a gente nunca descobre a respeito e sempre acha que não é. Deve haver homens que não se cansam de nós nem daquilo. Deve haver. Mas onde é que estão? Os que conhecemos não foram educados para isso. É melhor nem pensar nisso agora. É, nem pensar... Nem vamos voltar àqueles automóveis e àqueles bailes. Puxa, eu gostaria que o luminal fizesse efeito logo! Maldito Eddy, realmente! Ele não devia mesmo ter ficado tão bêbado. Isso não foi legal. Ninguém pode impedir que sejam como são, mas ficarem bêbados daquela maneira não está nada certo. Creio que sou mesmo uma puta, mas, se eu for me deitar agora e ficar a noite toda sem conseguir dormir, acabo maluca. Se tomar muito remédio, vou passar terrivelmente mal amanhã durante todo o dia. E, às vezes, o luminal não faz a gente dormir. De qualquer forma, vou ficar irritada e nervosa, e me achando horrível. O diabo é que preciso tomá-lo. Odeio fazer isso, mas que jeito posso dar? Que se pode fazer senão continuar a tomá-lo, aconteça o que acontecer? ... Mas como o Eddie é simpático! Não, não é, eu é que sou, é sim, você é adorável, oh, tão adorável. Sim, adorável! Não quero ser, mas sou, sou, sim, de fato. Ele é agradável, não, não é, nem sequer está aqui. Eu estou aqui, sempre estou aqui, sou a única que não pode escapar, não pode, nunca. Sua linda, gracinha. Sou simpática, sou adorável. Sim, você é adorável, e você sou eu. É isso! É assim que são as coisas. Assim, que importa que seja sempre como agora, tudo acabado? Tudo acabado! Está bem. Não me importa. Que diferença faz? Não faz mal que não me sinta arrependida. E não me sinto. Sinto apenas sono e, se acordar, tomarei luminal antes de perder completamente o sono.”

Ela foi dormir, tendo o cuidado, antes de adormecer finalmente, de virar-se de costas, para que seu rosto não ficasse apoiado no travesseiro. Lembrou-se, por mais sonolenta que estivesse, que era muito ruim para o rosto dormir daquela maneira, com a face pressionando o travesseiro.

Havia dois outros iates no porto, mas neles também todos estavam dormindo quando a lancha da guarda costeira chegou trazendo rebocado o barco de Freddy Wallace, o *Queen Conch*, para a marina às escuras, e atracou de lado no molhe da corporação.



Harry Morgan não tomou o menor conhecimento do fato de terem passado uma maca, do cais, e de dois homens, mais abaixo, no convés da pequena embarcação cinzenta, a terem recebido, sob a luz de um holofote colocado do lado de fora da cabina do capitão, enquanto dois outros removiam seu corpo do beliche e saíam, carregando-o com dificuldade, para depô-lo sobre a maca. Estava inconsciente desde a noite anterior e seu corpo grande calcou fundo a lona da maca, quando os quatro homens a ergueram para conduzi-lo ao cais.

- Levantem agora.
- Segure suas pernas. Não o deixe escorregar.
- Levantem.

Eles depuseram a maca sobre o molhe.

- Como está ele, doutor? — perguntou o xerife, enquanto os homens empurravam a maca para dentro da ambulância.
- Está vivo — respondeu o médico. — É tudo o que se pode dizer.
- Esteve delirando ou inconsciente desde que o recolhemos — explicou o ajudante do contramestre que comandava o barco da guarda costeira.

Era um homem baixo e gordo, com óculos que brilhavam à luz do holofote. Seu rosto estava barbado.

— Os corpos dos cubanos ainda estão na lancha — acrescentou. — Não mexemos em nada. Apenas puxamos os dois que tinham ficado meio caídos para fora do barco. Tudo está exatamente como estava. O dinheiro e as armas. Tudo.

- Vamos — disse o xerife. — Pode apontar um holofote para lá?
- Já mandei colocar um no cais — disse o contramestre, afastando-se para ir buscar o holofote e uma corda.
- Vamos — repetiu o xerife.

Então, dirigiram-se para a popa com as lanternas.

- Quero que me mostre exatamente como os encontrou — determinou o xerife. — Onde está o dinheiro?
- Naquelas duas maletas.
- Quanto tem ali?
- Não sei. Abri uma delas e, quando vi que tinha dinheiro, fechei de novo.
- Fez a coisa certa — disse o xerife. — Era o que tinha de fazer.
- Tudo está exatamente como estava, menos os dois corpos que tiramos de cima dos tanques e levamos para a cabina, para que não caíssem para fora. Carregamos também aquele touro grande do

Harry para bordo e o pusemos deitado no meu beliche. Imaginei que fosse morrer antes de chegarmos. Estava mal como o diabo.

- Ele esteve inconsciente todo o tempo?
- No princípio, estava delirando — explicou o comandante. — Mas não pudemos compreender o que dizia. Ficamos ouvindo bastante tempo, mas não fazia sentido. Mais tarde, ficou inconsciente.

Bem, aí está o cenário. Exatamente como estava, com a diferença de que aquele crioulo deitado de lado se encontra no lugar onde estava Harry. Estava no banco por cima do tanque de estibordo, pendurado sobre a amurada, e o outro moreno, aquele ali ao seu lado, estava no outro banco, do lado de bombordo, caído de cara para baixo. Cuidado! Não acenda fósforos. Está tudo cheio de gasolina.

- Devia haver outro corpo — disse o xerife.
- Somente estes aqui. O dinheiro está naquelas maletas. As armas estão exatamente onde as encontramos.
- Acho melhor chamar alguém do banco para testemunhar a abertura das maletas com o dinheiro — sugeriu o xerife.
- OK — disse o comandante. — É uma boa ideia.
- Podemos levar as maletas para meu escritório e lacrá-las.
- Também é uma boa ideia — disse o comandante.

Sob a luz do holofote a pintura verde e branca da lancha tinha uma aparência nova e brilhante, por causa do orvalho no convés e em cima da cabine. Os pontos lascados destacavam-se claramente em sua pintura branca. Na popa, a água apresentava-se verde sob a luz e havia pequenos peixes em torno dos pilares.

Na cabina de comando, os rostos inchados dos homens mortos brilhavam sob a luz, laqueados em marrom nos lugares onde o sangue secara. Havia na cabine cartuchos vazios de .45 ao redor dos mortos e a metralhadora Thompson estava caída na popa, onde Harry a deixara. As duas maletas de couro em que os homens tinham levado o dinheiro para bordo estavam encostadas em um dos tanques de gasolina.

- Pensei que talvez devesse levar o dinheiro para bordo, enquanto estávamos rebocando o barco — explicou o comandante. — Depois, achei melhor deixar tudo como estava, enquanto o tempo permanecesse bom.
- Foi a medida mais correta — aprovou o xerife. — Mas o que aconteceu com aquele outro homem, Albert Tracy, o pescador?
- Não sei. Tudo está como estava, a não ser por aqueles dois cujos corpos mudamos de lugar — disse o comandante. — Todos estão bem arrebatados pelos tiros, com exceção daquele que está deitado de costas sob o leme. Foi atingido na cabeça, por trás. A bala saiu pela frente. Pode ver o estrago que fez.

— Aquele é o tal que tinha uma cara de garoto — comentou o xerife.

— Agora não tem mais cara nenhuma — disse o comandante.

— Aquele grandalhão é o que estava com a metralhadora e matou o advogado Robert Simmons — explicou o xerife. — Que acha que aconteceu? Por que diabo foram todos baleados?

— Devem ter brigado entre si — disse o comandante. — Devem ter tido uma briga sobre a divisão do dinheiro.

— Vamos cobri-los até amanhecer — disse o xerife. — Vou levar aquelas maletas.

Enquanto se encontravam na cabine de comando, uma mulher chegou correndo até o molhe, passando pelo barco da guarda costeira. Atrás dela vinha a multidão. Era uma mulher magra, de meia-idade. Tinha a cabeça descoberta e seu cabelo espesso havia-se desgrenhado, caindo agora até o pescoço, embora ainda estivesse amarrado na ponta. Quando viu os corpos na cabina de comando, começou a gritar. Permaneceu em pé no molhe, gritando, com a cabeça inclinada para trás, enquanto duas outras mulheres seguravam seus braços. A multidão, que havia chegado até bem por trás da mulher, juntou-se então em torno dela, acotovelando-se e olhando para a lancha.

— Maldição! — exclamou o xerife. — Quem deixou aberto o portão? Arranjem logo alguma coisa para cobrir esses corpos, cobertores, lençóis, qualquer coisa. E tirem essa gente daí.

A mulher parou de gritar e olhou para a lancha. Em seguida, lançou a cabeça para trás e começou a gritar de novo.

— Onde o puseram? — perguntou uma das mulheres que estavam a seu lado.

— Onde puseram o Albert?

A mulher que estava gritando silenciou e tornou a olhar para a lancha.

— Ele não está lá — disse ela. — Ei, você! Roger Johnson! — gritou ela para o xerife. — Onde está o Albert? Onde está o Albert?

— Não está a bordo, senhora Tracy — respondeu o xerife.

A mulher tornou a lançar a cabeça para trás e começou a gritar, com as cordas vocais quase rígidas, suas mãos cerradas e seu cabelo agitando-se no ar.

No fundo da multidão havia pessoas empurrando e acotovelando-se para chegarem até junto ao barco.

— Vamos lá! Deixem a gente ver também.

— Parece que vão cobrir os corpos.

Em espanhol, alguém gritou:

— Me deixem passar. Quero ver também. *Hay cuatro muertos. Todos son muertos.* Me deixem ver.

A mulher gritava agora:

— Albert! Albert! Oh, meu Deus! Onde está o Albert?

Ao final do povaréu, dois jovens cubanos que acabavam de chegar e não conseguiam penetrar na multidão recuaram um pouco e, então, tomaram impulso e deram, juntos, um empurrão à frente. A linha fronteira da multidão vacilou e desapareceu-se. Dando um grito, a senhora Tracy e as duas mulheres que a apoiavam inclinaram-se para a frente, mantiveram-se inclinadas para a frente numa desesperada busca de equilíbrio e, enquanto as duas outras mulheres conseguiam milagrosamente manter-se em segurança, a senhora Tracy, ainda gritando, caiu na água esverdeada. O ruído do grito transformou-se num baque e um borbulhar de espuma.

Dois homens da guarda costeira mergulharam na água verde em que a senhora Tracy se debatia, sob a luz do holofote. O xerife inclinou-se sobre a popa e lançou um gancho do barco para a mulher, que finalmente, empurrada pelos dois homens da guarda costeira, subiu para bordo, puxada pelo xerife, e acomodou-se na popa da lancha. Ninguém na multidão fizera qualquer movimento para auxiliá-la, e ela, com as roupas ensopadas, voltou-se para o cais, sacudiu ambos os punhos e gritou:

— Seus filhos da puta!

Olhando então para a cabina, gemeu:

— Albert! Onde está o Albert?

— Não está a bordo, senhora Tracy — confirmou o xerife, apanhando um cobertor para abrigá-la.

— Tente acalmar-se, senhora Tracy. Tente ser corajosa — acrescentou.

— Minha placa — disse a senhora Tracy, em tom trágico. — Perdi minha placa.

— Mergulharemos pela manhã — disse o comandante do barco da guarda costeira. — Pode deixar que a encontraremos.

Os dois tripulantes voltaram para bordo e lá estavam em pé, com as roupas encharcadas.

— Vamos embora — disse um deles. — Estou quase pegando um resfriado.

— Está se sentindo bem, senhora Tracy? — perguntou o xerife, envolvendo-a com o cobertor.

— Bem? — disse a senhora Tracy. — Bem?

Cerrou ambos os punhos, lançou a cabeça para trás e gritou de verdade. A dor da senhora Tracy era maior do que ela podia suportar.

A multidão ouviu-a num silêncio respeitoso. O lamento da senhora Tracy proporcionou o efeito sonoro adequado à visão daqueles bandidos mortos, que estavam sendo agora cobertos com mantas da guarda costeira pelo xerife e um dos policiais, interrompendo assim a visão de uma das maiores cenas que a cidade pudera presenciar desde que o Isleno fora linchado, anos antes, na estrada municipal, e pendurado em seguida num poste telefônico, onde ficou balançando à luz dos faróis de todos os carros que tinham vindo assistir ao espetáculo.

A multidão ficou desapontada quando os corpos foram cobertos, mas, pelo menos, de toda a população da cidade, apenas os que estavam ali haviam visto os mortos. Tinham visto a senhora Tracy cair na água e, antes de entrarem pelo portão, tinham visto Harry Morgan ser levado numa maca para o Hospital Naval. Quando o xerife de novo ordenou-lhes que saíssem da marina, afastaram-se silenciosos e felizes. Sentiam-se mais do que privilegiados.

Enquanto isso, no Hospital Naval, a mulher de Harry Morgan, Marie, e suas três filhas esperavam num banco da sala de recepção. As três meninas choravam e Marie mordida um lenço. Não conseguia chorar desde quase o meio-dia.

— Papai foi baleado no estômago — disse uma das meninas para a outra.

— Que horrível! — respondeu ela.

— Fiquem quietas — ordenou a irmã mais velha. — Estou rezando por ele. Não me atrapalhem.

Marie manteve-se calada e permaneceu imóvel, mordendo o lenço e o lábio inferior.

Depois de algum tempo, o médico saiu da sala de emergência. Marie olhou para ele, e ele balançou a cabeça.

— Posso entrar? — perguntou ela.

— Ainda não — respondeu o médico.

Marie perguntou:

— Ele tem alguma chance?

— Temo que não, senhora Morgan.

— Posso vê-lo?

— Ainda não. Ele está na mesa de cirurgia.

— Oh, meu Deus! — exclamou Marie. — Oh, meu Deus! Vou já levar as meninas lá para casa. Voltarei depois.

Sua garganta ficou de repente tão inchada e fechada, que não lhe era mais possível engolir.

— Vamos, meninas — disse.

As três meninas seguiram-na até o velho carro. Marie entrou, sentou-se no banco do motorista e ligou o motor.

— Como está papai? — perguntou uma das meninas. Marie não respondeu.

— Como está papai, mamãe?

— Não falem comigo — disse Marie. — Não falem comigo!

— Mas...

— Cale a boca, querida — disse Marie. — Cale a boca e reze por ele.

As meninas começaram a chorar.

— Que diabo! — exclamou Marie. — Não chorem desse jeito. Eu disse para vocês *rezarem* por ele.

— Vamos rezar — disse uma das meninas. — Não parei de rezar desde que chegamos ao hospital.

Quando entraram na pavimentação de coral branco e moído da Rocky Road, o farol do carro mostrou um homem caminhando cambaleante.

“Um coitado de um bêbado”, pensou Marie. “Um pobre desgraçado de um bêbado.”

Passaram pelo homem, que tinha sangue no rosto e continuou a caminhar tropeçadamente no escuro, depois que as luzes do carro se afastaram rua acima. Era Richard Gordon, que se dirigia para casa.

Na porta da casa, Marie parou o carro.

— Vão para a cama, meninas — disse. — Vão para a cama.

— Mas, e o papai? — perguntou uma das meninas.

— Não falem comigo — disse Marie. — Pelo amor de Deus, por favor, não me perguntem nada!

Ela manobrou o carro e partiu de volta para o hospital.

Lá chegando, Marie Morgan subiu as escadas correndo. O médico encontrou-a no pórtico, quando ia saindo pela porta corrediça. Estava cansado e ia para casa.

— Nós o perdemos, senhora Morgan — disse o médico.

— Está morto?

— Morreu na mesa de operação.

— Posso vê-lo?

— Pode — disse o médico. — Morreu em perfeita paz, senhora Morgan. Não senti dor alguma.

— Oh, diabo! — exclamou Marie, por cujas faces começaram a correr lágrimas. E ela repetiu: — Oh! Oh! Oh! Oh! Oh!

O médico colocou a mão em seu ombro.

— Não me toque — disse Marie. — Quero vê-lo.

— Vamos — disse o médico.

Ele acompanhou-a pelo corredor e entrou na sala branca onde Harry Morgan jazia sobre uma mesa com rodas, tendo um lençol por cima de seu grande corpo. A luz era muito forte e não deixava sombra alguma na sala. Marie permaneceu na porta, olhando aterrorizada para aquele cenário brilhante.

— Ele não sofreu nada, senhora Morgan — disse o médico. Marie não parecia escutá-lo.

— Jesus Cristo! — exclamou ela, começando a chorar de novo. — Olha só como ficou o rosto dele, maldição!



“Eu não sei”, pensava Marie Morgan, sentada à mesa da sala de jantar. “Consgo aguentar um dia, depois outro dia, e uma noite, depois outra noite, e ver se algo muda. O diabo são as noites. Se me preocupasse com aquelas meninas, seria diferente. Mas não me preocupo com elas. No entanto, preciso fazer alguma coisa por elas. Tenho de arranjar um emprego. Talvez assim eu consiga superar essa coisa, como se tivesse morrido por dentro. Acho que não muda coisa nenhuma. Preciso me virar de alguma maneira. Hoje faz uma semana. Fico com medo de começar a pensar nele o tempo todo e isso acabar por me fazer esquecer como ele era. Foi o que aconteceu comigo quando fiquei tão apavorada que não pude recordar o rosto dele. Preciso começar a fazer logo alguma coisa, não interessa como estou me sentindo. Se ele tivesse deixado algum dinheiro ou se houvessem pagado alguma recompensa, seria melhor, mas eu não me sentiria melhor por dentro. Em primeiro lugar, tenho de tentar vender a casa. Aqueles filhos da puta atiraram nele! Filhos da puta nojentos. É o único sentimento que eu ainda tenho, ódio, e essa sensação de vazio. Estou tão vazia quanto uma casa vazia. Bem, preciso começar de algum jeito. Devia ter ido ao enterro. Mas não consegui. Preciso porém começar com alguma coisa, e já. Ninguém volta depois de morto.

Mas ele, o jeito dele, ranzinza, forte, rápido, um verdadeiro animal de luxo. Eu ficava excitada só de vê-lo se mover. Tive muita sorte em tê-lo tanto tempo só para mim. A sorte dele começou a desandar em Cuba. Em seguida, foi decaindo, até que um cubano o matou.

Os cubanos são um atraso de vida para os *conchos*. Os cubanos dão má sorte a qualquer pessoa! Tem também muitos negros em Cuba. Lembro da primeira vez que ele me levou a Havana, quando estava ganhando bom dinheiro. Estávamos passeando por um parque e um negro me disse qualquer coisa. Harry deu-lhe uma surra e, apanhando seu chapéu de palha que havia caído, jogou-o a cerca de meio quarteirão de distância, onde um táxi passou sobre ele. Ri tanto, que minha barriga chegou a doer.

Foi a primeira vez que tingi de louro meus cabelos, naquele salão de beleza no Prado. Trabalharam no meu cabelo durante toda a tarde, e quase se recusaram a aplicar a tintura quando viram que meu cabelo era tão negro na cor natural! Tive medo de ficar horrível, mas insisti, pedi que se esforçassem para fazê-lo ficar um pouco mais claro. Um cabeleireiro começou então a passar na minha cabeça aquela vareta alaranjada, com algodão na ponta, mergulhando-a numa tigela que tinha um líquido fumacento, pois soltava vapor, e com o pente separava os fios, usando também a ponta da vareta; depois alisava-os com o pente deixando-os secar em seguida. Eu permanecia sentada com um temor dentro do peito pelo que estava fazendo. E tudo que eu tinha dito era que os deixassem um pouco mais claros.

Finalmente, o cara disse: “Isso é o mais claro que os posso deixar sem risco, madame.” Em seguida, lavou-me a cabeça e ondulou-os. Eu tinha medo até de olhar, pensando que poderia estar horrível. Dividiu-os porém de um lado, deixou-os altos atrás da orelha, com pequenos cachos na nuca, e, como estava ainda úmido, eu não podia dizer como havia ficado, a não ser que estava todo mudado e me dava a impressão de eu ser uma estranha para mim mesma. Ele colocou uma rede por cima, enquanto estava molhado, e me pôs debaixo de um secador. Durante todo o tempo eu me sentia muito assustada. Quando saí do secador, tirou a rede e os grampos, penteou-o e eu verifiquei que estava como ouro.

Saí do salão e olhei-me num espelho. Meu cabelo brilhava extraordinariamente ao sol e parecia macio e sedoso quando pus a mão e o toquei. Eu não podia acreditar que fosse eu mesma e estava tão excitada que quase me sufoquei.

Desci pelo Prado até o café onde Harry estava me esperando. Eu me sentia muito excitada por dentro, com uma espécie de vertigem. Harry levantou-se quando me viu e não tirou os olhos de mim. Sua voz estava espessa e engraçada quando disse:

— Meu Deus! Como você está bonita, Marie!

E eu disse:

— Gosta de mim loura?

— Nem me pergunte! — respondeu-me. — Vamos para o hotel.

— OK, então, vamos — disse eu, que tinha apenas vinte e seis anos.

Ele sempre foi assim comigo e eu fui sempre assim com ele. Dizia-me que nunca tivera mulher alguma como eu e eu sabia que não havia homem como ele. Sabia disso muito bem, mas agora ele está morto.

Bem, está na hora de fazer alguma coisa. Sei que preciso fazer. Quando se teve um homem como aquele e um cubano inundo liquida com ele, não é possível começar assim de repente; porque tudo que havia dentro de mim desapareceu. Não sei o que fazer. Não é o que se passava quando ele estava fora, em suas viagens. Daí, ele sempre voltava, mas agora vou ter que me virar pelo resto de minha vida. E estou gorda, feia e velha, e não o tenho mais aqui para me dizer que não estou. Agora, só se eu pagasse a um homem para me fazer a corte, mas aí, acho que não ia querer nada com ele. Assim é que é, assim é que tem de ser agora. E é assim mesmo que vai ser.

Ele era tão danado de bom comigo e eu podia confiar nele, sempre arranjava dinheiro, de alguma maneira, e eu nunca precisava me preocupar com isso, mas apenas com ele. Agora, tudo acabou.

Não se trata do que acontece a quem é morto. Eu não me importaria se tivesse sido morta. No fim, Harry apenas estava cansado de viver, pelo que me disse o médico. Não chegou nem mesmo a acordar. Fiquei satisfeita por ele ter morrido suavemente, porque, Jesus Cristo!, como deve ter sofrido naquele barco! Será que pensou em mim, e no que terá pensado? Creio que nessas horas a gente não pensa muito em ninguém. Imagino que deve ter doído muito. No fim, porém, ele estava apenas cansado. Meu Deus, queria que fosse eu quem estivesse morta. Só que não adianta nada desejar isso. Aliás, não adianta nada desejar coisa alguma agora.

Eu não poderia mesmo ter ido ao enterro. Mas as pessoas não compreendem isso. Não sabem como a gente se sente por dentro. Porque os homens bons são raros. Não existem mais por aí. Ninguém sabe como a gente se sente, porque não sabem nada sobre como são as coisas, num caso desses. Eu sei. Eu sei muito bem. E se eu ainda viver vinte anos, vou fazer o quê? Ninguém vai me dizer o que devo fazer, e nada existe a fazer senão aceitar as coisas, ir vivendo o dia a dia e apenas começar imediatamente a fazer alguma coisa. Isso é o que tenho de fazer. Mas, por Deus, gostaria de saber o que é que vou fazer com as minhas noites.

Como é possível atravessar as noites quando não se consegue dormir? Imagino que se acaba descobrindo o que acontece, como nos sentimos ao perder o marido. Creio que acabamos descobrindo mesmo. Imagino que se descobre tudo nesta vida desgraçada. Creio mesmo nisso. Creio que provavelmente estou descobrindo isso agora. Basta apenas a gente ficar morta por dentro e tudo se torna mais fácil. Basta ficar morta, como a maioria das pessoas é na maior parte do tempo. Imagino que é exatamente assim. Creio que é isso mesmo que acontece conosco. Bem, eu já tenho um bom início. Já tenho um bom início, se isso é o que se tem de fazer. Acho que é, sim. Acho que tudo se resume nisso. Muito bem. Então, já tenho um bom início. E me sinto bem à frente de muita gente.

Lá fora fazia um dia adorável, muito fresco, dia de inverno subtropical, e as folhas das palmeiras agitavam-se sob a brisa suave do norte. Alguns turistas de inverno passaram de bicicleta diante da casa. Estavam rindo. No grande quintal da casa em frente, um pavão soltou seu guincho agudo.

Pela janela, podia-se ver o mar, que parecia sólido, novo e azul sob a luz do inverno.

Um grande iate branco estava entrando no porto e, sete milhas além, no horizonte, via-se um petroleiro pequeno e elegante, bem destacado contra o mar azul, bordejando os recifes enquanto navegava para o oeste, a fim de não desperdiçar combustível lutando contra a corrente.

Ter e não ter

Skoob do livro
<https://www.skoob.com.br/livro/29046-ter-e-nao-ter>

Wikipedia do autor
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernest_Hemingway

Good reads do autor
http://www.goodreads.com/author/show/1455.Ernest_Hemingway

Skoob do autor
<https://www.skoob.com.br/autor/125-ernest-hemingway>